CINEMA & VÍDEO

SET

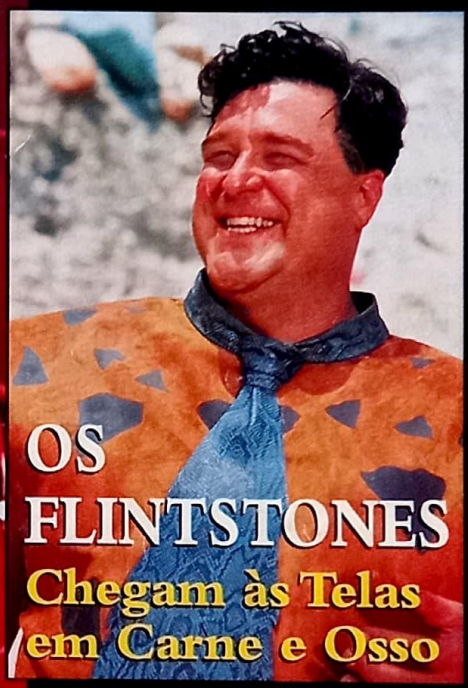
EDITORA AZUL

★ EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO ★

5633 - Junho, 1994 - Ed. 84 - Ano VIII - Nº 06 3,90 URV

DIVERSÃO À VISTA

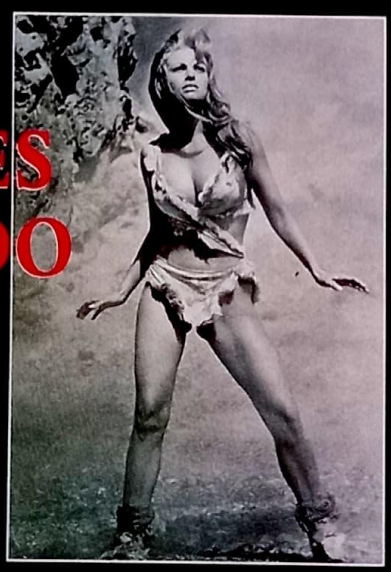
KIKA
A nova piração de Almodóvar



OS FLINTSTONES
Chegam às Telas em Carne e Osso

EDDIE MURPHY
Volta em *UM TIRA DA PESADA 3*

RUY CASTRO escolhe as MELHORES PERNAS DO CINEMA



SET faz um raio-X da TV POR ASSINATURA

CADERNO DE VÍDEO
A FAMÍLIA ADDAMS 2
E Mais 54 Lançamentos

ISSN 0104-1592
9 770104 159003 84>

RESGATE AUTOMÁTICO MULTIFUNDOS BANESPA. VOCÊ SEMPRE NA DIREÇÃO CERTA.

Todo dia o mercado financeiro aponta um bom negócio em uma direção diferente. E você precisa de rapidez, agilidade e tranqüilidade para suas aplicações. O Resgate Automático Multifundos Banespa é mais uma opção de serviço feita especialmente para você. Fundo Banespa de Aplicações Financeiras (FBN), Fundo Banespa de Commodities (FBC) e Fundo Banespa de Investimentos (FBI), integrados, para você ter a certeza de estar usando o recurso mais adequado para o momento. Basta autorizar o seu gerente. Resgate Automático Multifundos Banespa. Seja qual for o rumo que o mercado financeiro apontar, você vai estar sempre no caminho certo.

banespa

A FORÇA DA NOSSA GENTE

PARTICIPE DO DESENVOLVIMENTO DO SEU ESTADO

DELTA

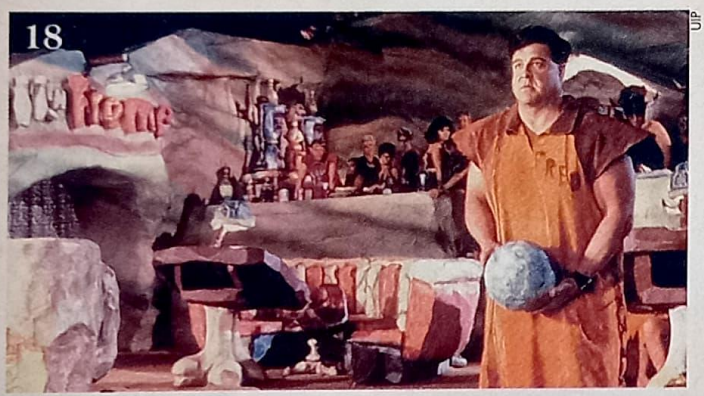
Programa

Se cinema é, antes de tudo, entretenimento, então este mês é uma boa amostra das várias faces que essa diversão pode assumir – desde o deboche de Pedro Almodóvar em seu novo *Kika* à fantasia de *The Flintstones* e a comicidade pateta e devastadora de Eddie Murphy em sua nova aventura, *Um Tira da Pesada 3*, que chega às telas brasileiras em agosto. Por trás de tanto humor, porém, há assuntos sérios. No caso de *Kika*, eles correm por conta da violenta investida do diretor contra a TV e sua exploração da dor alheia. Quanto aos Flintstones e Murphy, a questão é, claro, dinheiro: de um lado, a Universal se pergunta o quanto a pré-história ainda pode render nas bilheterias; de outro, o astro se indaga como recuperar seu prestígio e sustentar seu salário na atual – e exorbitante – cifra de US$ 15 milhões.

NA CAPA: Victoria Abril em *Kika* (Lumiere); John Goodman em *The Flintstones* (UIP); Raquel Welch (Stills); **CAPA DE VÍDEO:** Raul Julia em *A Família Addams 2* (CIC)

PlayArte

U.A.

UIP


Stills

Lumiere

4 TAKES
Os salários astronômicos de Hollywood

12 KIKA
Almodóvar ataca o sensacionalismo da TV

18 THE FLINTSTONES
O clássico desenho animado chega às telas com atores de carne e osso

24 ENSAIO
Ruy Castro mostra as melhores pernas do cinema

30 RADIOGRAFIA
Saiba tudo sobre o mercado de TVs por assinatura

38 UM TIRA DA PESADA 3
A cartada decisiva de Eddie Murphy

40 NOVOS FILMES
Michael Keaton e Glenn Close em *O Jornal*, a comédia dos irmãos Coen *Na Roda da Fortuna*, Madeleine Stowe em *Blink*

46 FREE SHOP

48 MITO
Billy Wilder, o mentiroso mais honesto do cinema

50 FILMOGRAFIAS

52 CONEXÃO L.A.
A guerra do verão nos EUA

53 CADERNO DE VÍDEO
A *Família Addams 2* e mais 54 lançamentos

76 ENTREVISTA
Joseph Barbera e o longa de Tom & Jerry

80 CARDÁPIO
Quando os atores decidem soltar a voz

84 CARTAS

86 NOSTALGIA

SEBO REVISTAS USADAS
Rua Cel. Colaço, 185 - S/03 - Centro
CEP 88701-110 - TUBARÃO - SC
9199-0990

Takes

Compilado por Deborah Peleias

ISMAIL MERCHANT

A ÍNDIA POR UM INDIANO

Com sua assinatura na produção de vários filmes de sucesso – incluindo seu trabalho para James Ivory em *Uma Janela para o Amor*, *Retorno a Howards End* e *Vestígios do Dia* –, já estava mais do que na hora de **Ismail Merchant** debutar na direção.

•

Muito mais que Bernardo Bertolucci, Ismail tem uma paixão especial pela Índia. Indiano "da gema", nascido em Bombaim, diz que sempre quis fazer um filme sobre a língua urdu. "A oportunidade chegou", revela Ismail, "quando li o romance de Anita Desai, *In Custody*, publicado há seis anos".

•

In Custody, que estreou em abril nos Estados Unidos, traz no elenco **Shashi Kapoor**, **Shabana Azmi**, filha do poeta urdu Kaifi Azmi, e **Om Puri**, ator de *Cidade da Esperança*.

LF

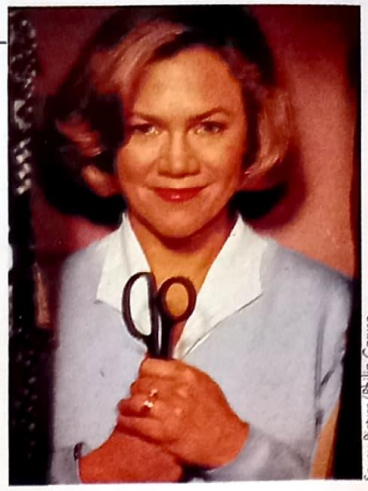
JOHN WATERS

AME-O OU DEIXE-O

Não há como negar, mas ou se ama ou se odeia a obra do diretor **John Waters**. Ele, que já realizou o *disgusting* *Pink Flamingos*, em que Divine come cocô, e as "gracinhas" *Hair Spray* e *Cry-Baby*, está de volta e por cima.

•

Seu último filme, *Serial Mom* (previsto para o segundo semestre no Brasil), está sendo badaladíssimo pela crítica americana, que elogia inclusive **Kathleen Turner** (foto à direita) – depois de um longo tempo no limbo, ela finalmente encontrou um papel decente.



Savoy Picture/Philip Caruso

•

O próprio Waters rasga a seda para Turner: "A primeira vez que a encontrei vi que ela tinha o tipo de humor e violência necessários ao papel. Kathleen adora ser má, e descobri isso ao vê-la em *A Guerra dos Roses*."

•

Em *Serial Mom*, Waters expõe mais uma vez as hipocrisias sociais, os pensamentos diabólicos das pessoas mais normais possíveis e ainda os segredos e mentiras atrás das fachadas mais decentes. É nesse ambiente que circula a mãe "serial" Turner. Numa das cenas, sua filha diz ao irmão, espantada: "Chip, nossa mãe é Charles Manson!".

VÍDEO 1

DINOS CHEGAM À TELINHA

UIP

A MCA/Universal Home Video anunciou que vai lançar *Jurassic Park* em outubro, mais exatamente no dia 4. Isso é incrível, pois até hoje não temos *Tubarão* em fita selada, e *E.T.* demorou décadas para ser lançado. Mas a melhor notícia é que o lançamento será simultâneo nos EUA e Brasil.

BRIDGET FONDA

TOPANDO OS RISCOS

Bridget Fonda está tentando provar que tem o sangue tão azul quanto qualquer um de sua família. Depois de *Mulher Solteira Procura* e *A Assassina*, a bonitinha do clã aceitou fazer a mãe do "pequeno Lama" na versão da história de Buda de **Bernardo Bertolucci**. Não é um grande papel, mas sem dúvida um bom papel.

•

Agora Bridget vai trabalhar com a sra. Bertolucci, **Clare Peploe**, roteirista e diretora de *High Season* (com Jacqueline Bisset). No filme intitulado *Rough Magic* (produzido por Laurie Parker, produtor de Gus Van Sant, e Jeremy Thomas, de Bertolucci), Bridget interpreta uma mágica americana que viaja pela América Central fazendo shows.

•

Anda-se falando "à boca pequena" que Peploe quer recuperar o mesmo realismo mágico que a impressionou em *Como Água para Chocolate*.

Stills

KEANU REEVES

EXEMPLO DE CONTEMPORANEIDADE

O rapaz está com tudo e não abre. *O Pequeno Buda* prova sua vontade de trabalhar. Em setembro, Keanu Reeves larga os mantras e chega aos cinemas brasileiros como um detetive em *Speed*, de Jan De Bont. Além disso, ele ocupa a vaga de Christophe Lambert no cyberpunk *Johnny Mnemonic*, adaptado da história de William Gibson. Sob a direção de Robert Longo, Keanu vai ao futuro viver altas emoções ao lado de Dolph Lundgren e Ice-T.

Mas a grande notícia sobre Keanu é que não são apenas as fãs que percebem seu potencial. Stephen Prina, instrutor do Art Center College of Design de Pasadena (Califórnia), introduziu em seu curso os filmes de Keanu Reeves. Entre Goethe, Hegel e Kant, toda semana os alunos podem estudar as nuances culturais dos filmes do ator. Prina tomou Keanu Reeves como exemplo para estudar o cinema moderno porque "ele tem um certo tipo de presença que pode ser usada com grande efeito, principalmente na cultura contemporânea". Concordamos plenamente!

Takes

Stills

VANESSA PARADIS

COLÍRIO CINEMATOGRÁFICO

Gérard Depardieu é mesmo um cara de sorte: em toda sua carreira sempre contracenou com mulheres belíssimas – como Catherine Deneuve em *O Último Metrô*, Isabelle Adjani em *Camile Claudel* e Andie MacDowell em *Green Card*.

•

A mais nova musa a trabalhar com Depardieu é **Vanessa Paradis**. Os dois encabeçam o elenco de *Joyeux Noel*, de **Jean Becker**, sobre dois órfãos adotados simultaneamente.

DE NIRO & PACINO

JUNTOS, FINALMENTE

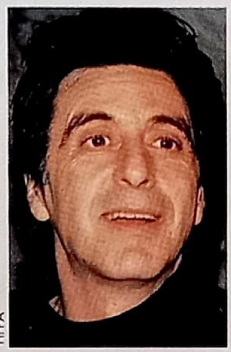
Os dois mega-astros só trabalharam juntos em *O Poderoso Chefão Parte II*, mas não apareceram na mesma cena em momento algum. Por isso, a Warner Bros. está salivando para que **Michael Mann** (*O Último dos Moicanos*, de 1992) tope a parada e dirija **Robert De Niro** e **Al Pacino** num longa.

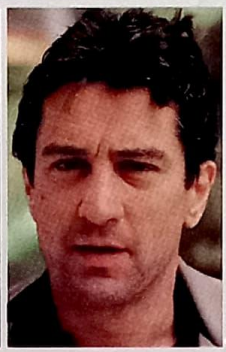
•

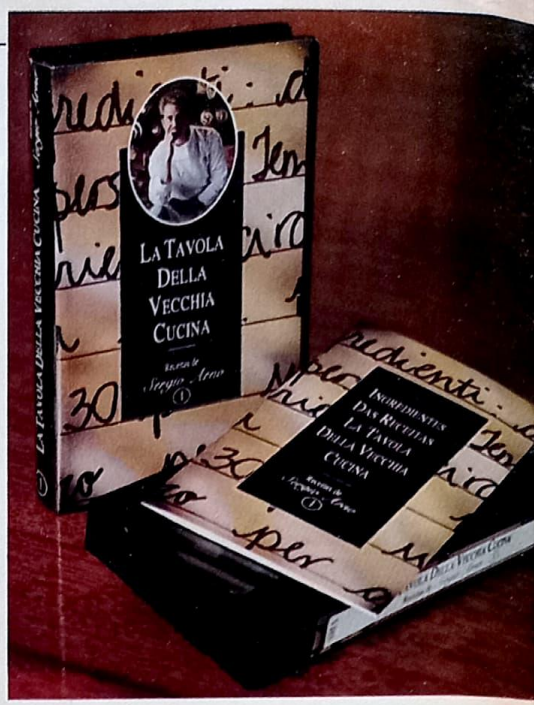
Antes mesmo de haver um projeto, já se comenta que eles viverão o crime do século. As filmagens estão sendo agendadas para o início de 1995 e acontecerão em Chicago ou Nova York, berços da criminalidade cinematográfica.

•

Enquanto o filme não sai do papel, De Niro trabalha em suas últimas cenas de *Casino*, junto a **Martin Scorsese**. E Al Pacino começou a filmar *Noriega*, de **Oliver Stone**, neste verão americano.


HFPA


Sygma



VÍDEO 2

COZINHA ITALIANA

Se você é aspirante a gourmet, chegou a hora de descobrir os segredos das receitas do chef Sérgio Arno, do restaurante La Vecchia Cucina, situado em São Paulo. Na fita *Vídeo nº 1 – La Tavola della Vecchia Cucina*, Arno apresenta "os pratos que ele faria para os amigos", mostra onde encontrar os ingredientes, a importância de cada alimento e também como manuseá-los. A fita está sendo vendida por reembolso postal através do telefone (011) 820-5044.

JOHNNY DEPP

APRENDIZ DE FEITICEIRO

FlashStar

Marlon Brando deu aulas de interpretação a Matthew Broderick (não que ele precisasse) em *Um Novato na Máfia*. O próximo aprendiz de feiticeiro é **Johnny Depp**.

•

A dupla é engraçada, se pensarmos que, na aparência, os dois não combinam. Brando e Depp se encontram na comédia *Don Juan De Marco and the Centerfold*, produzida por **Francis Ford Coppola** e dirigida e escrita por **Jeremy Léven**. A história trata de um psiquiatra (Brando) que tenta a todo custo enfiar na cabeça de um paciente (Depp) que ele não é a reencarnação de Don Juan.

HOLLERITH

AS GORDAS CONTAS BANCÁRIAS DE HOLLYWOOD

A revista americana *Entertainment Weekly*, na edição de 6 de abril passado, publicou o perfil salarial dos astros hollywoodianos – é de dar inveja a qualquer um. Segundo a reportagem, a espiral inflacionária começou praticamente junto com o cinema. Como exemplos, citam Mary Pickford, que recebia US$ 2 mil por semana em 1915; com o sucesso de seu personagem Carlitos e de *O Vagabundo* nos cinemas, Charlie Chaplin assinou um contrato para receber US$ 10 mil por semana, em 1917; Liz Taylor foi a primeira atriz a receber US$ 1 milhão por um filme, no caso *Cleópatra*, em 1959; e depois Marlon Brando, que por duas semanas de trabalho em *Superman* recebeu US$ 3,7 milhões, em 1978.

•

A reportagem divide os salários por categorias. Na primeira estão os "Top Guns", ou aqueles que recebem mais de US$ 8 milhões por trabalho. Na segunda, os "Strong Seconds", ficam aqueles que embolsam de US$ 3,5 a US$ 7 milhões. O mais impressionante dessa categoria é Jim Carrey, o chato de *Ace Ventura*, que vai receber US$ 7 milhões para atuar em *Dumb and Dumber*. E por fim há os "Best Buys", ou as boas barganhas, que inclui Holly Hunter por *A Firma* (US$ 500 mil) e Clint Eastwood por *Um Mundo Perfeito* (sem cachê, com percentagem da bilheteria).

•

Depois dos bem-pagos astros vêm as atrizes – que, com algumas exceções, não recebem cachês tão altos. Encabeçando o "Women's Club" (o "clube das mulheres") está Julia Roberts, que ganhou US$ 8,5 milhões para atuar em *Mary Reilly*, de Stephen Frears, e Whoopi Goldberg, com US$ 8 milhões por *Mudança de Hábito 2*.

•

Na última categoria estão os "milionários por mérito". A ela pertencem Chevy Chase, com US$ 4 milhões por *Cops & Robbersons*; Joe Pesci, com US$ 3,5 milhões por *Jimmy Hollywood*; e Daniel Day-Lewis, atualmente cobrando de US$ 3 a US$ 4 milhões.

TOP GUNS (em milhões de dólares)

ARNOLD SCHWARZENEGGER
True Lies
US$ 15

EDDIE MURPHY
Um Tira da Pesada 3
US$ 15

MICHAEL KEATON
Batman 3
US$ 15

BRUCE WILLIS
Duro de Matar 3
US$ 15

TOM CRUISE
Entrevista com o Vampiro
US$ 14-15

HFPA

KEVIN COSTNER
Waterworld
US$ 14

HARRISON FORD
Clear and Present Danger
US$ 10
Novas ofertas
US$ 12,5-15

SYLVESTER STALLONE
The Specialist
US$ 12

MICHAEL DOUGLAS
Disclosure
US$ 12

MEL GIBSON
Arma Mortífera 3
US$ 10

AL PACINO
Noriega
US$ 10

UIP

JACK NICHOLSON
Hoffa
US$ 10

ROBERT REDFORD
Cachê pedido
US$ 10

Fox

MACAULAY CULKIN
Getting Even with Dad
US$ 8

STRONG SECONDS (em milhões de dólares)

Warner

JIM CARREY
Dumb and Dumber
US$ 7

RICHARD GERE
Intersection
US$ 7

NICK NOLTE
I Love Trouble
US$ 7

STEVE MARTIN
Nora Ephron Christmas Film
US$ 6,5

TOM HANKS
Forrest Gump
US$ 5-6

WOODY HARRELSON
Money Train
US$ 5,5

MICHAEL J. FOX
Greedy
US$ 5

TOMMY LEE JONES
Cachê pedido
US$ 5

JEAN-CLAUDE VAN DAMME
Time Cop
US$ 5

Warner

DENZEL WASHINGTON
O Dossiê Pelicano
US$ 4-5

MICHAEL KEATON
Papéis que não sejam de Batman
US$ 4-5

BEST BUYS

ANDIE MACDOWELL
Feitiço do Tempo
US$ 600 mil

MIA FARROW
Manhattan Murder Mystery (oferta)
US$ 350 mil

CHRISTIAN SLATER
Entrevista com o Vampiro
US$ 250 mil

TopTape

ROBIN WILLIAMS
Aladdin
US$ 75 mil

BILLY CRYSTAL
City Slickers 2
sem cachê, com percentagem de bilheteria

Orvid Bunel

ROBERT REDFORD
Proposta Indecente
sem cachê, com percentagem de bilheteria

WOMEN'S CLUB (em milhões de dólares)

JULIA ROBERTS
Mary Reilly
US$ 8,5

WHOOPI GOLDBERG
Mudança de Hábito 2
US$ 8

MICHELLE PFEIFFER
My Posse Don't Do Homework
US$ 6

JODIE FOSTER
Nell (para atuar e produzir)
US$ 6

MEG RYAN
Cachê pedido
US$ 5-6

DEMI MOORE
Disclosure e *A Letra Escarlate*
US$ 5

SHARON STONE
Intersection e *The Specialist*
US$ 5

GEENA DAVIS
Cuthroat Island
US$ 2-3

KATHLEEN TURNER
Serial Mom
US$ 2-2,5

WINONA RYDER
Little Women
US$ 2-2,2

MARISA TOMEI
Just in Time
US$ 2

Columbia

Paris

GLENN CLOSE
The Paper
US$ 2

EMMA THOMPSON
Junior
US$ 1,5

HOLLY HUNTER
Cachê pedido depois do Oscar
US$ 1

VÍDEO 3

DA CAMA PARA O STEP

Acontece cada coisa neste mundo! **Traci Lords** e **Ginger Lynn** adoram mexer o corpo, e por isso entraram simultaneamente no mercado de homevideo com fitas de fitness. A de Traci se chama *Total Fitness with Traci Lords*, e a de Ginger, *Superbody*. Os dois vídeos são recomendados pelos médicos tanto para mulheres quanto para homens. No caso dos homens, para ver as duas deusas por ângulos diferentes.

MIRA NAIR

AMOR CUBANO

A diretora indiana **Mira Nair**, responsável por *Mississippi Masala* e *Salaam! Bombay*, declarou que deseja que seu último trabalho seja como "uma xícara de café cubano" – vendido em cada esquina em Miami.

•

The Perez Family, adaptação do romance homônimo de Christine Bell, como *Mississippi Masala*, conta a história da vida de imigrantes na América. No primeiro, Mira Nair mostrava a miscigenação de indianos com negros no Sul dos EUA. Agora ela lança seu olhar sobre a comunidade cubano-americana de Miami.

•

No elenco estarão **Anjelica Huston**, **Marisa Tomei** e **Alfred Molina**. Molina é um prisioneiro político do regime de Fidel Castro que não vê a hora de se reencontrar com a mulher Carmela (Huston) vinte anos depois. Quando é libertado em Miami, eles não conseguem se encontrar e Molina acaba caindo nos braços da voluptuosa Dottie (Tomei).

•

Nair disse que resolveu filmar a história porque é sensual e apaixonante, além de possuir um lado dramático, surreal e selvagem. E é lógico que ela prepara um final feliz!

KEITEL/HOPKINS

SEU NOME É TRABALHO

Harvey Keitel e **Anthony Hopkins** estão disputando o prêmio de "operário padrão". Sir Anthony atualmente encarna o dr. Kellogg – aquele mesmo, que inventou os Corn Flakes, o cereal matinal que até hoje encanta as crianças no mundo todo – na cinebiografia de **Alan Parker**, *The Road to Wellville*. A seu lado estão **Matthew Broderick** e **Bridget Fonda**.

•

Keitel preferiu ir para a Grécia e viver um homem mítico. Ele é o protagonista do mais novo filme do grego **Théo Angelopoulos**, *Le Regard d'Ulysse*. Com esse trabalho, Keitel e seu personagem vão se aventurar em diversas regiões, incluindo Sibéria, Bósnia e Macedônia. Mas não é só diversão, não. Em suas viagens, Keitel busca a essência da alma humana (?).

Paris

LEONARDO DICAPRIO

MEU GAROTO!

Raras são as vezes em que um talento é automaticamente reconhecido tanto pela crítica quanto pelo público – e também pelos executivos e diretores hollywoodianos. Esse é o caso de **Leonardo DiCaprio**, que debutou no cinema como o garoto que sofre nas mãos de **Robert De Niro** em *Despertar de um Homem*.

•

Os elogios vieram muito mais rasgados depois de sua performance em *What's Eating Gilbert Grape?*, no papel de um deficiente mental e irmão do não menos talentoso **Johnny Depp**. DiCaprio atuou muito melhor do que se esperava, o que lhe rendeu uma indicação ao Oscar de coadjuvante.

•

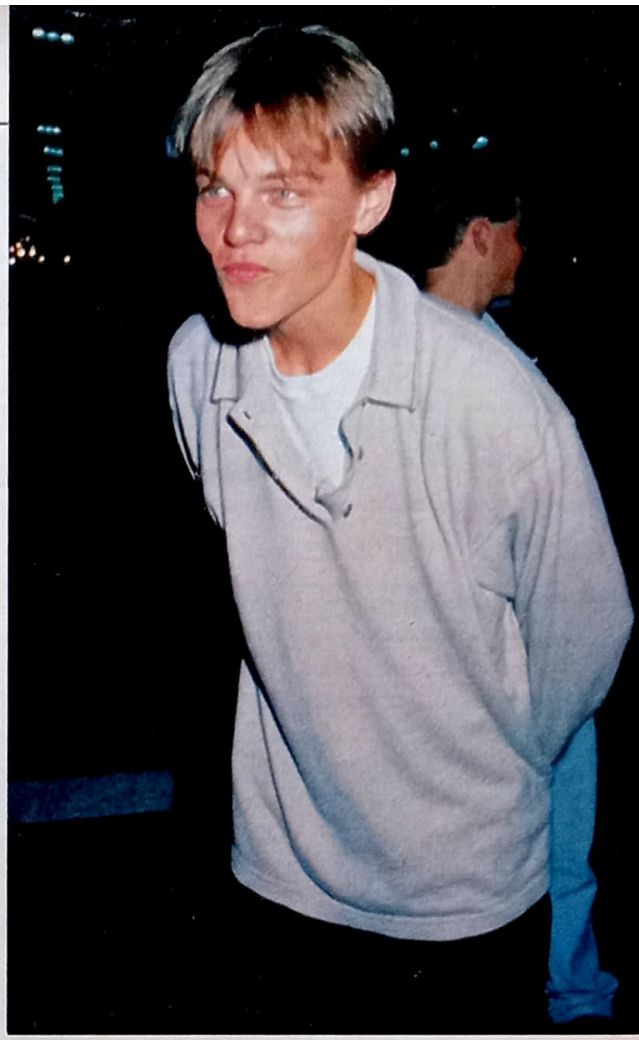
Esses dois personagens provaram que Leonardo não é apenas mais um rostinho bonito perdido na multidão cinematográfica. Tanto que foi seriamente cogitado para ocupar o lugar de **River Phoenix** em *Entrevista com o Vampiro* – mas os produtores o acharam jovem demais para o papel.

•

Apesar da idade (19 anos), Leonardo foi escalado para *The Quick and the Dead* e seu cachê foi pago pela própria estrela do western, **Sharon Stone**, que o exigiu no elenco. **John Schlesinger** e **Gus Van Sant** também o querem em seus próximos projetos. O de Schlesinger tem o título provisório de *The Foot-Shooting Party*, e o de Van Sant, *To Die For*.

•

Desde meados de março, Leonardo DiCaprio – a grande promessa para acalentar as "viúvas de Phoenix" – está se dedicando a *The Basketball Diaries*, filme dirigido por **Scott Kalvert**.



AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

CINEMA CHINÊS

ORIENTE-SE, RAPAZ!

Uma nova leva de filmes independentes está agitando o mercado cinematográfico chinês e dando muita dor de cabeça às autoridades. O que está acontecendo na China é o seguinte: vários cineastas – duros e trabalhando na base de "uma idéia na cabeça e uma câmera na mão" – estão exibindo suas obras sem a censura prévia do governo federal.

•

As autoridades estão preocupadas também com a proliferação dos filmes realizados através de companhias particulares e no mercado negro do sistema de distribuição – já que, para ser exibido na China, um filme precisa ser vendido para os principais estúdios, o que incluiu a "tesourada" do governo.

•

E é exatamente por isso que os filmes chineses estão tomando conta do mercado ocidental e dos principais festivais europeus. Os exemplos mais gritantes do "efeito chinês" são John Woo e a atriz Gong Li, elevados ao Olimpo em 1993 pelos americanos. Sorte nossa, pois só assim tivemos chance de assistir a algumas delícias realizadas pelos novos gênios da China – como O *Banquete de Casamento*.

CLINT & GIBSON

NA TERRA DO UÍSQUE

Eles não estarão no mesmo filme, mas tanto **Mel Gibson** quanto **Clint Eastwood** por algum tempo poderão ser vistos passeando pela Escócia.

•

Assim que terminou sua tarefa de presidente do Júri do Festival de Cannes, Clint rumou à terra do melhor scotch do mundo a fim de procurar locações para seu próximo projeto, intitulado *Golf in the Kingdom*, adaptação da obra de Michael Murphy.

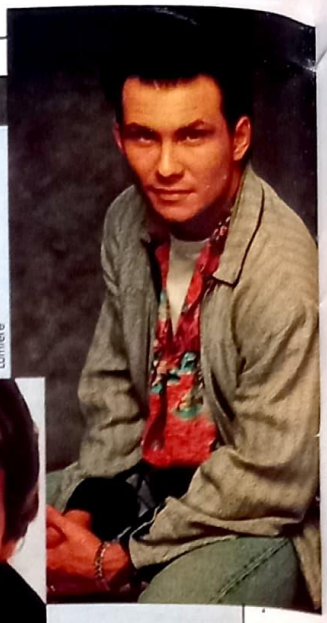
•

E Mel Gibson deixou as esporas de *Maverick* em casa e foi para a Escócia realizar seu segundo trabalho atrás das câmeras. *Brave Heart* é uma aventura passada no século 13, do jeito que o australiano gosta. O único perigo para Mel é o uísque, pois é público e notório que ele já foi chegado num bom gole.

JOVEM HOLLYWOOD

O PAPEL DOS SONHOS

A revista *Movieline* fez a seguinte pergunta a alguns jovens astros: "Qual papel de um filme já realizado você adoraria ter feito, e por quê?". As respostas mostram que estas estrelas em ascensão estão aprendendo muito bem a lição de seus antepassados de profissão.


Lumière

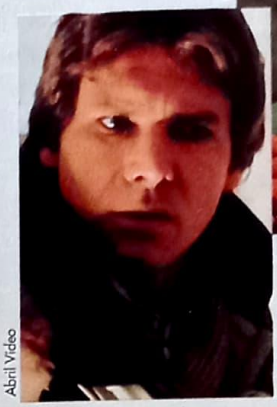
SHERYL LEE (*Twin Peaks* e *Os Cinco Rapazes de Liverpool*, que estréia em julho)
"Por razões espirituais e artísticas, sempre fui fascinada por Maria Madalena, vivida por Barbara Hershey em *A Última Tentação de Cristo*, filme que vejo e revejo sem parar. Esse é o tipo de papel que permite ao espírito se expressar através da arte."

LFI

UIP

NICOLE KIDMAN (*Malícia*)
"Adoraria ter vivido a Scarlett O'Hara de *...E o Vento Levou* e a personagem de Bette Davis em *A Malvada* – esta última porque fiquei fascinada com o estudo sobre o trato entre uma atriz veterana e uma iniciante."

LFI


Abril Video

CHRISTIAN SLATER (*Amor à Queima-Roupa*)
"A primeira coisa que me vem à cabeça é Han Solo, personagem de Harrison Ford em *Guerra nas Estrelas*, um dos meus filmes favoritos. Você tem idéia do quanto os personagens ajudam a moldar uma personalidade? Han Solo moldou a minha. Ele é o mais *cool* e insinuante, e eu tenho tentado incorporar algumas de suas qualidades. Quem sabe eu consiga?"

Reina

Warner

EDWARD FURLONG (*O Exterminador do Futuro 2*)
"Adoraria ter interpretado Jack Torrance, personagem de Jack Nicholson em *O Iluminado*, porque sempre quis assustar as pessoas com um machado."

É um filme.
Só que com
19 finais felizes.

La Tavola della Vecchia Cucina apresenta 19 receitas da coleção particular de Sergio Arno. De entradas a sobremesas, você vai experimentar pratos mais suaves e inventivos que os da tradicional Cozinha Italiana. E o que é melhor, La Tavola della Vecchia Cucina traz um livrinho com todos os ingredientes, tornando prático o preparo das receitas. Com certeza, La Tavola della Vecchia Cucina é um daqueles filmes que você torce para nunca acabar. Mas, quando acaba, você fica satisfeito.

19 Receitas Especiais de Sergio Arno em Vídeo

LA VECCHIA CUCINA

Vendas pelo tel.: (011) 820-5044

PEDRO ALMODÓVAR
mundo-cão de pelúc

O diretor de *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* investe contra o sensacionalismo da TV em seu novo *Kika*

Uma heroína otimista (Veronica Forqué), descendente direta da Audrey Hepburn de *Bonequinha de Luxo*; uma repórter (Victoria Abril) sedenta de sangue e de fatos escabrosos para alimentar seu programa de TV, intitulado *O Pior do Dia*; uma empregada (Rossy De Palma) apaixonada por sua patroa; um presidiário foragido (Santiago Lajusticia) e que protagoniza com Kika o mais longo – doze minutos – e bizarro estupro da história do cinema; um namorado sensível (Alex Casanovas) e seu padrasto (Peter Coyote), um fotógrafo e escritor adepto do voyeurismo; e uma Madri ultraviolenta, perigosamente próxima do caos. Em torno desses elementos o espanhol Pedro Almodóvar constrói seu décimo filme, *Kika*, sem abandonar a euforia e o otimismo que marcaram seu cinema nos anos 80, mas abrindo espaço agora para um duro ataque à comercialização da dor pela televisão. Em entrevista exclusiva à SET, Almodóvar conta como nasceu *Kika*.

O que o levou a escrever *Kika*? Algum fato real ou é uma criação totalmente sua?

Quando começo a escrever, nunca sei se aquilo acabará em roteiro, e se o roteiro acabará virando um filme. Escrevo por prazer e, muitas vezes, para me distrair do que estou fazendo. *Kika* nasceu da leitura de *Carne Viva* (editora Best Seller), uma novela policial de Ruth Rendell. No primeiro capítulo, um rapaz invade a casa de uma garota. O rapaz tenta fugir, eles brigam, quebram uma janela, e uma vizinha chama a polícia. No começo tentei adaptar essa cena mas, como havia uma janela, imaginei que alguém deveria estar vendo o que se passava lá dentro. Assim surgiu o personagem do voyeur de *Kika*. Agora, se o cara entrou no edifício, alguém teria que ter aberto a porta para ele – e daí surgiu a irmã-cúmplice, que por sua vez é empregada de Kika. Eu tinha acabado de filmar *De Salto Alto* e sentia que precisava fazer uma comédia. Eu precisava de uma certa dose de otimismo em minha vida, e como projeção dessa necessidade surgiu a Kika-personagem, uma mulher dotada de vitalidade e otimismo à prova de fogo. Essa primeira adaptação não tinha nada a ver com o que li no livro, mas reconheço que foi ele que acendeu a fagulha.

Em seus filmes as mulheres sempre passam por alguma dificuldade ou angústia ligada ao sexo – Kika, por exemplo, é estuprada. Ao mesmo tempo, você parece ser um grande admirador das mulheres. Esse "sofrimento feminino" é circunstancial ou é um instrumento para revelar uma força peculiar às mulheres?

Nos meus filmes as mulheres, e os homens, vivem quase sempre em situações extremas. Gosto de contar histórias cheias de tensão, não concebo um filme em que os personagens sejam felizes. Para mim, o importante é explicar como eles lutam contra a adversidade e sobrevivem a ela. Faço isso de coração, e sem julgar meus personagens. Nos meus filmes há mais mulheres do que homens, por isso a impressão de que elas é que têm mais conflitos. Acho que sou um feminista de verdade, e meu coração está sempre do lado do personagem feminino. Mas isso não quer dizer que as mulheres de meus filmes sejam perfeitas – são muito imperfeitas e complexas, muito livres, com grande autonomia moral e vitalidade. O fato de que a longa cena do estupro de Kika tem um caráter predominantemente cômico não significa ofensa alguma. O que pretendo mostrar é a força e sentido prático femininos: apesar do horror da situação, Kika é capaz de tentar uma negociação com o estuprador para que aquilo acabe o quanto antes. De qualquer modo, meus filmes não podem ser vistos de forma literal ou linear.

Os programas sensacionalistas de TV são hoje um elemento fundamental na Espanha? Andrea Caracortada, a mulher-câmera que Victoria Abril faz em Kika, é mais uma crítica ou uma constatação?

Na Espanha, os *reality shows* ocupam os primeiros lugares de audiência. É um fenômeno que surgiu há apenas um ano, e muitos profissionais vêm denunciando a falta de limites morais desses programas. Eu, como cineasta, os ataco através de Andrea Caracortada, mas inventei o tipo de programa que ela faz; preferi fazer uma reflexão sobre a estética do horror nos últimos vinte anos, o pós-punk, o *gore*, o *trash*. No entanto, mais além do aspecto visual, Andrea representa uma realidade que me apavora, esse mercado do sangue e da tragédia que domina as TVs, a falta de respeito pela dignidade mais básica do ser humano. Se você rouba a dor das pessoas, não resta nada a elas.

ia

Fotos Lumiere

Você diria que a escolha de sua atriz principal – por exemplo, de Carmen Maura para Victoria Abril e agora Veronica Forqué – define uma mudança de tom já no roteiro de seus filmes? Até que ponto as próprias atrizes contribuem para a caracterização dos personagens?

A primeira coisa que faço é escrever o roteiro. Nunca penso em atrizes concretas, porque durante seu desenvolvimento o roteiro muda tanto que, até terminá-lo, não sei de que tipo de intérprete preciso. Depois é que dou cara aos personagens.

Por que você pensou em Peter Coyote para *Kika*? Sua escolha tem algo a ver com *Lua de Fel*, de Roman Polanski?

Eu tinha acabado de ver *Lua de Fel*, em que Peter está magnífico. Para *Kika* eu precisava de um ator americano, elegante, um pouco boêmio e com cara de escritor, já que essa é sua profissão na história. Peter reunia todas essas qualidades, então o chamei.

As cores têm um papel dramático em seus filmes. Em que ponto da produção você define a concepção visual?

Para mim a cor, como a música, é essencial à narrativa. Em ambos os casos, atuo de modo muito rigoroso, mas às vezes bastante abstrato, na base da intuição. Isso faz com que o processo seja demorado, porque faço muitos testes até tomar uma decisão. Na verdade, com os cenários e as cores atuo como um pintor, que em vez de cores tivesse objetos. Termino parte desse processo antes de rodar, durante a escrita. Mas a parte mais importante fica para as filmagens; mudo muito do que está no roteiro.

A caracterização de Andrea Caracortada é totalmente uma criação de Jean-Paul Gaultier ou foi feita a quatro mãos?

A criação se inspirou diretamente nas idéias que dei a Gaultier, e ele concluiu sua realização comigo a seu lado; tomamos as decisões em conjunto. De qualquer forma, o trabalho de Jean-Paul superou minhas expectativas. É o artista com quem melhor me entendi até hoje – quer dizer, dos que não se dedicam exclusivamente ao cinema.

Sou uma prova da democracia de meu país, da liberdade e da ausência de censura

Até que ponto você interfere na criação da trilha sonora de seus filmes, e como se deu esse processo em *Kika*?

Interfiro em tudo que se relacione ao filme – e na música também, claro. No caso de *Kika*, eu mesmo escolhi os temas. Descobri um "Concerto para Bongo" de Pérez Prado, uma verdadeira obra-prima, selvagem, violenta e primitiva que caía muito bem com as aparições de Andrea Caracortada. Para o personagem de Kika escolhi outros mambos, mais festivos, mais energéticos e lúdicos, também de Pérez Prado. Eu levaria um tempão para explicar como escolho as músicas para meus filmes. Normalmente uso o mesmo sentido eclético e barroco que emprego ao escrevê-los.

Só agora o Brasil vai conhecer comercialmente *A Lei do Desejo*, seu último filme de temática dominantemente homossexual e religiosa. Como você vê *A Lei do Desejo* hoje, quatro filmes depois?

Acho que *A Lei do Desejo* pode ser tão interessante hoje quanto há oito anos. Voltei a vê-lo na televisão e acho que mesmo hoje não poderia melhorá-lo. O tema é eterno: o desejo insatisfeito e cego pertence à nossa natureza. É provavelmente o filme mais irresponsável que já fiz, com atuações quase milagrosas; o filme em que as emoções aparecem mais nuas.

Você é hoje o maior nome do cinema espanhol, e um nome extremamente irreverente num país que, mesmo tendo passado por profundas transformações sociais e econômicas, é ainda muito conservador. Como a Espanha o vê hoje, e como você vê a Espanha?

Neste momento não estou na moda na Espanha, e não sei como a Espanha me vê. Tudo que posso dizer é que, nas ruas, as pessoas me cumprimentam com um carinho genuíno e me vêem como um deles. Nunca escondi minha origem rural ou a classe social a que pertenço. É claro que minhas histórias podem ser classificadas como escandalosas, mas aqui são encaradas com naturalidade. De qualquer jeito, a Espanha é o país menos conservador da Europa. Sou uma prova da democracia de meu país, da liberdade e da ausência de censura. Na época de Franco, eu não poderia filmar uma única imagem.

O acordo sobre as leis audiovisuais é hoje o ponto mais polêmico do Gatt. Você acha que o cinema americano é de fato um invasor capaz de afetar diretamente a produção européia, como defende Wim Wenders?

Sim, concordo com Wenders. O cinema americano hoje domina de fato o mercado europeu. O que mais eles poderiam querer? Eles não podem falar de protecionismo – eles é que o inventaram. As telas americanas exibem uns 2% de filmes estrangeiros, enquanto que na Espanha exibem-se uns 80% de cinema americano. Acho muito cinismo eles nos acusarem de protecionistas – e não se trata de uma postura anti-americana; gosto do cinema americano.

O que você acha da intenção de Antonio Banderas de dirigir *Don Juan*?

Ambiciosa demais. Ele poderia interpretar um Don Juan estupendo, mas não posso

Victoria Vai a Hollywood

A madrilenha Victoria Abril completará 35 anos de idade e vinte de carreira em julho. Começou fazendo (quase) tudo que pintava pela frente, inclusive a gravação de quatro discos, que considera deploráveis. Apesar de ter hoje cerca de setenta filmes no currículo, sua carreira só decolou quando foi morar uns tempos na França, onde realizou A Lua na Sarjeta (83), *de Jean-Jacques Beineix. Cada vez mais requisitada para papéis de mulheres viciadas em sexo, drogas e/ou poder, Abril explorou seus olhos marotos e lábios carnudos quando foi "adotada" por Almodóvar em seus três últimos filmes. Sempre à procura de um papel diferente, ela estréia no cinema americano com a comédia* Jimmy Hollywood, *de Barry Levinson, na qual atua com Joe Pesci e Christian Slater.*

Ch. P.

Victoria Abril como Andrea Caracortada; abaixo, Rossy De Palma e Veronica Forqué

imaginar que ele tenha a energia necessária para controlar todo o jogo por trás das câmeras. A direção de *Don Juan* não é para um debutante – mas nunca se sabe.

Que projetos de outros cineastas a El Deseo estaria interessada em produzir?

Adoraríamos produzir Kieslowski, Jane Campion, Quentin Tarantino, mas temo que todos eles já tenham produtor. Estamos preparando a produção de dois filmes espanhóis, de autores jovens, e uma coprodução argentina. E espero já estar preparando meu próximo filme antes do final do ano.

E qual será ele?

Agora estou trabalhando em três histórias de uma vez e não sei qual delas será meu próximo filme. Provavelmente eu as faça todas. Meu sonho é, depois de rodar um filme, evitar a promoção e começar a rodar outro no ato. Woody Allen é o único que consegue isso mas, como todo mundo sabe que ele é neurótico, permitem que ele se negue a dar entrevistas. Estou pensando em me fazer de neurótico também.

Christian Petermann, Deborah Peleias e Isabela Boscov

SET

Diretor Adere ao Discurso Moral

Depois de virar de ponta-cabeça a sociedade espanhola nos seus filmes anteriores, Pedro Almodóvar tenta outros caminhos em Kika. Trocou o que sabe fazer muito bem – parodiar – por um discurso moral que ainda não domina, sem dispensar os ingredientes de sempre: sexualidade frenética, sucessão de qüiproquós rocambolescos e personagens que oscilam entre a neurose e o cinismo. O filme patina entre a comédia e o drama, e o resultado é irregular e pouco eficaz. Há algumas peripécias hilariantes – como a cena do estupro –, mas Kika não deslancha.

O filme pretende mostrar o processo de liberação de uma mulher, a maquiadora Kika (Veronica Forqué), que enfrenta simultaneamente uma galeria incrível de tipos: o marido edipiano e instável, o amante assassino, a empregada lésbica, um ator pornô fugido da prisão e uma jornalista sedenta de sensacionalismo. Mas Kika é exageradamente sonsa para viver esse tipo de experiência. Enganada por todos, ela segue em frente, tagarela e simplória como antes, enquanto os outros acabam sendo punidos. Este é o primeiro juízo moral de Almodóvar.

O segundo vem através da repórter de TV Andrea Caracortada (Victoria Abril), certamente o personagem mais anti-almodovariano de todos os tempos. Apresentadora do reality show *chamado* O Pior do Dia, *que traz as mais escabrosas imagens da dor alheia, Andrea leva ao paroxismo seu trabalho como jornalista, chegando ao ponto de sacar de uma pistola para exigir que um moribundo lhe conceda uma entrevista.*

Com uma aparência trash glamourizada, *Andrea anda pela cidade numa moto, usando um capacete-câmera e outros dispositivos* high-tech, *à procura de tragédias para converter em espetáculo, como os* media-warriors *de Los Angeles. Aqui Almodóvar não está para brincadeiras: o personagem é uma crítica séria aos* reality shows *que invadiram a TV espanhola, mas o diretor não encontrou o tom exato para esse tipo de discurso. A atmosfera de comédia que o filme acaba mantendo prejudica a eficiência das metáforas construídas em torno de Andrea e da televisão. Como crítica à TV, é mais contundente o pastiche do programa literário* É Preciso Ler Mais, *apresentado pela própria mãe do diretor: quando se trata de paródia debochada, Almodóvar não costuma falhar.*

Alexandre Agabiti Fernandez

Kika, Espanha/França, 1993 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Pedro Almodóvar ■ FOTOGRAFIA: Alfredo Mayo ■ MÚSICA: Jean Paul Mugel ■ FIGURINOS: Jose Maria Cossia ■ CENÁRIOS: Alain Bainee e Javier Fernandez ■ Com Veronica Forqué, Peter Coyote, Victoria Abril, Alex Casanovas, Rossy De Palma ■ DISTRIBUIÇÃO: Lumiére ■ DURAÇÃO: 115 min.

Quem Veste a Mulher-Câmera

O estilista francês Jean-Paul Gaultier é o rei da moda-absurdo. Lembra do sutiã em forma de cone prateado que Madonna usava na turnê Blond Ambition? *Criação dele. Já viu alguma daquelas malhas colantes com estampa de caveira? Outra travessura desse* enfant terrible *(que, aliás, já é quarentão). Parisiense, ele vive às voltas com tecidos e tesouras há 24 anos e já trabalhou até na maison de Pierre Cardin. Mas a fama só veio na década de 80, período em que virou sinônimo de irreverência, na contramão da estética-bem-comportada dos yuppies. Há cinco anos já vestia mocinhas despudoradas com hábitos de freira, só para provocar. Golpe de mestre ou golpe de sorte, o estilo "religioso" parece estar virando uniforme nos anos 90. Agora mais esta: ele aprontou modelitos-armadura para Victoria Abril em* Kika. *Será que a moda pega?*

Claudia Visoni

OS TIPOS DE ALMODÓVAR

PEPI, LUCI, BOM

(Pepi, Luci, Bom y Otras Chicas del Montón, 1980) Com Carmen Maura, Eva Siva, Olvido "Alaska" Gara. 85 min.

A dona-de-casa Luci transforma-se ao conhecer a vizinha Pepi – que cultiva maconha em vasos na janela – e ao se apaixonar por Bom, roqueira que topa tudo por sobrevivência. Uma Madri new wave, com cores fluorescentes, modelitos *sui generis* e muito sexo.

LABERINTO DE PASIONES

(1982) Com Cecilia Roth, Imanol Arias, Antonio Banderas. 100 min.

Histórias de amor em ritmo de comédia musical. A ninfômana Sexilia é integrante de um violento grupo feminino de rock, Las Ex, e namora o herdeiro de um imperador árabe deposto – que só está interessado em perfumes e homens. Banderas é o ex-namorado do herdeiro, que o encontra pelo cheiro.

ENTRE TINIEBLAS

(1983) Com Cristina Sánchez Pascual, Julieta Serrano, Marisa Paredes, Carmen Maura. 115 min.

Cantora de boleros provoca a morte de seu namorado ao lhe injetar mistura de heroína e estricnina. Desesperada, pede "asilo" no convento das Redentoras Humilhadas, cuja madre superiora é heroinômana e está à frente de irmãs masoquistas, ecológicas ou pornográficas.

¿QUÉ HE HECHO YO PARA MERECER ESTO!

(1984) Com Carmen Maura, Angel de Andrés López, Veronica Forqué. 102 min.

Gloria é uma dona-de-casa em crise nesta tragédia cômica, quase neo-realista. Histérica, sem as anfetaminas que a mantinham em pé por dezoito horas, "vende" o filho para um senhor de idade e se recusa a passar uma camisa para o marido. Ele a esbofeteia, ela o mata.

MATADOR

(1986) Com Assumpta Serna, Nacho Martínez, Antonio Banderas, Julieta Serrano, Carmen Maura. 110 min. Em vídeo: Look.

Eros e Tanatos no filme mais sério do diretor. Advogada e ex-toureiro só alcançam o orgasmo ao matar os respectivos parceiros. Entra em cena um jovem sensitivo (Banderas), que admira a virilidade do toureiro e sabe de seus crimes – ao mesmo tempo em que faz de tudo para fugir ao jugo da própria mãe, fanática religiosa.

Fox

A LEI DO DESEJO

(La Ley del Deseo, 1987) Com Eusebio Poncela, Carmen Maura, Antonio Banderas, Bibi Andersen. 100 min. Breve em cinema pela Look Filmes.

Pablo e Tina são irmãos, mas Tina já foi Tino – até que, como resultado de vários estupros cometidos pelo próprio pai, decidiu mudar de sexo. Hoje ambos cuidam de uma garota (cuja mãe é interpretada pelo travesti Bibi Andersen). Banderas faz o amante obcecado de Pablo.

Top Tape

Orion

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

(Mujeres al Borde de un Ataque de Nervios, 1988) Com Carmen Maura, Fernando Guillén, Julieta Serrano, Antonio Banderas, Rossi De Palma, María Barranco. 88 min. Em vídeo: Globo.

Almodóvar alcança seu primeiro sucesso internacional com esta comédia pastelão, repleta de personagens deliciosos. A revolta das mulheres sacaneadas: Pepa manda seu homem pastar após descobrir que ele tem uma amante. A ex-mulher foge do hospício para seguir os passos de seu antigo carrasco. Uma amiga de Pepa foge da polícia por ter namorado um terrorista. De resto, LPs voadores, táxis ultra-equipados, gaspacho bombástico, motos envenenadas, peruca, saltos altos e muitos faniquitos. Um clássico do humor anos 80.

ÁTA-ME!

(Atame!, 1990) Com Victoria Abril, Antonio Banderas. 101 min. Em vídeo: LK-Tel/Vídeo.

Atriz pornô viciada em drogas é raptada por jovem recém-saído de orfanato e louco para formar uma família nos moldes tradicionais que nunca conheceu. Mordaças, amarras, sadomasô, hematomas, Ennio Morricone na trilha e paixões *calientes*.

DE SALTO ALTO

(Tacones Lejanos, 1991) Com Victoria Abril, Marisa Paredes, Miguel Bosé. 113 min. Em vídeo: Top Tape.

Ajuste de contas entre mãe, atriz e cantora de sucesso, e filha, âncora de telejornal. É um melodrama cômico que deslancha a partir do assassinato do marido da filha – e ex-amante da mãe. Miguel Bosé, em papel triplo, personifica também uma *drag queen*.

Christian Petermann

Top Tape

Todos os filmes têm roteiro de Almodóvar, à exceção de *Matador*, no qual divide o crédito com Jesús Ferrero; todos são produções espanholas, excetuando-se *De Salto Alto* e *Kika*, co-realizados com a França.

adm pitluk

JAPAN POP SOM

A Sanyo está trazendo para o Brasil um dos maiores sucessos musicais do Japão. O Compact System DC-D30. Com ele, você vai conhecer os grandes hits mundiais da tecnologia. Como o equalizador, que oferece um ajuste específico para cada estilo de música. São 8 opções pré-programadas e 3 programáveis, além de um visor digital que apresenta analisador de espectro com 5 modos de visualização. A gravação do CD para fita é totalmente computadorizada, com quatro formas diferentes de edição. E como parte do show, o Sanyo DC-D30 ainda oferece timer, sleep, wake-up (despertador), rádio digital AM/FM com 36 posições de memórias, entrada para microfone, toca-discos e videocassete ou videodisco. Sanyo DC-D30. A tecnologia traduzida em fidelidade, potência e decibéis.

SANYO

THE FLINTSTONES
NO TEM
DINOSSAUROS
Depois de mostrar o lado selvagem da pré-história e
adaptação cinematográfica do clássico desenho anim
Fotos UIP

Casais pré-históricos: da esquerda para a direita, Rick Moranis e Rosie O'Donnell como Barney e Betty Rubble, e Elizabeth Perkins e John Goodman como Wilma e Fred Flintstone

PO DOS CAMARADAS

m *Jurassic Park*, Steven Spielberg produz agora a ado da TV, que chega às telas brasileiras este mês

Por José Emilio Rondeau

THE FLINTSTONES

O calor já ultrapassou de longe os 40 graus em CalmCat Quarry, uma pedreira a 45 minutos de Los Angeles onde foi montada parte do cenário exterior de *The Flintstones*, a adaptação para o cinema do clássico desenho animado da televisão.

Trabalhar nessas condições, ao ar livre e sem outra proteção além de um corriqueiro filtro solar e lenços encharcados de água gelada, é uma tortura. O orçamento inicial inchou a ponto de ter emagrecido os cofres da Universal Pictures em coisa de US$ 45 milhões (a cifra oficial) a US$ 60 milhões (a conjectura da imprensa especializada). Mas o que está atormentando o diretor Brian Levant nesta manhã de junho – em que ele comemora 41 anos – é a lembrança da agressão física que ele cometeu contra uma delicada parte do corpo da maior estrela do elenco: Brian depositou todos seus 100 quilos sobre o pé de Elizabeth Taylor.

"Neste filme todo mundo aparece descalço!", justifica o diretor, recordando o doloroso episódio. "Eu acabei pisando no pé dela, e ela gritava 'aaagh!'." Levant quase morreu de vergonha. "Ela desapareceu do set e, quando surgiu novamente, estava mancando, com o pé enfaixado. Por dentro eu queria morrer, até que a equipe começou a gargalhar e vi que tudo aquilo não passava de brincadeira. Depois ela me propôs uma partida de vôlei."

CONEXÃO DINOSSAURO

Se o vôlei e os pés de Elizabeth Taylor – que faz a sogra de Fred Flintstone no filme – fossem os maiores problemas de Levant, ele poderia ir dormir tranqüilo. Mas a realidade é bem outra. *The Flintstones* é o filme com que a Universal espera arrombar as bilheterias no verão americano de 1994, da mesma forma que *Jurassic Park* fez a festa do estúdio um ano antes. A "conexão dinossauro", por assim dizer, tem um pé-de-coelho a seu favor: Steven Spielberg, o produtor e "luz" do projeto.

Foi Spielberg quem deu partida no projeto, em 1987, e foi ele quem selecionou Levant, fã incondicional da série, para dirigi-lo. O mesmo time de *Jurassic Park* – a Industrial Light & Magic de George Lucas, as oficinas de Stan Winston e Michael Lantieri – está envolvido nos efeitos especiais e visuais do filme para criar Dino (um homem de verdade está dentro da fantasia), o DictaPássaro, o carro da família e diversos animais "utilitários" – com uma ajuda das criaturas da Jim Henson's Creature Shop. Até o cenário montado em CalmCat homenageia carinhosamente Spielberg: o playground da cidade chama-se "Jurassic Park", onde é proibido deixar "o velociraptor sem coleira".

"Por sorte Spielberg tinha assistido a *Beethoven* e gostado", lembra Brian Levant, referindo-se à sua recente colaboração com o produtor Ivan Reitman, um sucesso que rendeu US$ 142 milhões à Universal. "Ele também conhecia meu trabalho em televisão, produzindo os seriados de TV dos anos 70 *Happy Days* e *Mork and Mindy* (que lançaria, coincidentemente, a carreira de Robin Williams). Acho que ele enxergou em mim alguém que havia passado toda a vida adulta trabalhando com entretenimento para a família e que, além disso, tinha entusiasmo." E não só isso. "Eu disse a Spielberg que tinha uma coleção enorme de souvenirs dos Flintstones, com mais de 200 objetos. E acho que isso o agradou."

Levant não mente. Sua vasta coleção inclui um boneco de Fred Flintstone datado de 1962 (com cabelos verdes!) e uma casa dos Flintstones

MARCA PRÉ-HISTÓRICA INVADE O PLANETA

MAIS DE 500 NOVOS PRODUTOS LIGADOS AOS FLINTSTONES CHEGARÃO ÀS LOJAS ESTE ANO NO MUNDO INTEIRO, EM CONJUNÇÃO COM O LANÇAMENTO DO FILME PELA UNIVERSAL. DE LIVROS, VIDEOGAMES, RELÓGIOS DE PULSO, ROUPAS E BRINQUEDOS (VEM AÍ UM BONECO COM A CARA DE JOHN GOODMAN) ATÉ COMIDAS (PROMOÇÕES DO MCDONALD'S) E LANCHEIRAS (PELA BAGATELA DE US$ 65), OS CINQÜENTA LICENCIADOS AUTORIZADOS PELA HANNA-BARBERA SE ENCARREGARÃO DE INUNDAR O PLANETA COM UMA VARIEDADE DE PRODUTOS COM A MARCA PRÉ-HISTÓRICA.

SERÁ A CAMPANHA DE MERCHANDISING MAIS AGRESSIVA E ABRANGENTE DESDE A REALIZADA PARA BATMAN – O RETORNO E JURASSIC PARK.

OS PLANOS DE MERCHANDISING MAIS ARROJADOS FICAM POR CONTA DA REDE MCDONALD'S: INCLUÍDA NO ROTEIRO DO FILME (COM O NOME DE ROCDONALD'S), A REDE INVESTIU US$ 45 MILHÕES PARA PROMOVER EM LOJAS ESPALHADAS POR 38 PAÍSES DIFERENTES REFEIÇÕES ESPECIAIS LIGADAS AOS PERSONAGENS DO FILME.

J.E.R.

O chefe da família Flintstone toma um banho da Idade da Pedra; acima, a versão pré-histórica do McDonald's, intitulada RocDonald's

Autoria Controvertida

"Quem merece o crédito?", perguntava o jornal THE NEW YORK TIMES em sua edição de 17 de abril. A indagação se referia à autoria de THE FLINTSTONES. Ao longo de sete anos, pelo menos 32 roteiristas trabalharam no script do filme, mas agora somente três deles – Steven De Souza e a dupla Tom S. Parker & Jim Jennewein – receberão crédito na tela.

A reportagem lembrou que Brian Levant utilizou um sistema de mesa-redonda (o que o diretor admitiu na visita que SET fez durante as filmagens). Segundo esse método, diversos escritores participavam do script conjuntamente. As folhas do roteiro "em andamento" iam sendo projetadas num telão, enquanto os roteiristas davam suas contribuições ao estilo de um "brainstorm". "É um sistema que utilizei muitas vezes em televisão", diz Levant.

Segundo o jornal, a mesma metodologia foi empregada na realização dos scripts de duas outras produções da Amblin Entertainment de Steven Spielberg: GASPARZINHO e THE LITTLE RASCALS.

J.E.R.

que, sem o telhado, vira prato fundo para comer cereal. Os itens mais preciosos são miniaturas em lata do carro dos Flintstones e de Fred e Dino que valem, respectivamente, US$ 400 e US$ 80. Acima de tudo, ao que parece, Levant é um fã dos Flintstones.

"Lembro perfeitamente quando eu tinha sete, oito anos, e passavam os desenhos dos Flintstones na televisão logo depois de *77 Sunset Strip*, que era meu seriado favorito." Brian gosta de enfatizar a importância da série. "Você precisa lembrar que *Os Flintstones* foi o primeiro seriado em desenho animado a passar em horário nobre na TV americana. Hoje os personagens são um fenômeno mundial que alcança pessoas de várias gerações, da minha até a dos meus filhos. Assisto a *Os Flintstones* na TV todas as manhãs, quando as crianças estão se arrumando para a escola."

Mas *The Flintstones*, por mais divertido que tenha sido para o diretor, "é um filme difícil de fazer, porque estamos sendo extremamente fiéis ao desenho original. Para a abertura do filme recriamos detalhadamente a mesma seqüência que abre e fecha todos os desenhos: Fred deslizando pela cauda de um dinossauro, caindo no carro e indo embora, uma cena que dura três segundos mas que leva vinte horas para ser feita. Quando Fred pega a família e vai para o drive-in, a câmera se aproxima da tela, e aí começamos nosso filme".

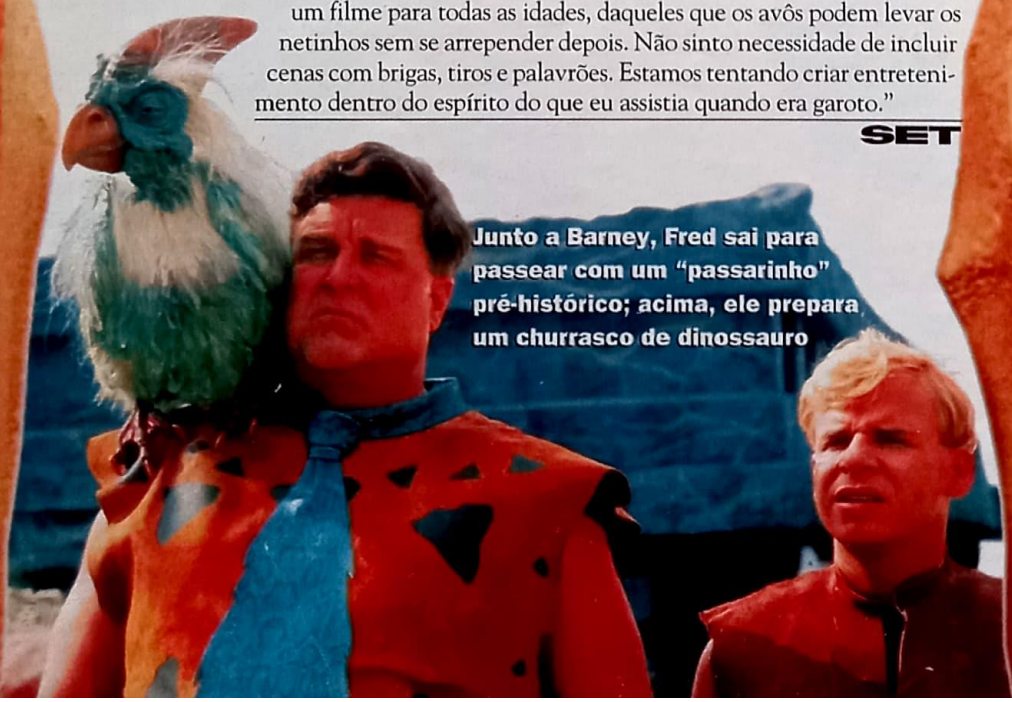
PATRÃO INSENSÍVEL

Na cena que Brian está filmando hoje em CalmCat Quarry, Fred (John Goodman) confronta seu chefe na pedreira, depois de ter recebido uma promoção e se transformado no tipo de patrão que sempre odiou: arrogante, insensível e malvado. Poderoso, mas distante do amigo Barney (Rick Moranis), da mulher Wilma (Elizabeth Perkins) e da amiga Betty (Rosie O'Donnel), ele agora se sente mais infeliz do que quando era um simples empregado.

"A essência de todos os desenhos dos Flintstones", explica Brian, "é o perdão: Fred ou Barney cometem um erro, são pegos pelas mulheres, tentam sair de fininho, mas acabam admitindo o erro e sendo perdoados".

Para manter o filme fiel à essência, os próprios criadores Bill Hanna e Joseph Barbera (*leia entrevista com ele no* Caderno de Vídeo) deram um palpite. "Eles não concordaram, por exemplo, com uma fala como 'deitado nu numa praia em Rockapulco'. Então mudamos para 'pingando de tanto óleo de coco numa praia em Rockapulco'. Este é um filme para todas as idades, daqueles que os avôs podem levar os netinhos sem se arrepender depois. Não sinto necessidade de incluir cenas com brigas, tiros e palavrões. Estamos tentando criar entretenimento dentro do espírito do que eu assistia quando era garoto."

SET



Junto a Barney, Fred sai para passear com um "passarinho" pré-histórico; acima, ele prepara um churrasco de dinossauro

PRÉ-HISTÓRIA CHEGOU À TV EM 1960

OS FLINTSTONES, o desenho, inaugurou uma nova fase na animação para TV. Em sua estréia nos Estados Unidos pela rede **ABC**, em **30** de setembro de **1960**, as aventuras da família pré-histórica se tornaram a primeira série de animação para televisão a superar o formato de seis a sete minutos por episódio, herança dos tempos em que a dupla de produtores William Hanna e Joseph Barbera fazia as aventuras de Tom e Jerry para o cinema. Dois dias depois a série ganhava a capa da revista **TIME**, feito inédito até então para um desenho de televisão.

A primeira fornada de desenhos ficou no ar até **1966**, passando a ser reprisada no ano seguinte pela **NBC**. Na segunda fase de reprise, entre **1972** e **1974**, foram enxertados novos episódios, e uma nova série saiu em **1979-1980**. Diversos especiais de maior duração foram exibidos entre **1977** e **1986**.

O sucesso dos Flintstones fez escola dentro da própria Hanna-Barbera. Seriados de famílias americanas espalhadas pela história viraram receita da casa. Em **1962** os Jetsons desembarcavam do futuro nas televisões. Pouco depois viriam os Muzzarelos, direto do tempo dos césares. Os filhos dos casais Flintstone e Rubble cresceram e ganharam seu próprio seriado, **PEDRITA E BAM-BAM**, em **1971**.

A diluição da fórmula em roteiros mais fracos relegou os simpáticos pré-históricos às reprises e especiais. Em **1987** a moda da reciclagem miniaturizada de velhos personagens gerou os **FLINTSTONE KIDS**.

O tema musical dos Flintstones, uma obra-prima assinada pela própria dupla Hanna-Barbera, não deixa de denunciar o estilo de reciclagem que marcou seu estúdio. Há um trecho instrumental que foi usado sem alterações no tema de outro sucesso, **MANDA-CHUVA (TOP CAT)**.

MARCOS SMIRKOFF

PROMOÇÃO

VIAJE PELAS TRILHAS SONORAS

RESPONDA E GANHE 5 CD'S

Você só precisa responder corretamente as perguntas abaixo e enviar o mais rápido possível para: "Promoção Viaje Pelas Trilhas Sonoras", Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, São Paulo,SP. As 20 primeiras cartas que chegarem e que tiverem o maior número de respostas corretas ganharão um kit com 5 CD's das trilhas sonoras dos seguintes filmes: PHILADELPHIA, MEU PRIMEIRO AMOR-PARTE 2, THREESOME, COOL RUNNINGS e SLEEPLESS IN SEATTLE.

NUMA FOLHA À PARTE, RESPONDA AS PERGUNTAS AO LADO E ENVIE PARA O ENDEREÇO INDICADO NO REGULAMENTO.

NÃO SE ESQUEÇA DE NUMERAR ÀS RESPOSTAS.

1 - A música que o maestro Joaquim Paulo de Espírito Santo interpreta no filme"Alma Corsária", de Carlos Reichenbach, é:
a) "Adagio", de Albinoni b) "Claire de Lune", de Debussy c)"Sonata ao Luar", de Beethoven

2 - Que cantor pop faz um duo com Annie Ross na trilha sonora do filme "Short Cuts", de Robert Altman?
a) Sting b)Tom Waits c) Michael Stype

3 - Danny Elfman, ex-integrante do Oingo Boingo, assina as trilhas dos filmes de:
a) Jonathan Demme b) Tim Burton c) David Lynch

4 - O compositor Michael Nyman não colaborou com o cineasta Peter Greenaway no seguinte filme:
a) O Sonho de um Arquiteto b) A Última Tempestade c) Afogando em Números

5 - Walter Carlos, que assinou a trilha de "Laranja Mecânica", depois mudou de nome para:
a) Cindy Carlos b) Annie Carlos c) Wendy Carlos

REGULAMENTO

1- Esta promoção é de cunho artístico-cultural, aberta a todas as pessoas moradoras em território nacional, sem qualquer modalidade de sorte ou pagamento pelos participantes, nem vinculação destes à aquisição ou uso de qualquer bem, direito ou serviço;

2 - A seleção dos ganhadores será feita através da data de postagem no correio e do maior percentual de acertos conseguidos nas respostas. A data máxima para o envio das respostas é 1º/07/94;

3 - As respostas do teste e o nome dos ganhadores serão publicados na edição nº 87 da revista SET, nas bancas dia 08/09/94. Os ganhadores serão avisados antecipadamente por telefone;

4 - As respostas deverão ser enviadas para a PROMOÇÃO VIAJE PELAS TRILHAS SONORAS, Av. das Nações Unidas, 5777, 4º andar, CEP 05479-900, São Paulo, SP, acompanhadas dos dados completos do participante (nome, endereço, telefone, cidade, estado e idade);

5 - O participante pode enviar quantas cartas quiser, mas apenas uma delas poderá ser premiada;

6 - Serão selecionados 20 ganhadores e cada um deles receberá como prêmio 5 CD's de trilhas sonoras.

PROMOÇÃO

SET CINEMA & VÍDEO

Sony Music

Todas as mulheres do mundo ficam verdes de ciúme e roxas de inveja quando Gene Kelly tira o chapéu para a escultural Cyd Charisse em *Cantando na Chuva*

quando o cinema ia muito melhor das pernas

Todas as noites, durante os anos 50 e 60, um bando de senhores lascivos, patroa debaixo do braço, se dirigia ao cinema apenas para ver alguns lampejos de coxas – mas que coxas!

Por Ruy Castro

Em *Instinto Selvagem*, na famosa cena da delegacia, a câmera mostra as coxas longas, carnudas e sedosas de Sharon Stone sentada numa cadeira – e, por um momento, você podia jurar que o cinema estava redescobrindo aquela região feminina que, nos últimos tempos, vinha sendo condenada ao mais injusto ostracismo. Isso mesmo, as pernas. E, quando você já estava se empolgando e fazendo mil fantasias sobre aonde aquelas pernas iriam terminar, a câmera revela exatamente o que não era para revelar: Sharon's xereca.

Que decepção. E por que não era para revelar? Porque, seja lá a gracinha que estivesse entre as pernas de Sharon, já estava todinha na sua imaginação. E não há hipótese de o cinema, por mais direto e explícito, competir com o cinema mental que qualquer espectador produz, dirige e interpreta na sua própria cabeça. Ao ver um filme, passam-se coisas na cabeça desse espectador que ele não confessaria nem encostado à parede por um terapeuta reichiano. Principalmente se for um filme com Sharon Stone. E, aí, vem *Instinto Selvagem*, mostra tudo e acaba com a brincadeira.

Pergunte a qualquer maior de idade (ou seja, maior de quarenta anos) o que Cyd Charisse, Ann Miller, Angie Dickinson, Kim Novak e Marilyn Monroe tinham em comum. Salivando, ele responderá: as pernas. Claro que elas tinham outras coisas em comum, e que também eram muito interessantes, como a alma, o Q.I. etc. Mas, por um curioso desvio de comportamento nos anos 50, era por causa das pernas das estrelas que milhões de sujeitos lascivos botavam a patroa debaixo do braço, embarcavam em seus Citroëns, encaravam filas enormes e viam – *todas* as noites – uma hora e meia de filme. E tudo em troca de alguns lampejos de coxas. Vida dura.

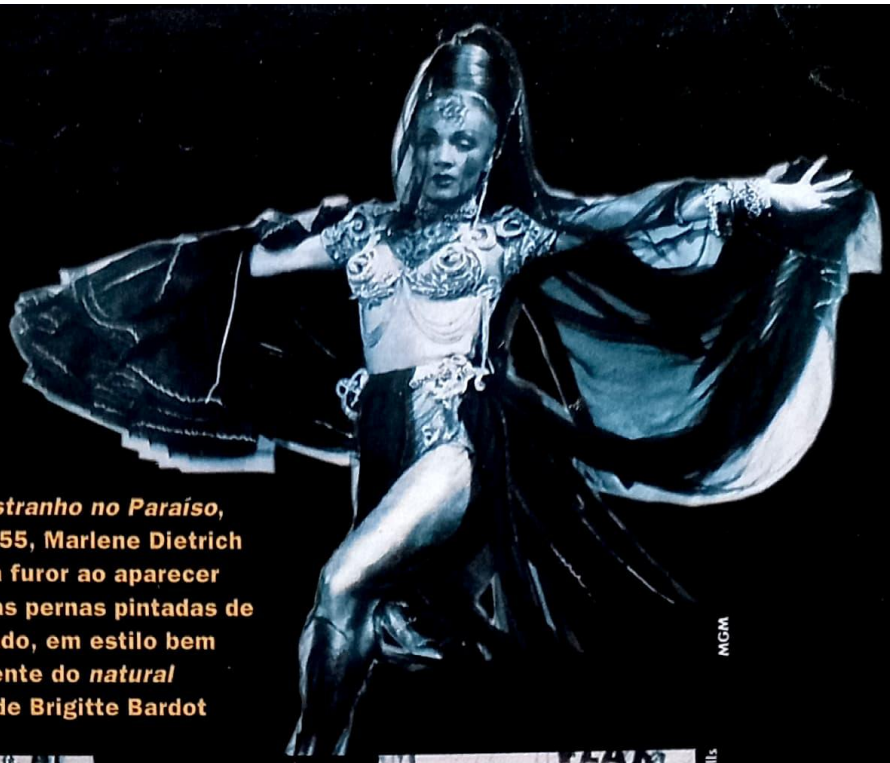
Columbia TriStar

Sharon Stone momentos antes de fazer sua revelação fatal

MGM

Mas que coxas! Cyd Charisse, por exemplo. Ela está (como se diz mesmo?) estonteante em *Cantando na Chuva*, seduzindo Gene Kelly naquele *speakeasy*. Mas nada supera suas seqüências de dança em *Meias de Seda*, principalmente a segunda, em que ela tira a horrenda farda de agente soviética e põe as meias que dão título ao filme. Cyd Charisse é uma autêntica mártir da história do cinema: era bonitíssima, dançava bem, tinha pernas fabulosas e talento dramático zero. Quando começava a ter umas chances nos musicais da Metro, nos anos 50, acabaram os musicais e, pouco depois, a própria Metro. Ela não queria acreditar. Nem nós. Mas foi o que aconteceu e, desde então, suas pernas serviram apenas para passear por shoppings, supermercados e outros lugares que têm de ser percorridos a pé.

Não foi a única. Ann Miller, Vera-Ellen, Mitzy Gaynor, todas tiveram de aposentar suas lindas pernocas com o fim dos musicais. Por uma cruel ironia, as pernudas não-dançantes tiveram melhor sorte – não que fossem exatamente divas da arte de representar. Quando Kim Novak entrava no palco em *Meus Dois Carinhos*, de 1957, não era apenas Frank Sinatra que ficava estatelado – toda uma geração descobria ali que nunca mais se apaixonaria por outra mulher. No decorrer daqueles anos, tivemos de disputar Novak com William Holden, Jeff Chandler, Kirk Douglas, James Stewart e Tyrone Power, perdendo todas.



MGM

Em *Estranho no Paraíso*, de 1955, Marlene Dietrich causa furor ao aparecer com as pernas pintadas de dourado, em estilo bem diferente do *natural look* de Brigitte Bardot

Stills

Paramount

A cheinha Mae West (acima) exibe dois dos motivos que a tornaram uma das mais bem pagas atrizes de Hollywood à sua época, enquanto Esther Williams (ao lado) prova que nem toda sereia tem rabo de peixe

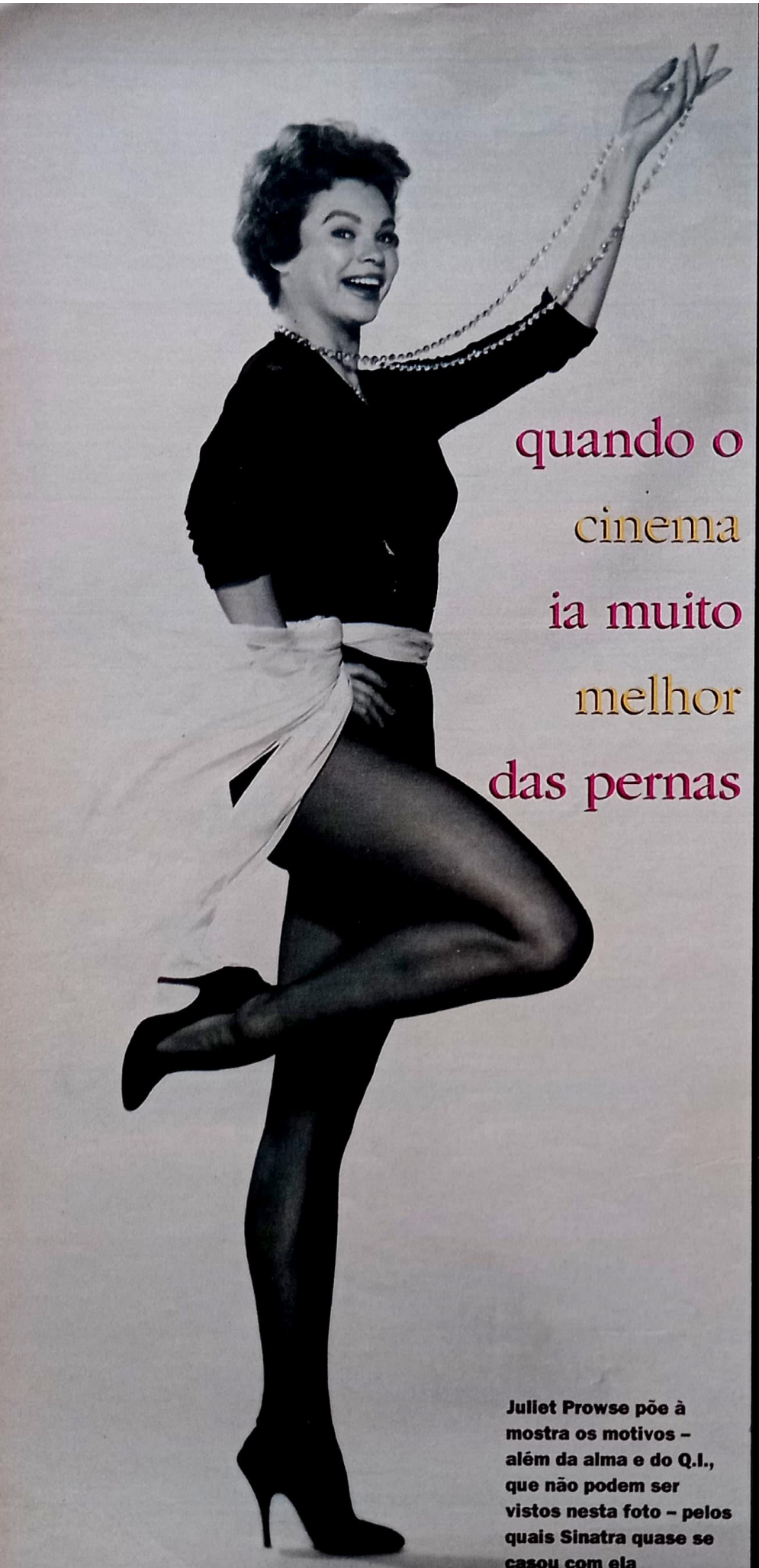
Stills

Rita Hayworth explica por que o filme se chamava *Bonita Como Nunca*

quando o cinema ia muito melhor das pernas

MGM

quando o cinema ia muito melhor das pernas



Juliet Prowse põe à mostra os motivos – além da alma e do Q.I., que não podem ser vistos nesta foto – pelos quais Sinatra quase se casou com ela

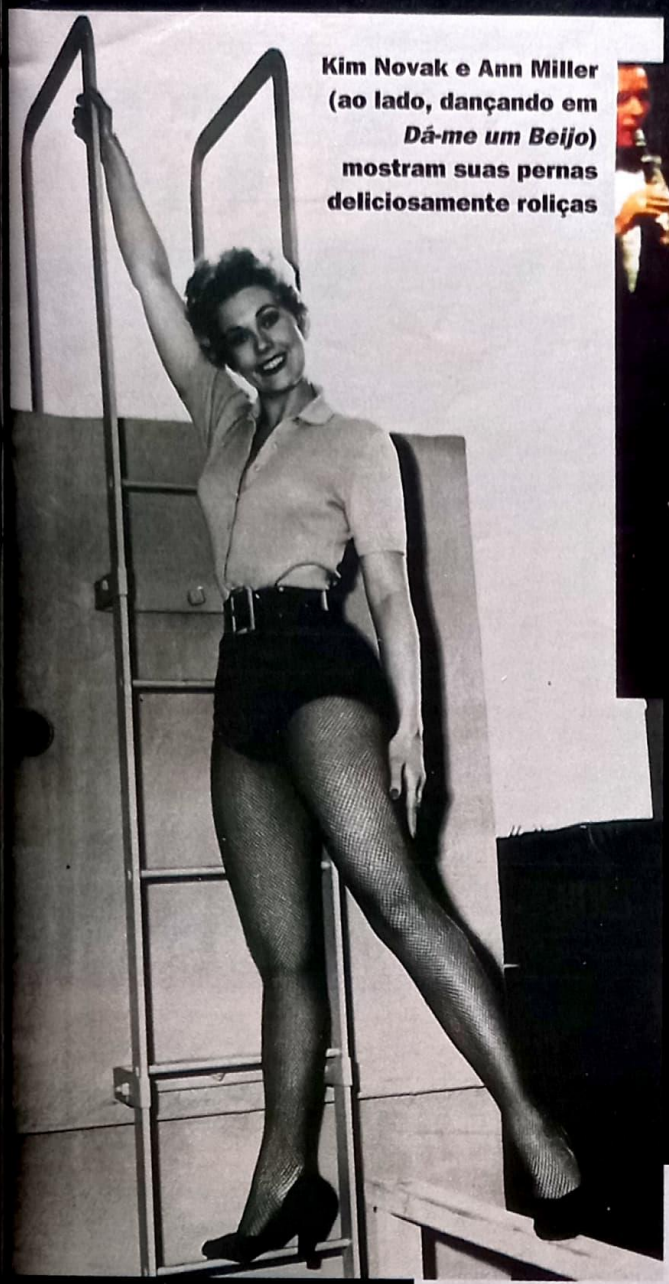
E havia algumas estrelas que só tinham as pernas, mas estas eram tão fabulosas que você as adoraria mesmo que só tivessem uma perna, dispensando o par. Angie Dickinson era uma (lembra-se dela em *Onde Começa o Inferno*?). Juliet Prowse, que apareceu em *Can-Can* e, na vida real, quase se casou com Sinatra, era outra. Sinatra, por sinal, parecia escolher suas namoradas pelas pernas: vide Jill St. John (e quando mudou de critério, deu-se mal, casando-se com – logo quem! – Mia Farrow). E as quilométricas pernas de Julie Newmar? E as de Paula Prentiss? E as de Sally Kellerman? Slurp!

E, embora ela tivesse outros maravilhosos atributos, o mundo só descobriu as monumentais pernas de Gina Lollobrigida em *Trapézio*, aquele filme de circo com Burt Lancaster e Tony Curtis. Mas, se formos falar das italianas, iremos longe: Silvana Mangano, Rossana Podestà e – alguém ainda se lembra? – a gostosíssima Marisa Alasio. E as francesas? O problema é que, logo no primeiro rolo, elas já iam mostrando tudo, como Martine Carol e, claro, Brigitte Bardot. As italianas eram muito melhores.

Ah, sim, Marilyn. A seqüência da saia rodopiando ao vento em *O Pecado Mora ao Lado* ficou clássica. As coxas de Marilyn também eram um clássico, mas tinham de competir com o resto do seu corpo e até com a sua voz. Tudo nela transudava desejo e sensualidade. Mas – engraçado –, outras mulheres que transpiravam sentimentos igualmente elevados nos homens dos anos 50 e 60, como Grace Kelly, Elizabeth Taylor e Catherine Deneuve, não deixaram saudades específicas de suas pernas. Talvez tivessem uma sensualidade mais espiritual.

Voltando a Marilyn. *O Pecado Mora ao Lado* é um filme de 1955 – donde 39 anos se passaram! Observando hoje a foto da saia esvoaçante, você verá que a calcinha (modo de dizer) de Marilyn daria para ser transformada num pára-quedas. É enorme, gigantesca, por quaisquer padrões. Não há a menor possibilidade de se ver nada.

E, curiosamente, todos nós – na época, hoje e sempre –, ao assistir de novo à famosa cena, vemos tudo.



Kim Novak e Ann Miller (ao lado, dançando em *Dá-me um Beijo*) mostram suas pernas deliciosamente roliças

MGM

Longilíneas a perder de vista: Raquel Welch levanta o vestido e faz os queixos caírem em *Homem e Mulher Até Certo Ponto*, enquanto Ava Gardner, chamada de "o mais belo animal do mundo", escapa do biquíni recatado e mostra suas pernas de cavalo de corrida; abaixo, uma brisa indiscreta revela o imbatível par de Marilyn

Fox

Fox

MGM

A NOVA ALDEIA GLO

Liberdade, variedade e integração são as palavras-chave da TV por assinatura, um mercado que ainda engatinha no Brasil – mas promete crescer bastante e rápido

Por Walter de Silva

Programar sua TV – ao invés de ter sua vida programada por ela – é o grande trunfo do sistema de assinatura para seduzir seus clientes. Canais só de filmes, ou de notícias, ou de esportes, sempre programados com antecedência, prometem tornar o espectador dono de seu tempo, de seu lazer, e do mundo. Permitindo o acesso a programas de vários países, muitas vezes em transmissão simultânea, a TV por assinatura se apresenta como a mais bem-acabada (até o momento) expressão do conceito de "aldeia global". Com esses atrativos – e investimentos contados às dezenas de milhões de dólares – o mercado brasileiro planeja expandir sua cota de fregueses dos atuais 330 mil para meio milhão até dezembro deste ano.

Não é muito. Nos Estados Unidos, por exemplo, pioneiro na utilização desse sistema, 63% dos domicílios dispõem de TV por assinatura. Mas não há motivo para desânimo: segundo estudo da empresa de consultoria Communication Concepts do Brasil, o país tem um potencial de 6 milhões de assinantes. Ou seja, há muito chão pela frente.

The Superstation

Passado e Futuro

Tudo começou com os dois maiores impérios da comunicação no país: o Grupo Abril e a Globo. Em 1990, a Abril juntou-se ao Grupo Machline para distribuir o Canal +. Esse foi o primeiro passo para a criação da TVA (hoje propriedade exclusiva do Grupo Abril), há dois anos, difundida principalmente pelo sistema MMDS. A Globo logo em seguida iniciou-se na área com o nome de GloboSat, utilizando primeiro antenas parabólicas e passando depois a investir no cabo.

Depois do passo pioneiro, as duas empresas passaram a diferenciar e aprimorar suas atividades. O Ministério das Comunicações proíbe uma mesma empresa gerar programação e distribuí-la. Assim, em julho de 93 a GloboSat tornou-se apenas programadora – a empresa que cuida do "cardápio". Criou então a Net Brasil, que é somente operadora – encarregada de vender assinaturas, cuidar da tecnologia, fazer instalações etc. A TVA também dividiu suas funções de programadora e operadora, mas trabalha em ambas as áreas com o mesmo nome. Criou também a TVA Cabo a partir da associação com a Inbrac Vision.

A maior operadora de cabo do país é a Multicanal, do grupo Companhia de Mineração do Amapá. A Multicanal atua em parceria com a Net Brasil na compra de programações. Fora essas três *majors* brasileiras, o país é coberto por mais 42 operadoras pequenas, que repassam os canais da TVA e GloboSat.

A previsão de expansão das três maiores varia. A TVA espera fechar 94 com 260 mil assinantes, a uma taxa de crescimento de 70%. A Net Brasil pretende terminar este ano com 180 mil assinantes – o equivalente a um crescimento de 100%. A Multicanal trabalha com uma expectativa de 30% anuais até 95.

Para isso, os investimentos são pesados. A TVA já investiu US$ 120 milhões. Só a Net SP investirá US$ 95 milhões nos próximos quatro anos, e a Multicanal investiu US$ 20 milhões e vai injetar US$ 90 milhões nos próximos cinco anos. Segundo Walter Longo, presidente da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura e superintendente da TVA, "a TV por assinatura trabalha no ramo de utilities, como energia elétrica ou comunicação via satélite. O retorno comercial de um satélite demora vinte anos. O de uma hidrelétrica, quinze anos".

Um Poder Paralelo

A partir dos anos 70, as TVs independentes a cabo tornaram-se um poderio "marginal" nos EUA, a ponto de abalar (junto com o videocassete) a solidez das três grandes redes americanas. Em seu livro Three Blind Mice (Três Ratos Cegos, ed. Random House), o jornalista Ken Auletta conta como as emissoras entraram pelo cano nos anos 80, perdendo nada menos que 40% da audiência.

Na Argentina, primeiro país da América Latina a trabalhar com o cabo, há quase trinta anos, começou-se com esse sistema porque a transmissão de sinais abertos de televisão era muito precária. No início, não se pensava em TV por assinatura. Mas essa infra-estrutura foi boa para os argentinos: hoje o total de assinantes no país é de 3 milhões, para 8 milhões de lares com televisores. Ou seja, eles tem 37% do mercado conquistado.

Nos EUA, 63% dos lares têm TV por assinatura. O Brasil ainda tem 99% a explorar, e um mercado inicial de TV por assinatura da ordem de 1%.

OBAL

Programa jornalístico da E! Entertainment na Superstation, esqui na neve flagrado pela Sportv e cena de *Batman – O Retorno*, filme que faz parte do repertório da TeleCine

Vizinho Visionário

Nos EUA, o cabo começou nos anos 40 para retransmitir a programação das grande redes, NBC, ABC e CBS. Diz a lenda que um cidadão morava atrás de um vale onde o sinal de TV não chegava. Engenhoso, ele pensou em colocar uma antena no topo da montanha e puxar um cabo até sua casa. A coisa deu certo, e a vizinhança ficou eufórica. Logo, extensões transmitiam o sinal com clareza para todos. O sistema ficou conhecido como "antena comunitária".

O que É TV por Assinatura

TV por assinatura, a cabo ou segmentada não são sinônimos. A segmentada é uma TV que usa um assunto específico para atingir seu público-alvo – caso da MTV, concentrada em música para o público jovem, ou de algumas faixas de horário da Rede Bandeirantes, dedicadas apenas a esportes. Ambas são emissoras de sinal aberto – ou seja, basta ter uma antena para captá-las.

Já o termo TV por assinatura refere-se à relação entre uma empresa distribuidora de canais específicos e a pessoa que os recebe através de um contrato. Por sua vez, a TV por assinatura oferece diversos sistemas de transmissão a seus usuários, entre os quais o cabo.

O BRASIL TEM...
157 milhões de habitantes
30 milhões de televisores
8 milhões de videocassetes domésticos
1,2 milhão de antenas parabólicas

Fontes: TVA, GloboSat e Multicanal

O que há Para Assinar

TVA

Oferece sete canais. A partir de julho passa a distribuir também o HBO – com 90% de filmes, além de especiais infantis, musicais e esportes. Serão 24 horas de entretenimento, dubladas ou legendadas. Os outros sete canais da TVA são:

TVA Filmes/Showtime (exclusivo)
TVA Clássicos/TNT
TVA Esportes/ESPN
TVA Notícias/CNN
TVA Super/The Superstation (exclusivo)
TVA Kids/Cartoon Network
MTV/Music Television

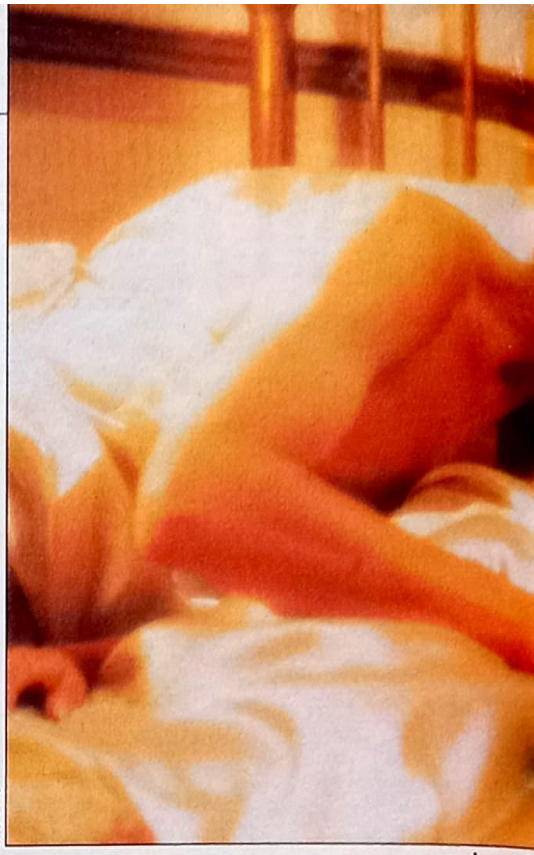
Preço para MMDS: taxa de adesão de 200 a 350 URVs. **Mensalidades:** de 8 a 40 URVs; pode-se assinar apenas um canal, a 8 URVs mensais (só o Showtime custa 16 URVs/mês).
Onde: Cobre as cidades de São Paulo, Rio, Curitiba e Brasília.
Informações: São Paulo (011) 829-8000, Rio (021) 542-6000, Curitiba (041) 338-1131, Brasília (061) 225-6303.

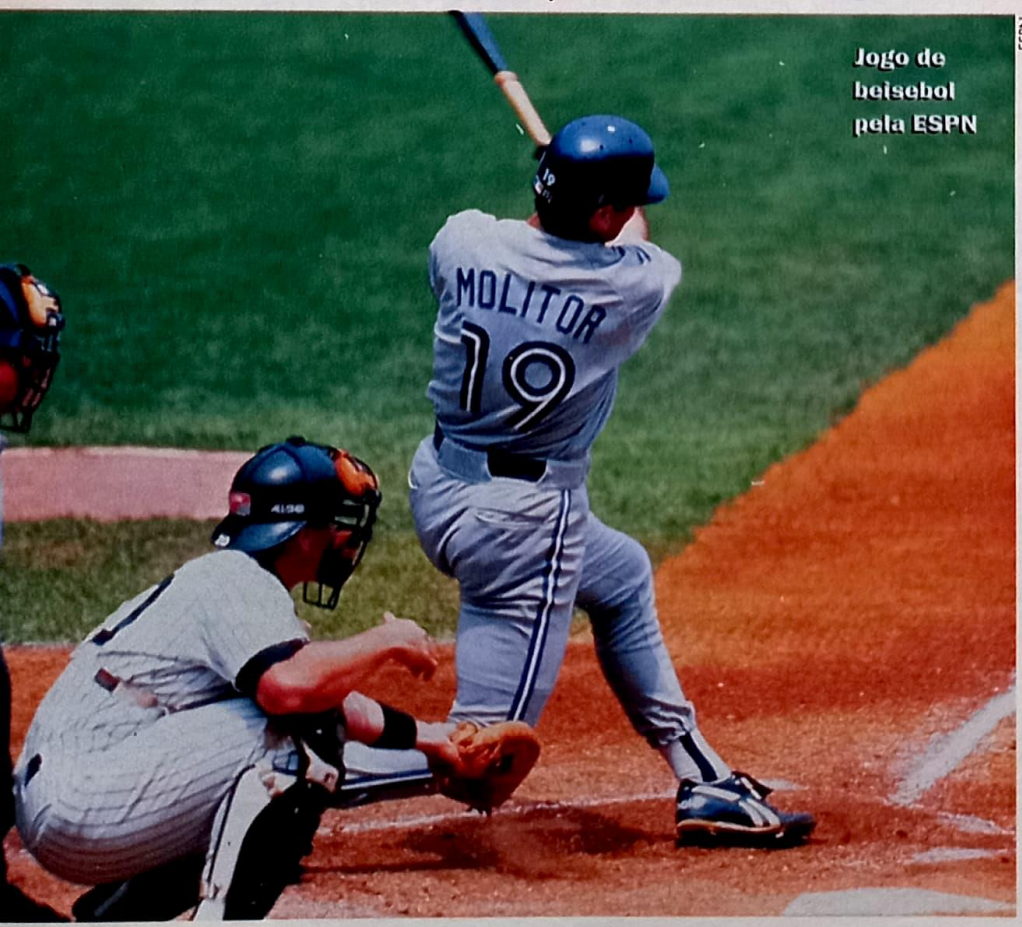
Net

Transmissão a cabo de 26 canais, sendo que 10 são de sinal aberto (Manchete, Cultura, Bandeirantes, SBT, Jovem Pan, Globo, Record, TV Educativa, MTV e CNT). Os outros são:

FOX
CNN
TeleCine (exclusivo)
GNT (exclusivo)
TNT(dublado e original)
Cartoon Network (dublado e original)
Worldnet (americano de programas culturais e educativos)
ECO (mexicano)
Jockey Club (exclusivo)
TV5 (francês, com filmes, ópera e jornalismo)
MultiShow (exclusivo, desenhos animados dublados, clips e seriados)
TV Espanha
Deutsche Welle (alemão, de jornalismo e variedades)
Sportv (exclusivo)

Preço para cabo: Em **SP**, pacote único de 26 canais (taxa de adesão de 200 URVs e mensalidades de 38 URVs). No **RJ** há dois planos: o Master (18 canais, taxa de adesão de 70 URVs e mensalidades de 28 URVs) e o Plus (26 canais, mesma taxa de adesão, mensalidades de cerca de 40 URVs). Para o MMDS em **Porto Alegre**, a Net oferece 4 canais (GNT, MultiShow, Sportv e TeleCine) com taxa de adesão/instalação de 200 URVs e mensalidade de 35 URVs. Em breve a Net estará inaugurando o MMDS em **Recife**. No caso de parabólica, deve-se comprar a antena e o decodificador e escolher de 1 a 5 canais (os 4 mencionados acima mais a CNN); não há taxa de adesão, e as mensalidades variam de 16 a 28 URVs.
Onde: Cobre as cidades de São Paulo, Sorocaba/SP, Bauru/SP, Santos/SP, São José do Rio Preto/SP, Ribeirão Preto/SP, Rio, Goiânia/GO, Campo Grande/MS, Curitiba/PR, Londrina/PR, Arapongas/PR, Umuarama/PR, Florianópolis/SC, Joinville/SC, Chapecó/SC, Porto Alegre/RS, Caxias do Sul/RS, Novo Hamburgo/RS.
Informações: 0800-128866


Showtime



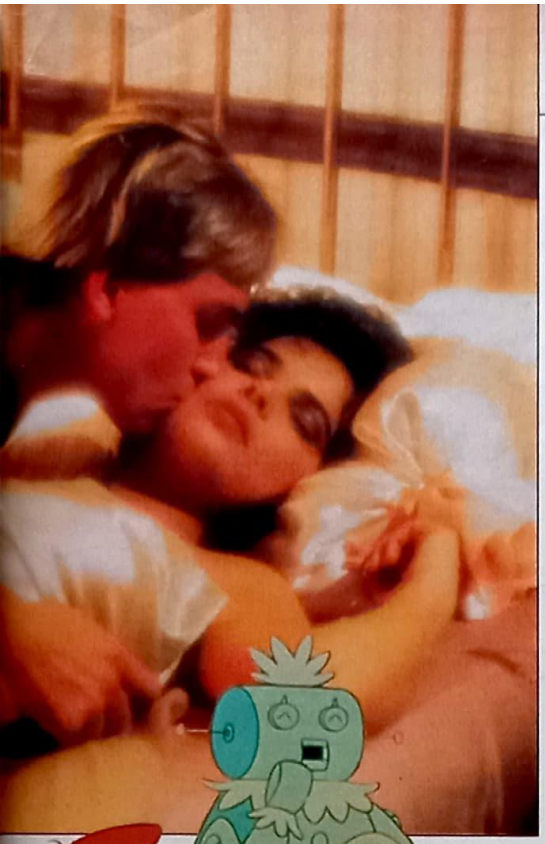
ESPN

Jogo de beisebol pela ESPN

Multicanal

Pacote único de 24 canais para o sistema a cabo; os canais são os mesmos da Net, com exceção dos dois em português do Cartoon Network e da TNT.

Preço: 230 URVs de taxa de adesão e 38 URVs mensais.
Onde: Atua nas cidades de São Paulo, Sorocaba/SP, Santos/SP, Bauru/SP, Ribeirão Preto/SP, São José do Rio Preto/SP, Barueri-Alphaville/SP, Campo Grande/MS, Goiânia/GO, Florianópolis/SC, Novo Hamburgo/RS, Caxias do Sul/RS.
Informações: (011) 884-8171



Cartoon Network

OS ASSINANTES de TV no Brasil são... 330 mil (170 mil da TVA; 90 mil da Net Brasil; 60 mil da Multicanal; 10 mil de pequenas operadoras)

Fontes: TVA, GloboSat e Multicanal

Os Sistemas Disponíveis

Ao procurar uma TV por assinatura, deve-se primeiro pensar na programação, e depois nas formas de transmissão. O Brasil começa trabalhando com um sistema híbrido – MMDS, cabo e parabólica.

A vantagem do **cabo** é o volume de canais que ele pode comportar – em tese, até 500. Outro fator é a quase absoluta "limpeza" no sinal recebido, sem chiados ou fantasmas. O problema é que para muitas regiões o cabo ainda não está disponível.

Onde não há cabo, o interessado pode checar se seu logradouro recebe o sistema **MMDS** (Multichannel Multipoint Distribution Service), que pode ser instalado através de uma anteninha convexa de 90 centímetros, acompanhada de um pequeno decodificador de sinal.

Por último, a **antena parabólica** é ideal para regiões distantes ou isoladas – fazendas, montanhas, litoral. Atualmente, as chamadas parabólicas domésticas, com cerca de dois metros de diâmetro, são suficientes para receber o sinal com qualidade.

***Late Night*, programa erótico da Playboy exibido em horário fechado na Showtime, e *Os Jetsons*, na Cartoon Network**

TVA dá Salto Tecnológico

Agora em junho a TVA começa a funcionar com a compressão digital de sinal no satélite. Trata-se de uma tecnologia recente, que comprime o sinal analógico do satélite para o digital, proporcionando uma imagem perfeita e som com qualidade de CD, além de multiplicar os canais disponíveis.

Segundo o diretor-superintendente da TVA, Walter Longo, "podemos comparar a TV atual ao disco de vinil, e a TV digital, ao CD". A novidade faz com que a TVA opere com a mais alta tecnologia nos três sistemas de distribuição: via aérea, cabo e parabólica.

Highlights

Telecine/Globosat
Canal de filmes 24 horas que exibe grandes obras do cinema americano e europeu, sucessos de bilheteria e outras preciosidades. Exemplos: *A Festa de Babette*, *Os Bons Companheiros*, *O Cheiro do Papaia Verde*, *A Viagem do Capitão Tornado*, *Máquina Mortífera*.

FOX
Canal de filmes 24 horas com títulos de ação, aventura, comédia, desenhos e aqueles maravilhosos seriados da Fox: *Terra de Gigantes*, *Batman*, *Perdidos no Espaço*, *O Túnel do Tempo*, *Viagem ao Fundo do Mar* etc.

TNT
Canal de filmes 24 horas que traz os grandes clássicos do cinema e também do desenho animado.

Showtime/TVA
Canal de filmes 24 horas com as grandes produções atuais de Hollywood e alguns clássicos do cinema americano. Filmes como *Mulher Solteira Procura*, *A Prometida*, *Os Deuses Devem Estar Loucos 2*, *Ajuste Final*, *Hook* etc.

Dicas

AFILIADOS

TVA, Net e Multicanal também trabalham com os chamados afiliados – pequenas operadoras que compram a programação das maiores, combinando os canais e repassando-os conforme os interesses locais. A maioria trabalha com cabo, e estão espalhadas por todo o território nacional. Assim, basta ligar para uma das grandes para obter o telefone da operadora mais próxima.

TEMPO DE INSTALAÇÃO

Varia conforme a localidade e o próprio sistema. Em geral, o prazo de recebimento do sinal é de sete a sessenta dias. Antes de formalizar a assinatura é bom se certificar do prazo prometido.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Costuma ser eficiente. Depois de comunicado o problema, garante-se a verificação em até 24 horas, e o conserto em 72 horas.

Canais de Filmes x Videolocadoras

Pesquisas indicam que a menina dos olhos dos assinantes são os canais de filmes. Talvez ainda seja prematuro colocar a questão, mas voilá! Poderão as TVs por assinatura balançar o desempenho das videolocadoras? Com apenas 330 mil assinantes em todo o país, é muito cedo para preocupações reais. Mas no futuro...

Segundo José Luiz Andreucci, diretor geral da Multicanal, os canais de filmes oferecem uma concorrência indireta. Há uma trajetória obrigatória de exibição para os filmes, nesta ordem: cinema, vídeo, TV por assinatura e, por último, os canais abertos. Portanto, o cinéfilo pode, quando muito, ver em seu canal de filmes aqueles que ele não pegou na locadora.

Mas nos EUA as coisas tomam vários rumos. A maior empresa de telefonia, a AT&T, juntou-se à TCI para desenvolver o video on demand – operação a cabo que permite ao assinante acessar num cardápio o filme que quiser, na hora desejada, sem interrupção. Há também o near on demand, sistema por assinatura em que o filme começa a passar de 15 em 15 minutos. Como se vê, não é à toa que a maior rede de videolocadoras dos EUA, a Blockbuster, associou-se à Viacom.

Outro serviço em estudo nos EUA permitiria retirar fitas nas locadoras a partir de um banco de dados conectado a uma central. Se o cliente não encontrar a fita desejada na prateleira, ela é imediatamente gravada na locadora através de um sistema digital.

90% DA VERBA da TV por assinatura dependem do assinante; os outros 10% vêm da veiculação publicitária

Fonte: TVA

Guia para Cinéfilos em Tempo de Copa

Alguns dos títulos que serão exibidos pelas TVs por assinatura para contentar quem não gosta de futebol

TELECINE/GLOBOSAT

- *American Pop*
- *Apocalypse Now*
- *Areias Brancas* (White Sands)
- *As Aventuras de Tom Jones* (Tom Jones)
- *Os Bons Companheiros* (Goodfellas)
- *Como Água para Chocolate*
- *Crimes e Pecados* (Crimes and Misdemeanors)
- *Cyrano de Bergerac*
- *Drugstore Cowboy*
- *Encontro com Vênus* (Meeting Venus)
- *A Força em Alerta* (Under Siege)
- *O Fundo do Coração* (One from the Heart)
- *O Homem Elefante* (Elephant Man)
- *Hook – A Volta do Capitão Gancho*
- *La Luna*
- *Meu Querido Companheiro* (Longtime Companion)
- *Razorback – O Corte da Navalha*
- *O Silêncio dos Inocentes* (The Silence of the Lambs)
- *Suave É a Noite* (Tender Is the Night)
- *Viagem ao Fundo do Mar* (Voyage to the Bottom of the Sea)

SHOWTIME/TVA:

- *Ajuste Final* (Miller's Crossing)
- *Alô Amigos*
- *American Pop*
- *Anatomia de um Crime* (Anatomy of a Murder)
- *Batman – O Retorno* (Batman Returns)
- *Os Bons Companheiros* (Goodfellas)
- *Boyz N The Hood – Os Donos da Rua*
- *Os Commitments – Loucos pela Fama*
- *A Doce Vida* (La Dolce Vita)
- *Green Card – Passaporte para o Amor*
- *Hook – A Volta do Capitão Gancho*
- *Hudson Hawk – O Falcão Está à Solta*
- *Instinto Selvagem* (Basic Instinct)
- *JFK – A Pergunta que Não Quer Calar*
- *Julieta dos Espíritos* (Giulietta degli Spiriti)
- *Kagemusha – A Sombra de um Samurai*
- *Uma Linda Mulher* (Pretty Woman)
- *Nascido para Matar* (Full Metal Jacket)
- *O Pecado Mora ao Lado* (The Seven Year Itch)
- *O Último Boy Scout* (The Last Boy Scout)

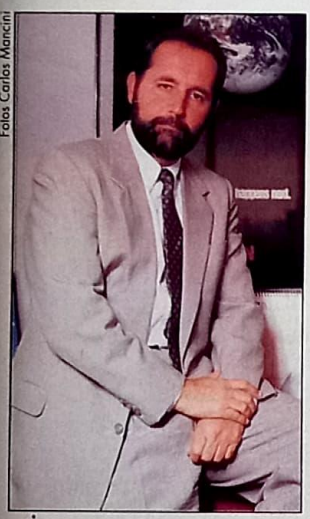
GNT

Braving Alaska, documentário da National Geographic no canal GNT

Família Dó-Ré-Mi, seriado exibido na Retrô TV do canal Multishow

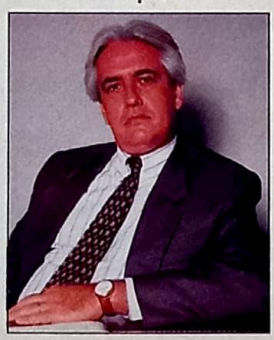
Multishow

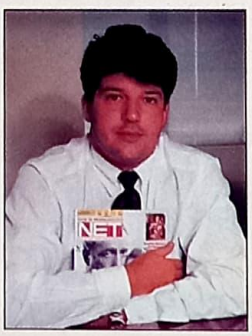
Quem é Quem



Fotos Carlos Mancini

WALTER R. LONGO é diretor-superintendente da **TVA** e presidente da Associação Brasileira de TV por Assinatura. É também membro do Advisory Board da Turner Entertainment, que visa acompanhar e desenvolver o mercado latino-americano. Segundo Longo, a TV por assinatura ressuscitou o fenômeno dos "televizinhos" – algo salutar, pois amplia a venda no "boca-a-boca". Ele considera natural que as emissoras de sinal aberto no país não se preocupem ainda com a expansão da assinatura, mas acha que a questão deve surgir num futuro próximo: o público das TVs por assinatura é o que detém o maior poder de consumo.





ALBERTO PECEGUEIRO é diretor da Net Brasil. Para ele, um dos maiores erros das empresas envolvidas na TV por assinatura foi o de misturar as atividades de programação e operação. Em sua opinião, dividir essas funções é que permitiu o sucesso de mais de 100 operadoras nos EUA. Mas, completa, erros estratégicos são normais em todo trabalho pioneiro, e aposta que a tendência de surgimento de novos canais é irreversível.

JOSÉ LUIZ ANDREUCCI JR. é diretor geral (São Paulo) da Multicanal. Sobre o potencial brasileiro, ele afirma que o país é o maior no lado ocidental, uma "vitrine" que ainda não começou sua explosão. Andreucci antevê que as produtoras brasileiras terão um trabalho grato e árduo pela frente, de suprir a demanda de programação; há uma tendência em dizer que o assinante potencial pertence à classe A, mas as outras faixas não devem ser descartadas.

Highlights

Cartoon Network
24 horas com os melhores desenhos da história. Presentes todos os maiores estúdios, desde os irmãos Fleischer com *Betty Boop* e *Popeye*, passando pelos heróis Marvel, até Hanna-Barbera com *Flintstones*, *Jetsons* etc.

MultiShow/Globosat
Seriados que fizeram sucesso nos anos 60 e 70, desenhos dublados, clips e variedades. Após a meia-noite, programação exclusiva para adultos.

The Superstation/TVA
Variedades, com transmissão ao vivo dos principais noticiários da ABC, NBC e CBS; programas da italiana RAI, moda, culinária, eletrônica, e módulos sobre cinema e televisão da sensacional TV a cabo americana E! Entertainment – uma das produções independentes mais arrojadas do momento.

CNN (Cable News Network)
Famosa por ter sido a única a flagrar ao vivo a Guerra do Golfo, e há dois anos cobrir 24 horas por dia os violentos distúrbios em Los Angeles, é uma emissora de jornalismo independente que atinge mais de 100 milhões de espectadores em todo o mundo.

GNT
Seus brilhantes documentários são de qualidade incomparável, com temas como política, ciência e tecnologia pesquisados em profundidade.

Sportv
Cobre inúmeras modalidades de esportes de todos os países e transmite ao vivo os jogos dos campeonatos Paulista, Carioca e Brasileiro de futebol. Não cobre a Copa do Mundo.

ESPN
Canal de esportes do grupo Turner Entertainment. Também cobre as principais modalidades e eventos mundiais. Não cobrirá a Copa, mas vai realizar documentários especiais sobre o evento.

MTV
Canal de clips, shows e documentários musicais que dispensa apresentações. Depois de uma fase "adolescente", trilha um caminho de amadurecimento de sua audiência.

O HOMEM DE DOIS BILHÕES DE DÓLARES

A crítica esnoba e os sucessos de bilheteria vêm rareando, mas o astro do novo *Um Tira da Pesada 3* garante: "Posso escolher os trabalhos que quiser"

Eddie Murphy não recebe a consideração que merece. "Eddie Murphy? Grande cômico", dizem os fariseus, esquecendo-se de que, para ser um "grande cômico", é necessário antes de tudo ser um grande ator. Eddie fez onze filmes e apenas dois – o primeiro *Tira da Pesada* e *Um Príncipe em Nova York* – tinham roteiros competentes. Os outros ele carregou sozinho nas costas, usando seu carisma e um magnetismo funk sem igual.

Se hoje é comum ver cômicos negros fazendo sucesso na TV americana – Chris Rock, Martin Lawrence e Sinbad são exemplos – é porque, doze anos atrás, um moleque negro de vinte e poucos anos encarou um papel que ninguém queria e fez de *48 Horas* um dos sessenta filmes mais rentáveis de todos os tempos.

Recém-saído do programa *Saturday Night Live* – em que começou na TV, aos dezenove anos –, Eddie Murphy se tornou o primeiro ator negro de fama internacional. Seus inspiradores, notadamente Richard Pryor e Bill Cosby, eram fenômenos de popularidade tipicamente americanos. Eddie virou mania no Japão, Itália e Argentina.

Depois de *48 Horas* (escrito originalmente para Richard Pryor) vieram *Um Tira da Pesada*, *Trocando as Bolas* e *Um Príncipe em Nova York*. Entre sucessos e fracassos, Eddie já rendeu quase US$ 2 bilhões em bilheterias de todo o planeta.

"Muita gente vai dizer que só fiz *Um Tira da Pesada 3* porque meus dois últimos filmes não fizeram sucesso", disse um surpreendentemente franco Eddie Murphy durante entrevista em Nova York. "Mas isso é besteira. Meus filmes já renderam US$ 2 bilhões. Se tudo que eu fizer daqui para a frente não lucrar um centavo, nem me preocupo."

Hoje Eddie não precisa provar nada para ninguém. Ele ganha US$ 15 milhões por filme, está casado, tem uma filha (o segundo rebento está a caminho) e mora numa mansão em Nova Jersey, a 5.000 quilômetros da badalação hollywoodiana. "Hollywood é um lugar muito egocêntrico, não gostaria de criar meus filhos lá."

Murphy garante que só aceita atuar em filmes que lhe dêem prazer. "Quando decidi fazer *Um Distinto Cavalheiro*, sabia que não iria render US$ 200 milhões como *Um Tira da Pesada*, mas fiz porque gostei do roteiro.

Paramount

Graças a Deus estou numa posição que me permite escolher os trabalhos que quiser."

Não só Eddie deve agradecer aos céus por seu sucesso. Toda uma leva de comediantes negros tem uma dívida moral com ele. "Sei que abri as portas para muitos artistas negros, mas muita gente não reconhece isso. Se Wesley Snipes hoje é um astro, é porque eu me tornei um astro dez anos atrás."

Eddie Murphy faz poucos filmes em comparação com outros astros hollywoodianos e passa a maior parte de seu tempo trancado em seu estúdio, onde compõe as baladas soul que lançou em três álbuns, *How Could It Be*, *So Happy* e *Love's Alright*. Nesse último, Murphy usou de seu prestígio para convencer grandes nomes do pop a gravar músicas de sua autoria. Elton John, Michael Jackson, Bon Jovi, Garth Brooks e Paul McCartney cantam no LP. "Gravar esse disco foi a realização de um sonho. Não dá para descrever a emoção que senti ouvindo esses caras cantando minhas músicas."

Eddie conta que, de todos que participaram do disco, McCartney foi especial. "Sempre fui fã número um dos Beatles e queria muito conhecer Paul." O ator então convidou McCartney a emprestar sua voz a uma faixa. Paul topou. No dia seguinte, Eddie voou para a Inglaterra e gravou a faixa no estúdio particular de McCartney. "Fiquei maluco. Paul guarda em seu estúdio todos os velhos instrumentos usados nas gravações dos Beatles. Ele tirou um teclado pequeno de um armário e tocou a abertura de 'Strawberry Fields Forever'. Era o mesmo teclado usado em 1967. Quase chorei."

André Barcinski, de Nova York

SET

Os Altos e Baixos do Astro

48 HORAS (82): aos 21 anos, Murphy estréia nas telas com um surpreendente sucesso de bilheteria e se consagra no gênero comédia maluca de ação; faz parceria com Nick Nolte.

TROCANDO AS BOLAS (83): Murphy emplaca com esta comédia quase sofisticada de John Landis e confirma seu potencial lucrativo; divide a ribalta com Dan Aykroyd.

A MELHOR DEFESA É O ATAQUE (84): filme fraco, em que divide a tela com Dudley Moore, com quem não contracena. Um pequeno escorregão que não rala sequer o joelho de Murphy.

UM TIRA DA PESADA (84): Murphy se confirma como uma das maiores rendas de Hollywood e supera Sidney Poitier em repercussão na comunidade; lidera um filme pela primeira vez sozinho; é sua melhor comédia de ação.

O RAPTO DO MENINO DOURADO (86): demora dois anos para voltar às telas, o que acentua a razoável decepção, já que se trata de um filme tolo; OK, ninguém é perfeito.

UM TIRA DA PESADA 2 (87): o clímax. Retoma o personagem de Axel Foley e estoura a boca do balão. Assina também o argumento.

EDDIE MURPHY SEM CENSURA (87): o diretor Robert Townsend, que o usou numa ponta em seu *Confusões em Hollywood*, comanda um *one man show* de Murphy, que assina o roteiro, a co-produção e as canções.

UM PRÍNCIPE EM NOVA YORK (88): o novo trabalho com John Landis estourou o orçamento por frescuras do astro e, apesar de ter bons momentos, não recuperou seu custo. Murphy faz vários personagens sob pesada maquiagem e assina uma canção.

OS DONOS DA NOITE (89): a estréia nada auspiciosa de Murphy como diretor (assina também o roteiro e a co-produção) foi um banho de água fria: muito luxo e pouco humor.

48 HORAS PARTE 2 (90): sentindo a terra tremer sob os pés, Murphy aceita o convite de Walter Hill e volta a fazer dupla com Nick Nolte – o resultado, de crítica e público, foi mediano.

O PRÍNCIPE DAS MULHERES (92): mais um hiato de dois anos, só para voltar em sua comédia mais chula, sexista e sem graça. Assina argumento e produção. A trilha fez sucesso.

UM DISTINTO CAVALHEIRO (93): não foi um estouro, mas Murphy pelo menos pôde voltar a respirar com uma comédia de certa sofisticação. No final do filme, seu personagem, um malandro, se redime. E sua carreira?

Christian Petermann

Bomba Babilônica

A última coisa que você espera de um filme dirigido por John Landis e roteirizado por Steven E. de Souza é que pareça mal-acabado e feito às pressas. Os dois são especialistas em "cinemão". Landis já dirigiu Os Irmãos Cara-de-Pau, Um Lobisomem Americano em Londres *e dois sucessos estrelados por Eddie Murphy,* Trocando as Bolas *e* Um Príncipe em Nova York. *O currículo de Souza não é menos impressionante: o cara fez os roteiros de* Duro de Matar, O Sobrevivente *e de outro hit de Murphy,* 48 Horas. *Por isso é uma surpresa saber que* Um Tira da Pesada 3 *é uma bomba de proporções babilônicas. O roteiro parece ter sido escrito em quinze minutos, enquanto o autor estava pendurado na porta de um trem lotado.*

Os dois primeiros Tira da Pesada *eram histórias policiais simples, apimentadas pelo talento cômico de Murphy. A terceira parte da saga do detetive Axel Foley, porém, tem uma história complicada e desinteressante, que só serve de pretexto para exibições tediosas de dublês. Desta vez Foley vai a Beverly Hills atrás de uma gangue de falsários liderada pelo maligno Ellis De Wald (Timothy Carchart, o estuprador que leva um tiro nas partes baixas em* Thelma e Louise*). Foley descobre que os bandidos estão usando um parque de diversões como fachada para seus negócios sujos. Muito do filme se passa no parque, com Murphy vestido de elefante para despistar os bandidos e salvando criancinhas presas na roda-gigante.*

O filme não tem o ritmo acelerado dos dois primeiros e várias passagens são tediosas. Eddie faz o que pode, mas salvar esse elefante branco é tarefa sobre-humana. Ao final, as três ou quatro risadas que o espectador dá durante o filme não justificam o preço do ingresso.

A.B.

NA RODA DA FORTUNA

Os irmãos Coen se juntam a Sam Raimi para criar uma comédia ao estilo de Frank Capra

Waring Hudsucker, fundador das empresas Hudsucker, morreu. Ele se encheu da vida corporativa e partiu desta para a melhor, saltando pela janela da sala de reunião e se espatifando 44 andares abaixo. Os altos executivos que presenciaram o suicídio imediatamente entram em pânico: morto Waring, as ações dele serão postas à venda, deixando o destino dos ex-comandados à deriva, dependendo de quem assumirá o timão das empresas.

Mas a salvação deles pode estar no plano mefistofélico tramado por Sidney J. Mussburger, ex-braço direito de Waring – e possivelmente o homem, que no fim das contas, sempre deu as ordens. Sidney decide colocar um imbecilóide no comando das Indústrias Hudsucker, só para que a notícia se espalhe pelos meios empresariais e o valor das ações de Waring despenque, tornando-se acessível aos executivos exaltados.

Sofisticadíssimos cenários hiper-realistas, texto hilariante e uma fotografia quase cartunesca apóiam essa premissa surreal na primeira parceria dos irmãos Coen (*Barton Fink* e *Arizona Nunca Mais*) com o produtor Joel Silver (mais conhecido por seu trabalho no cinema pop, como *Máquina Mortífera* e *Duro de Matar 2*, do que por qualquer inclinação cineclubesca).

Paul Newman é o faustiano Mussburger, e Tim Robbins é Norville Barnes, o marionete que ele escolhe para o posto deixado por Waring (Charles Durning). Norville é um pobre coitado, um caipira muito bem-intencionado, mas irremediavelmente otário, que chega à cidade grande em busca de emprego e, em questão de horas, passa de office boy da Hudsucker a presidente da empresa.

São escolhas exatas: Newman, embora não seja treinado na comédia, praticamente rouba o filme toda vez que entra em cena. Robbins não fica por baixo, porém, levando às últimas conseqüências o talento humorístico já visto em filmes anteriores – seu personagem combate as cobras criadas da Hudsucker, tenta vender uma invenção sua (o bambolê!) e confunde romance com safadeza da imprensa marrom ao se apaixonar pela repórter Amy Archer (Jennifer Jason Leigh), que se faz passar por secretária e namoradinha potencial só para escavar os podres da Hudsucker.

Muito da qualidade de *Na Roda da Fortuna* está nos detalhes: o sotaque adotado por Jennifer, e a maneira como sua personagem fala, como se fosse uma locomotiva desgovernada; o ascensorista folgado; a sessão de *brainstorm* para batizar o bambolê (uma das sombras é do diretor Sam Raimi, aliás co-autor do script); a vitrine da agência de empregos em que Norville vai procurar trabalho. O clímax é puro irmãos Coen e atinge o máximo do surrealismo quando Norville trava um diálogo longo com o espírito de Waring – um anjinho com auréola... e tocando guitarra havaiana!

José Emilio Rondeau

Fotos Lumiere

The Hudsucker Proxy, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Joel Coen ■ ROTEIRO: Ethan Coen, Joel Coen e Sam Raimi ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MONTAGEM: Thom Noble ■ MÚSICA: Carter Burwell ■ FIGURINO: Richard Hornung ■ Com Tim Robbins, Jennifer Jason Leigh, Paul Newman, Charles Durning, John Mahoney, Bruce Campbell, Peter Gallagher ■ DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ■ DURAÇÃO: 111 min.

Paul Newman, como o mefistofélico Mussburger, abraça Tim Robbins, que (acima) exibe sua invenção

UIP

Close e Keaton como os jornalistas que se odeiam na comédia de Howard

O JORNAL

Michael Keaton e Glenn Close saem no tapa em comédia sobre jornalismo

Às vezes o cinéfilo, por mais "cabeça" que seja, também gosta de se divertir. Às vezes, você está de saco cheio do trabalho, da mulher e do seu time, que só apanha. Nessas horas, pode dar uma vontade braba de sentar numa poltrona de cinema, encher um balde de pipoca, comprar um galão de Coca-Cola e assistir a um filme divertido, despretensioso, só para variar.

O Jornal, de Ron Howard, é um passatempo de luxo. São duas horas que valem todos os centavos de seu suado ingressinho. Howard é um diretor adorado pelo *mainstream* hollywoodiano, que costuma rechear seus elencos de figurinhas famosas. Em *O Jornal* não foi diferente. Michael Keaton, Glenn Close, Robert Duvall, Marisa Tomei e Randy Quaid atuam nessa engraçada crônica da vida de um tablóide sensacionalista de Nova York.

Michael Keaton interpreta um chefe de reportagem que está indeciso entre continuar trabalhando no tablóide de que tanto gosta ou aceitar a oferta de um jornal mais "respeitável" e "sério". Ele briga diariamente com uma mal-humorada editora (Glenn Close) e só encontra apoio no compreensivo editor-chefe (Robert Duvall). Os personagens de Keaton e Close se enfrentam em um conflito abissal quando ele descobre que o jornal publicou uma matéria que acusava injustamente dois adolescentes por um assassinato.

Ron Howard às vezes acerta a mão. Em seus momentos mais inspirados, consegue fazer comédias competentes (*Cocoon* e *O Tiro que Não Saiu pela Culatra*). Quando dá asas à sua pretensão, costuma se danar, como na megabomba *Um Sonho Distante*. Em *O Jornal*, Howard não se arrisca. Ele tem nas mãos um elenco de primeira e um roteiro esperto e dirige com sua habitual perfeição hollywoodiana. Um filme capaz de animar qualquer fim-de-semana.

André Barcisnki

The Paper, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Ron Howard ■ ROTEIRO: David Koepp e Stephen Koepp ■ FOTOGRAFIA: John Seale ■ MÚSICA: Randy Newman ■ FIGURINOS: Rita Ryack ■ Com Michael Keaton, Robert Duvall, Glenn Close, Marisa Tomei, Randy Quaid, Jason Robards ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 110 min.

BLINK – NUM PISCAR DE OLHOS

Apesar de não arrepiar, suspense traz efeitos especiais inéditos

A bela violinista Emma (Madeleine Stowe) recupera a visão numa operação milagrosa, após ter passado quase a vida inteira na escuridão. Mas a operação provoca em Emma o fenômeno chamado "visão retroativa", distúrbio que faz com que ela somente "enxergue" as coisas um dia após tê-las visto – tudo que vê nesse período inicial parece não mais que uma alucinação.

Justamente após a cirurgia, Emma vê o homem que pode ou não ter assassinado sua vizinha; e ela vira um misto de testemunha quase inútil e vítima potencial.

Este thriller do hábil Michael Apted (o mesmo do recente *Julgamento Final*) não chega a arrepiar, mas oferece efeitos especiais inéditos (as visões de Emma) e momentos intrigantes antes de nos dar uma resolução formulaica e insatisfatória.

Stowe convence e cativa no papel da mulher independente que, ao voltar a enxergar, passa a se sentir mais ameaçada e presa do que quando era cega. Aidan Quinn apóia Madeleine como o detetive que, encarregado de investigar o assassinato da vizinha, descobre que Emma é a mesma instrumentista que tentara paquerar (sem sucesso) dias antes num pub irlandês.

J.E.R.

Blink, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Michael Apted ■ ROTEIRO: Dana Stevens ■ FOTOGRAFIA: Dante Spinotti ■ MÚSICA: Brad Fiedel e Michael Kirkpatrick ■ FIGURINO: Susan Lyall ■ EFEITOS ESPECIAIS: Art Durinski ■ Com Madeleine Stowe, Aidan Quinn, Laurie Metcalf, James Remar, Peter Friedman ■ DISTRIBUIÇÃO: PlayArte ■ DURAÇÃO: 106 min.

PlayArte

Madeleine Stowe divide seu tempo entre ser vítima e objeto de desejo de Aidan Quinn

ACE VENTURA, UM DETETIVE DIFERENTE

Ator cômico se auto-humilha em roteiro sem graça e descerebrado

Nem um comitê que incluísse Nostradamus, Chico Xavier e Zora Yonara conseguiria prever o sucesso de *Ace Ventura, um Detetive Diferente*, uma das comédias mais sem graça dos últimos anos. O "astro" dessa besteira é Jim Carrey, um ator de televisão famoso nos Estados Unidos por seu humor físico (nome respeitoso dado a atores que só sabem fazer caretas). Carrey interpreta Ace, um detetive que é chamado para investigar o seqüestro de um golfinho, mascote de um time de futebol americano.

A quantidade de clichês é inacreditável. Não existe um minuto sequer de inteligência no roteiro. Jim Carrey é um ser que constrange a raça humana com sua falta de graça. Ele com certeza seria barrado em uma festa do elenco de *A Praça É Nossa*. Mesmo assim, os americanos adoram a figura.

Ace Ventura foi um dos filmes mais enxovalhados dos últimos tempos. A reação da crítica foi tão impiedosa que a distribuidora não encontrou uma única crítica favorável para imprimir no cartaz. Apesar disso, o público fez filas para assistir a Jim Carrey se contorcer, fazer gestos estúpidos e cair dentro do aquário de um tubarão. Lucrou quase US$ 60 milhões e transformou o "bozo" em uma celebridade, fazendo seu cachê chegar a milhões de dólares por filme. É muito dinheiro para um cara cuja única qualidade é a capacidade de se auto-humilhar.

A. B.

Ace Ventura, Pet Detective, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Tom Shadyac ■ ROTEIRO: Jack Bernstein, Shadyac, Jim Carrey ■ FOTOGRAFIA: Julio Macat ■ MÚSICA: Ira Newborn ■ Com Jim Carrey, Courteney Cox, Sean Young, Dan Marino ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 93 min.

Warner

Inexplicavelmente, o babaca Jim Carrey conquistou o público americano com um filme

Look Filmes

O padre Daens vai ao Vaticano levar um "pito" do papa

DAENS – UM GRITO DE JUSTIÇA

Drama político cheio de boas intenções tende à parcialidade

Apesar de premiado em festivais tão diferentes quanto os de Chicago e Valladolid (Espanha), não se compreende o porquê da indicação deste filme para o Oscar de 1993 de produção estrangeira. É o típico caso de filme que se vale mais de suas boas intenções do que de suas qualidades. E de boas intenções o limbo cinematográfico está cheio.

Daens é o tipo de drama socio-político que parou no tempo em seu discurso. Apesar de o elenco ser muito bom e do interessante trabalho fotográfico, o diretor Stijn Coninx realizou uma obra paquidérmica e quadrada. O tema é contundente por si só: trata da luta pelo sufrágio universal na Bélgica no final do século passado.

Baseado em fatos verídicos, acompanha um padre, Daens, na defesa da classe pobre, explorada cruelmente no trabalho e perdida entre a hipocrisia cega dos dominantes, o rabo preso da Igreja e os dogmas socialistas. Difícil ficar indiferente à sucessão de misérias e injustiças. Difícil também, no entanto, é não repudiar o roteiro maniqueísta, sem sutilezas. A direção de Coninx não deixa espaços para a espontaneidade do espectador (os vilões são desumanos a ponto de criar óbvia rejeição), nem muito menos para a sua imaginação (a câmera do diretor deixa bem claro quando um acidente de trabalho, por exemplo, irá ocorrer – não há surpresas). Nenhuma mensagem positiva sobrevive a discurso tão rançoso e parcial.

Christian Petermann

Daens, Bélgica, 1992 ■ DIREÇÃO: Stijn Coninx ■ ROTEIRO: Robbe de Hert e Fernand Auwer ■ FOTOGRAFIA: Walther Vanden Ende ■ MÚSICA: Dirk Brosse ■ FIGURINOS: Yan Tax ■ Com Jan Decleir, Gérard Desarthe, Antje de Boeck ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 132 min.

lotado de clichês estúpidos

QUANDO UM HOMEM AMA UMA MULHER

Estúdios Disney erram a mão ao enfocar os problemas do alcoolismo

Alcoolismo destruindo o amor e minando a família americana em versão Disney: Meg Ryan se apaixona pela garrafa e joga pela janela o relacionamento de sonho mantido com o marido e piloto de avião (Andy Garcia) e as duas filhas do casal. Graças à dedicação cega do marido e após uma temporada numa clínica de reabilitação, sob os conselhos dos Alcoólatras Anônimos, ela domina o vício e retoma a vida em família, agora mais forte e mais determinada.

O que poderia ser um relato sombrio e profundo sobre uma mulher confrontando os demônios que a atormentam e conquistando sua liberdade não vai muito além de um filme-para-TV-sobre-a-doença-do-mês. Não vemos a doença tomar conta de sua vítima (numa cena, Meg é toda sorrisos e sedução; na cena seguinte, está espancando a filha e desmaiando de porre), e os momentos mais genuínos são as piadas alcoólatras disparadas pelos colegas que conhece na clínica.

J.E.R.

When a Man Loves a Woman, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Luis Mandoki ■ ROTEIRO: Ronald Blass e Al Franken ■ FOTOGRAFIA: Lajos Koltai ■ MÚSICA: Zbigniew Preisner ■ FIGURINO: Linda Bass ■ Com Andy Garcia, Meg Ryan, Lauren Tom, Philip Seymour Hoffman ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Buena Vista ■ DURAÇÃO: 124 min.

Columbia

Meg e sua família em momento de paz

TERRA DAS SOMBRAS

Richard Attenborough adapta peça teatral e cai no dramalhão

Sir Richard Attenborough carrega no sentimentalismo nesta (de certa forma) estilização do relacionamento entre o escritor inglês C.S. Lewis (Anthony Hopkins) e a despachadíssima escritora americana Joy Gresham (Debra Winger).

O vetusto Lewis é um fechadíssimo professor de literatura da Universidade de Oxford que encontra na mulher a libertação de suas emoções. Por fim, ela faz com que ele se entregue ao amor no momento em que se muda para a Inglaterra com o filho pequeno e praticamente invade a vida do professor.

Aviso aos navegantes: não esqueçam o lencinho. Apesar de inicialmente correto, o filme – uma adaptação da peça de William Nicholson, também autor do roteiro – descamba logo, logo para o dramalhão lacrimoso.

J.E.R.

Warner

A despachada Debra conquista o empedernido coração de sir Anthony

Shadowlands, Inglaterra/EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Richard Attenborough ■ ROTEIRO: William Nicholson, a partir de sua peça homônima ■ FOTOGRAFIA: Roger Pratt ■ MÚSICA: George Fenton ■ FIGURINO: Penny Rose ■ Com Anthony Hopkins, Debra Winger, Edward Hardwicke, Michael Denison, John Wood ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 130 min.

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃO E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP
05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP
04510-040
tel / fax (011) 829 7235

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP
14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

BARAKA – UM MUNDO ALÉM DAS PALAVRAS

Trata-se de uma direção de Ron Fricke, fotógrafo e montador dos filmes *Koyaanisqatsi* e *Powaqqatsi*. Quem conhece essas obras sabe o que esperar. É o mesmo tipo de filme sensorial, imagem e música a serviço dos sentidos e de suas reações (comoção, arrepio, espanto, tristeza), mas com três vantagens: em vez da música tipo rolo compressor de Philip Glass, uma coleção de temas étnicos e folclóricos, além da música climática de Michael Stearns; em vez da preocupação sociológica e paternalista do diretor Godfrey Reggio, uma leitura religiosa e mística das culturas; e o fato de Fricke ser o diretor das tomadas feitas em 24 países confere à obra um potencial imagético arrebatador. Recomenda-se apenas que o espectador esteja bem descansado, pois trata-se de uma experiência quase zen, que pode levar o mais incauto a perder detalhes curiosos. *Ch.P.*

Columbia

Angie

(Baraka, EUA, 1992) Direção e fotografia: Ron Fricke. Look Filmes.

CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ 33 1/3 – O INSULTO FINAL

Chega aos cinemas a terceira parte da saga do policial Drebin (Leslie Nielsen), *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*, dirigida pelo novato Peter Segal e produzida por David Zucker. Só para variar, a história é de uma cretinice absoluta: Drebin está curtindo sua merecida aposentadoria ao lado da mulher quando é chamado por seus dois ex-companheiros da polícia para voltar à ativa e ajudar na captura de um perigoso terrorista que ameaça explodir a cerimônia de entrega do Oscar. Se você está querendo divertimento com conteúdo, esqueça. Este é um filme descerebrado para platéias descerebradas. Ainda bem que existem pessoas neste planeta cada vez mais carrancudo que aceitem de bom grado serem lobotomizadas por uma hora e meia. *A.B.*

(Naked Gun 33 1/3 – The Final Insult, EUA, 1994) Direção: Peter Segal. Com Leslie Nielsen, Priscilla Presley, George Kennedy, O. J. Simpson, Fred Ward. UIP.

ANGIE

É quase inacreditável constatar que Martha Coolidge (a mesma do excelente *As Noites de Rose*) conduza a história de uma jovem mulher (Geena Davis) indecisa entre sua independência, o amor e a maternidade como se fizesse um dramalhão mexicano. Martha abusa do melodrama, especialmente quando vai se aproximando do final. O discurso de Angie para o filho, na tentativa de salvar a vida da criança – enfraquecida e confinada a uma incubadeira – é um momento especialmente embaraçoso. O consolo é enfiar na cabeça a idéia de que, com Madonna – a escolha inicial para ser a protagonista –, tudo poderia ter sido muito pior. *J.E.R.*

(Angie, EUA, 1994) Direção: Martha Coolidge. Com Geena Davis, Stephen Rea, James Gandolfini, Aida Turturro, Philip Bosco, Betty Midler. Columbia TriStar.

LAMARCA

A obra de Sérgio Rezende tem o mérito de resgatar sem maniqueísmos a figura do capitão Carlos Lamarca, que desertou do Exército e aderiu à luta armada da esquerda. No papel-título, Paulo Betti realiza talvez uma das mais dignas interpretações do cinema brasileiro. Sob a direção segura de Rezende, que rejeita o apelo fácil e os excessos óbvios, tudo está no filme sem ser caricaturizado. O diretor tem, ainda, controle absoluto sobre a vasta galeria de personagens, em que se destacam Carla Camuratti e José de Abreu. *H.S.*

(Brasil, 1994) Direção: Sergio Rezende. Com Paulo Betti, Carla Camuratti, José de Abreu, Ernani Moraes, Carlos Zara. Riofilme.

GILBERT GRAPE – APRENDIZ DE SONHADOR

Talvez fosse preciso o toque sutil e poético do diretor sueco Lasse Hallstrom para fazer acertadamente este retrato de um ano na vida de Gilbert (Depp), rapaz preso na modorrenta vida de uma microcidade americana e assoberbado pelas responsabilidades com sua grande família, das quais a mais importante é cuidar do irmão caçula e deficiente mental, Arnie (DiCaprio). *J.E.R.*

(What's Eating Gilbert Grape?, EUA, 1993) Direção: Lasse Hallstrom. Com Johnny Depp, Leonardo DiCaprio, Juliette Lewis, Mary Steenburgen, Darlene Cates. Flashstar.

ADORO HOMENS DE UNIFORME

Em nenhum momento, o diretor recorre ao estereótipo do poder viril do uniforme ou do cacetete para fazer este estudo psicológico sobre a inadequação ao universo concreto, contado em ritmo de thriller. A armadura que o uniforme representa é mais um disfarce que tenta adaptar um ser humano ingênuo e literalmente "básico" a um cotidiano de esgoto, a uma urbe devastada pela violência. *Ch.P.*

(I Love a Man in Uniform, Canadá, 1993) Direção: David Wellington. Com Tom McCamus, Rigitte Bako, David Hemble. Look Filmes.

BOLSA DE CINEMA

A tão esperada obra de Bertolucci, *O Pequeno Buda*, não fez a cabeça da crítica e um dramalhão e um documentário ganham os primeiros lugares

	Inácio Araujo Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio O Estado de S. Paulo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Cristiane Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Antonio Querino Neto Isto É	SET	Média
Terra das Sombras (Warner)	—	10	—	—	6	7	7	—	7	7.4
Baraka (Look)	—	8	8	4	6	9	7	7	8	7.1
Amor e Restos Humanos (Look)	7	7	—	—	8	—	7	6	—	7.0
Lamarca (Riofilme)	6	8	8	7	3	7	8	8	—	6.8
Dois Velhos Rabugentos (Warner)	7	8	7	—	5	7	6	7	8	6.8
O Pequeno Buda (Top Tape)	7	8	6	5	5	6	7	8	9	6.7
Corra Que a Polícia Vem Aí 33 1/3 (UIP)	7	4	—	—	5	—	5	—	8	5.8
Olhos de Serpente (Paris)	—	3	8	—	0	5	8	5	8	5.2
Família Buscapé (Fox)	—	2	3	—	4	—	—	—	4	3.2
A Louca, Louca História de Robin Hood (Columbia)	2	2	3	3	4	—	1	7	—	3.1

O Grupo Abril Orgulhosamente Apresenta A Primeira Enciclopédia Multimídia Brasileira

Almanaque Abril CD-ROM. A partir de agora você pode viver toda a emoção que a comunicação interativa lhe oferece. Mais de 1 milhão de informações sobre o Brasil e o mundo, fotos históricas, animações e vídeos que podem ser pesquisados com rapidez e das mais diversas maneiras: por palavra, por grupo de palavras, pelo índice, por foto e por assunto. Totalmente em português. Para você ler, ouvir, se divertir e aprender de uma forma nunca imaginada antes.

O Almanaque Abril CD-ROM requer
Um PC multimídia ou compatível, com processador 386SX ou superior, 4 Mb de RAM, 5 Mb de espaço disponível em disco rígido, acionador de CD-ROM, Placa de som, Placa de vídeo VGA com suporte a no mínimo 256 cores, Sistemas Operacionais Microsoft Windows™ 3.1 e DOS® 3.1 ou superiores, Mouse, Fones de ouvido ou Caixas de som.

PLANO D. «EDUCAÇÃO

Abril
Multimídia

ENCOMENDE O SEU CD-ROM HOJE MESMO!

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS E DISTRIBUÍDO POR **ABRIL VÍDEO** DA AMAZÔNIA S/A CGC 23.022.809/0001-10 EM PARCERIA COM **ATR** MULTIMEDIA E **MICROSERVICE** MICROFILMAGENS E REPRODUÇÕES TÉCNICAS LTDA. ®1994 INDÚSTRIA BRASILEIRA **MADE IN BRAZIL**

ISR-40-3656/82
UP-AC CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA

NÃO É NECESSÁRIO SELAR

Editora Abril S.A.

05999-999 São Paulo - SP

Dobre aqui e cole no verso

ALMANAQUE ABRIL
A ENCICLOPÉDIA EM MULTIMÍDIA

PREÇO UNITÁRIO	QUANTIDADE	VALOR TOTAL
115 URV		

PREENCHA EM LETRA DE FORMA

Assinale aqui a forma de pagamento: ☐ Cartão de crédito ☐ Cheque anexo*
(nominal à Abril Vídeo da Amazônia S/A)

Nome do cartão ou do banco _____ mês ano

Nº do cartão ou do cheque _____ Validade ____/____/

* Compras através de cheque terão seus preços convertidos em CR$ da data de postagem do cupom

Nome _____

Empresa _____ Cargo _____

Endereço _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

DDD/Tel. _____ Fax _____

CIC _____ Data de nascimento _____

Caso o pedido seja faturado em nome da pessoa jurídica, preencha os espaços abaixo.

CGC _____ Insc. Estadual _____

Data ____/____/____ _____
Assinatura

LIGUE GRÁTIS 0800 150 150

SET. 94

EQUIPAMENTOS

CD-ROM, A NOVA TECNOLOGIA PARA CINÉFILOS

CINEMANIA '94
(Microsoft)
VIDEOHOUND MULTIMEDIA
(Visible Ink Software)
VIDEO MOVIE GUIDE – ELETRONIC EDITION 2.0
(Advanced Multimedia Solution)

A multimídia está encontrando um bom mercado entre os cinéfilos. Prova disso é o número crescente de CD-ROMs dedicados a quem quer se informar mais sobre cinema. A Microsoft, que saiu na frente com seu *Cinemania*, em 1992, agora está lançando o *Cinemania '94*, versão ampliada e atualizada do programa sobre filmes. O CD reúne resumos de mais de 10 mil filmes, 4 mil biografias e um glossário de termos cinematográficos. De quebra, traz vinte seqüências de filmes, 150 trechos de diálogos (com os respectivos scripts), mais de 100 trechos de músicas e 2.900 fotos de cenas e retratos. Os filmes são comentados pelos críticos americanos Leonard Maltin, Pauline Kael e Roger Ebert. O programa permite encontrar ou listar filmes através de várias chaves, seja por ator, diretor, ano, gênero, cotação da crítica, premiação do Oscar. O *Cinemania '94* tem versões para Windows e Macintosh e custa US$ 79,95.

Pelo mesmo preço, mas só para Windows, há o *VideoHound Multimedia*, da Visible Ink Software. Ele resume 22 mil filmes e mais de 30 mil vídeos de assuntos variados, como esportes, música e ginástica. Apesar de não ser tão sofisticado como o *Cinemania*, o programa é um prato cheio para quem gosta de caçar detalhes sobre filmes B, C e Z. Dá para cruzar referências em mais de mil categorias, das mais gerais até específicas como "guerra entre sexos".

Um outro CD sobre filmes que merece uma olhada é o *Video Movie Guide – Eletronic Edition 2.0*. Este lista 13 mil produções, mostra a capa de 1.300 vídeos (em sua versão norte-americana, claro) e ainda mostra os trailers originais de 21 filmes, como *Tubarão* ou *O Mágico de Oz*. A Advanced Multimedia Solutions, que produz o CD, por enquanto só faz a ver-são para Windows, que custa US$ 39,95 nos EUA.

Marcos Smirkoff

LASER

PARA GOSTOS VARIADOS

SLEEPLESS IN SEATTLE
(Columbia TriStar Video)

Sintonia de Amor foi um dos maiores sucessos de 1993 pelo mundo afora por uma simples e única razão: conta uma história de amor daquelas que só se vive uma vez. Comédia romântica feita nos moldes das mais famosas dos anos 50, como *Tarde Demais para Esquecer*, o filme de Nora Ephron, com Tom Hanks e Meg Ryan formando o casal central, fica perfeito na telinha com a resolução impecável do laserdisc.

Columbia TriStar
Sleepless in Seattle

NEW YORK, NEW YORK: DELUXE COLLECTOR'S EDITION
(MGM)

Martin Scorsese perdeu uma fortuna com este musical porque ninguém na época entendeu o que o diretor queria. Dezessete anos depois de seu lançamento, *New York, New York* é um clássico moderno. Robert De Niro e Liza Minelli estão esplendorosos no papel de um casal que, no período após a Segunda Guerra, se desentende devido a uma disputa profissional – ela é uma cantora em ascensão, e ele, um saxofonista que vive à sua sombra. Esta edição traz comentários do próprio Scorsese, 43 minutos de cenas cortadas da versão dos cinemas e o roteiro original.

POLYESTER
(Criterion Collection)

John Waters está de novo na moda – seu último filme, *Serial Mom*, com Kathleen Turner, tem recebido ótimas críticas. Então, embarque nesta experiência que é assistir a *Polyester*, de 1981. A Criterion teve o cuidado de repetir a façanha de Waters quando lançou este filme nos cinemas: as pessoas ganham um "odorama", uma cartela que, ao ser raspada, exala diversos odores, de pizza a flatulências (gases estomacais). A musa preferida do diretor/produtor/roteirista, o travesti Divine, forma um casal perfeito com Tab Hunter. Como bônus, a edição traz Waters lendo seu livro *Shock Value*, de 1989. Não se assuste, mas John Waters adora chocar e garante que se a platéia vomitar durante seus filmes isso equivale a uma ovação para ele.

Deborah Peleias

TRILHAS SONORAS

VETERANOS DÃO O TOM

PHILADELPHIA – MUSIC FROM THE MOTION PICTURE
(Epic/Sony)

Jonathan Demme resolveu não comprometer o tema sério de seu filme com uma trilha cheia de hits que pudessem ter vida própria e serem lembrados por si só. Daí surgiram boas composições, como "Please Send Me Someone to Love", cantada por Sade, ou "I Don't Wanna Talk About It", com as Indigo Girls. Surgiram também duas indicações para o Oscar de melhor canção de 93 – "Streets of Philadelphia", de Bruce Springsteen, e "Philadelphia", de Neil Young. A primeira acabou faturando o prêmio (não por minha escolha nem pela de Tom Hanks, que citou Young em seu discurso de agradecimento pelo Oscar de melhor ator). Mas a Academia é feita de e para americanos, e o cantor da América hoje ainda é Springsteen.

José Julio do Espirito Santo

SISTER ACT 2: BACK IN THE HABIT
(BMG/Hollywood Records)

O melhor que se pode dizer desta trilha é que ela é a única coisa que merece menção no filme, fraco de doer. A trilha destaca seu elenco de novatos ansiosos pela fama e que provam ter mais talento no campo da música do que no da atuação. Valeria Andrews, Tanya Blount, Lauryn Hill e Ryan Toby

contracenam com Whoopi Goldberg, mas marcam presença apenas com suas vozes. Repare também no *medley* que abre o filme (quando Whoopi voa por um palco de Las Vegas) e no número final, o dos letreiros, que reúne todo o elenco e é a melhor cena do longa. Além do grupo feminino de hip hop Nuttin' Nyce e dos baladeiros e babosos Hi-Five, ambos do catálogo da Jive, o grande trunfo acaba sendo mesmo a veterana Aretha Franklin, da geração Motown, com uma ótima versão do sucesso "A Deeper Love", composto e mixado pelo C&C Music Factory. Na falta do single, leva-se o resto da trilha junto!

Christian Petermann

LIVROS

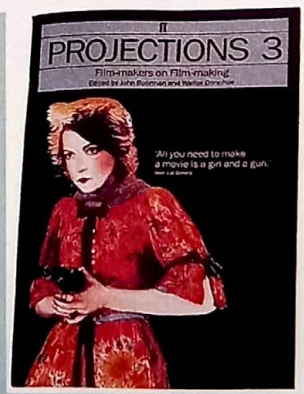
LEITURA SORTIDA

LE PETIT LIVRE DE PAUL VERHOEVEN
(de Jean-Marc Bouineau, Éditions Spartorange)

O diretor Paul Verhoeven, de *O Vingador do Futuro* e *Instinto Fatal*, está trabalhando no projeto *Crusades*, com Schwarzenegger. Enquanto esperamos esse novo *megabuster* chegar aos cinemas podemos nos aprofundar na obra do amalucado holandês através de 116 páginas e 120 fotos que esmiuçam cada um de seus filmes.

SPECTACULAR BODIES: GENDER, GENRE AND THE ACTION CINEMA
(de Ivonne Tasker, edição da Routledge)

Tinha que ser uma mulher para fazer um estudo sobre os filmes de ação e seus representantes másculos – óbvio que os ícones são Schwarzenegger e Stallone. Coisa de macho que o sexo feminino entende muito bem. A autora Ivonne Tasker mostra esse complexo universo – caracterizado pelo imaginário violento, os motivos cômicos, a exibição física e a autoparódia. Para Ivonne, essas são as premissas principalmente das séries *Rambo* e *Exterminador do Futuro*. Mas ela não se detém apenas nos detalhes superficiais e vai mais fundo: analisa o aspecto racial, em que o negro sempre é colocado como um marginal ou um ser humano monstruoso (seu exemplo é *O Predador 2*). Termina sua teoria reconhecendo que aquilo que o espectador experimenta com os filmes de ação é sempre reflexo de um fluxo social de identificação sexual e racial.



PROJECTIONS 3: FILMMAKERS ON FILMMAKING
(Editado por John Boorman e Walter Donohue, edição da Faber & Faber)

Terceiro volume da antologia anual, em que Boorman e Donohue analisam detalhadamente, através das seções "O Processo" e "A Carreira", as obras de vários diretores. Os autores buscam esclarecer as diferenças fundamentais que permeiam cada um dos trabalhos dos cineastas e assim dar uma visão global de como funciona a Sétima Arte.

CINEMA: THE FIRST HUNDRED YEARS
(de David Shipman, edição da Weidenfeld and Nicholson)

No ano em que se celebra o centenário do cinema, David Shipman faz um levantamento dos filmes mais importantes lançados ano a ano desde 1893. Trabalho de fôlego, fartamente ilustrado com fotos de ótima qualidade – muitas de página inteira.

D.P.

BILLY WILDER

UM MENTIROSO DESLAVADO

Criado na fervilhante Viena do início do século, o diretor explorou como ninguém o limiar entre a verdade e a representação

Nascer na Áustria, no início do século, era o que se pode chamar de bom negócio. Em 1906, quando Billy Wilder deu seus primeiros gritos, a sede do Império Austro-Húngaro dos Habsburgos era ali. E Viena, a cidade onde foi morar quando ainda nem falava direito, não era "só" a capital do império. Era também a cidade em que estava nascendo a psicanálise de Freud, em que se impunha a música de Gustav Mahler e Schoenberg, em que pululavam escritores da categoria de Robert Musil, Stephan Zweig e Hermann Broch e pintores como Kokoschka, Klimt, Egon Schiele.

Nada mau para um jovem de origem judaica que logo se lançou no jornalismo, disposto a buscar novas aventuras todos os dias.

Nessa condição, o inquieto Billy acabou dando com os costados no consultório do já célebre dr. Sigmund Freud. Deixemos que ele conte o episódio: "Eu estava na sala de espera e vi pela porta a sala em que atendia, com o divã, o famoso divã, um divã bem pequeno e coberto por um tapete turco. Depois, Freud veio da sala de jantar, ainda com o guardanapo no pescoço, olhando fixamente meu cartão de visita. Ele disse: 'O sr. é Herr Wilder?' Eu lhe respondi: 'Jawohl, Herr Professor'. Ele disse: 'O sr. trabalha para este jornal?' Respondi: 'Jawohl Herr Professor'. Ele me disse: 'A porta é ali'."

Billy contou a história várias vezes, sempre com pequenas modificações. A única constante era a admiração por Freud. No mais, a idéia de mentira é quase tão presente em sua vida quanto a de respiração. E todos sabem que, sem mentira, não existiria psicanálise. Daí Wilder ter respondido uma vez, quando lhe perguntaram qual sua formação teórica: "Sou um mentiroso deslavado".

Ou seja, um jornalista, um escritor, um cineasta. Era natural, portanto, que seu talento desembocasse no cinema, onde foi parar nos anos 20, como roteirista da UFA em Berlim. Em 1933, Hitler tomou o poder. Wilder, judeu, foi para a França, onde fez seu primeiro filme, *Mauvaise Graine*, com uma Danielle Darrieux então iniciante. Logo a seguir, graças a um roteiro vendido para Hollywood, pôs os pés na América.

Aí começou a verdadeira história de Billy Wilder. Ou melhor, um pouco depois, quando a Paramount entendeu de juntá-lo a Charles Brackett para escrever *A Oitava Esposa de Barba Azul* e em seguida *Ninotchka*, ambos de Ernst Lubitsch. Tinha encontrado seu mestre.

Depois, escreveu, sempre com Brackett, *Bola de Fogo*, de Howard Hawks. Dessa vez tirou férias e foi assistir às filmagens, de cabo a rabo. Sentia-se capaz de dirigir, controlar as histórias que escrevia, de não vê-las mudadas por caprichos dos atores ou da produção.

De tanto pedir, conseguiu que a Paramount lhe desse uma chance para dirigir. Na verdade, a Paramount estava crente de que o filme fracassaria, Billy abandonaria sua mania e voltaria a escrever bonzinho. Nada disso. *A Incrível Suzana* (1942) começa como uma história cheia de vivacidade e consolida-se como a estréia de um verdadeiro diretor. O público também achou isso e Wilder ganhou um contrato como diretor.

Seguem-se *Cinco Covas no Egito*, *Pacto de Sangue* e o Oscar, ainda em 1945, por *Farrapo Humano*. Já desde o primeiro filme é possível perceber o essencial de seu cinema, que se pode definir como a arte da contigüidade. Duas (ou mais) pessoas encontram-se num espaço restrito e dessa proximidade surge uma história. É assim em *Pacto de Sangue*, *Crepúsculo dos Deuses*, *O Pecado Mora ao Lado*, *Quanto Mais Quente Melhor*, *Se Meu*

Apartamento Falasse e tantos mais.

Um mecanismo que Wilder aplicou com rigor matemático, transferindo-o de dramas para comédias, daí para comédias dramáticas. E ao qual acrescentava aquilo que aprendeu em seu início de carreira: a leveza, a elegância, a sutileza ao tratar de assuntos delicados (leia-se sexuais), que buscou em Lubitsch, e o sentido de equilíbrio e harmonia, que tirou de Hawks.

A soma dessas virtudes deu no que talvez tenha sido o maior narrador surgido na era do cinema mudo. A honestidade pessoal baseada na mentira o fez sobreviver alegremente a um meio áspero como Hollywood. Da boca para fora, fazia-se passar por um americano médio (tinha horror de que os estúdios o julgassem um intelectual). De casa para dentro, montava uma coleção com quadros de Picasso, Chagall, Braque, Renoir e etceteras não menos ilustres.

No set, era um diretor maleável, que se preocupava em ver cada ator como um ser "diferente" e entendê-lo. Esse gênio lhe valeu a proeza de se tornar um dos raros diretores com quem Marilyn Monroe filmava sem criar encrenca. Wilder não perdia a cabeça com os atrasos da atriz. E contava a história de uma tia que nunca perdia a hora para nada. Mas, e daí? Ninguém pagaria um níquel para vê-la. Marilyn podia atrasar mas, quando o filme ficava pronto, as pessoas se precipitavam na bilheteria para vê-la.

Sutil porém decisiva diferença entre a vida e a arte, o que acontece e sua representação. Ora, se hoje olharmos com cuidado os filmes de Billy veremos que quase todos têm como fundo essa diferença, a impossibilidade de bani-la. Às vezes, como em *Crepúsculo dos Deuses* ou *Fedora*, esse fundo passa para a frente, torna-se o próprio espetáculo. Mas a substância continua a mesma: em Billy Wilder a vida é sempre uma tensão entre a verdade e sua representação e, não raro, não sabemos qual é uma e qual é outra.

Esse o segredo de suas histórias (não vamos lembrá-las aqui). E o fato é que cada história de Billy é um pequeno, mas magnífico, abismo de paixões, em que o homem todo o tempo olha para um espelho para ver sua imagem. E todo o tempo pode se reconhecer no que vê, rir daquilo, chorar com aquilo. Mas ao final o riso trava na boca, o próprio choro seca. Nota que aquela não é apenas a imagem distorcida de um espelho. É ele mesmo, com todas as suas dores, suas baixezas, suas distorções. Mas, por isso mesmo, belo e humano. É o que parece nos dizer Billy Wilder filme após filme: a beleza é imperfeita, ou não é.

Inácio Araujo

Billy Wilder exibe um modelito exótico durante as filmagens de *Irma La Douce*, em 1963; à esquerda, o diretor com Jean Arthur e Marlene Dietrich

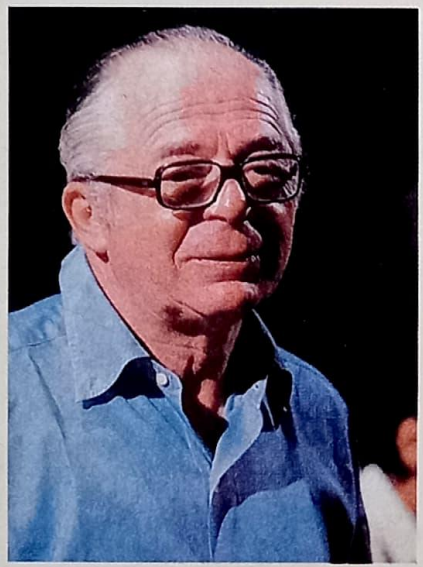
Filmografias

BILLY WILDER

Diretor, roteirista e produtor, nascido Samuel Wilder a 22 de junho de 1906 em Sucha, Áustria (hoje pertencente a Polônia).

Como roteirista: 1929: HOMENS NO DOMINGO (*Menschen am Sonntag*, de Robert Siodmak e Edgar Ulmer, como co-roteirista); DER TEUFELSREPORTER ■ 1930: SEITENSPRÜNGE (como argumentista) ■ 1931: DER FALSCHE EHEMANN (como co-roteirista); EMIL UND DIE DETEKTIVE (de Gerhard Lamprecht); DER MANN, DER SEINEN MÖRDER SUCHT; IHRE HOHEIT BEFIEHLT (como co-roteirista) ■ 1932: DAS BLAUE VON HIMMEL (como co-roteirista); EIN BLONDER TRÄUM (de Paul Martin, como co-roteirista); ES WAR EINMAL EIN WALTZER; SCAMPOLO, EIN KIND DER STRASSE (como co-roteirista) ■ 1933: WAS FRAUEN TRAÜMEN (como co-roteirista); MADAME WÜNSCHT KEINE KINDER (como co-roteirista) ■ 1935: MUSIC IN THE AIR (de Joe May, como co-roteirista); LOTTERY LOVER (de William Thiele, como co-roteirista) ■ 1937: CHAMPAGNE WALTZ (de Edward Sutherland, como co-roteirista) ■ 1938: A OITAVA ESPOSA DE BARBA AZUL (*Bluebeard's Eighth Wife*, de Ernst Lubitsch, como co-roteirista) ■ 1939: MEIA-NOITE (*Midnight*, de Mitchell Leisen, como co-roteirista); WHAT A LIFE (de Jay Theodore Reed, como co-roteirista); NINOTCHKA* (de Ernst Lubitsch, como co-roteirista) ■ 1940: LEVANTA-TE, MEU AMOR (*Arise My Love*, de Mitchell Leisen, como co-roteirista); RHYTHM ON THE RIVER (de Victor Schertzinger, como co-roteirista) ■ 1941: A PORTA DE OURO (*Hold Back the Dawn*, de Mitchell Leisen, como co-roteirista); BOLA DE FOGO (*Ball of Fire*, de Howard Hawks, como co-roteirista)

Como diretor: 1933: MAUVAISE GRAINE (co-diretor junto a Alexander Esway e co-roteirista) ■ 1942: A INCRÍVEL SUZANA (*The Major and the Minor*, também como co-roteirista) ■ 1943: CINCO COVAS NO EGITO (*Five Graves to Cairo*, também como co-roteirista) n 1944: PACTO DE SANGUE (*Double Indemnity*, também como co-roteirista) ■ 1945: FARRAPO HUMANO (*The Lost Weekend*, também como co-roteirista) ■ 1948: A VALSA DO IMPERADOR (*The Emperor Waltz*, também como co-roteirista); A MUNDANA (*A Foreign Affair*, também como co-roteirista) ■ 1950: CREPÚSCULO DOS DEUSES (*Sunset Boulevard*, também como co-roteirista) ■ 1951: A MONTANHA DOS SETE ABUTRES* (*Ace in the Hole* ou *The Big Carnival* na versão inglesa, também como co-roteirista e produtor) ■ 1953: INFERNO Nº 17* (*Stalag 17*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1954: SABRINA* (ou *Sabrina Fair* na versão inglesa, também como co-roteirista e produtor) ■ 1955: O PECADO MORA AO LADO (*The Seven Year Itch*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1957: ÁGUIA SOLITÁRIA (*The Spirit of St. Louis*, também como co-roteirista); AMOR NA TARDE (*Love in the Afternoon*, também como co-roteirista e produtor); TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO* (*Witness for the Prosecution*, também como co-roteirista) ■ 1959: QUANTO MAIS QUENTE MELHOR* (*Some Like It Hot*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1960: SE MEU APARTAMENTO FALASSE* (*The Apartment*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1961: CUPIDO NÃO TEM BANDEIRA (*One, Two, Three*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1963: IRMÃ LA DOUCE* (também como co-roteirista e produtor) ■ 1964: BEIJA-ME IDIOTA (*Kiss Me, Stupid*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1966: UMA LOURA POR UM MILHÃO (*The Fortune Cookie* ou *Meet Whiplash Willie*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1970: A VIDA ÍNTIMA DE SHERLOCK HOLMES (*The Private Life of Sherlock Holmes*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1972: AVANTI... AMANTES À ITALIANA (*Avanti!*, também como co-roteirista e produtor) ■ 1974: A PRIMEIRA PÁGINA (*The Front Page*, também como co-roteirista) ■ 1978: FEDORA (também como co-roteirista e produtor) ■ 1981: AMIGOS, AMIGOS, NEGÓCIOS À PARTE (*Buddy Buddy*, também como co-roteirista)



SHARON STONE

Atriz, nascida a 10 de março de 1958 em Meadville, Pensilvânia.

1980: MEMÓRIAS (*Stardust Memories*, de Woody Allen) ■ 1981: RETRATOS DA VIDA* (*Bolero/Les Uns et Les Autres*, de Claude Lelouch); BÊNÇÃO MORTAL (*Deadly Blessing*, de Wes Craven) ■ 1982: UM CASO MUITO ESPECIAL* (*Not Just Another Affair*, de Steven Hilliard Stern, para a TV) ■ 1984: O ASSASSINATO DA GAROTA DA CAPA* (*The Calendar Girl Murders*, de William A. Graham, para a TV); A GUERRA DO JOGO* (*The Vegas Strip War*, de George Englund); IRRECONCILABLE DIFFERENCES (de Charles Shyer) ■ 1985: AS MINAS DO REI SALOMÃO* (*King Solomon's Mines*, de J. Lee Thompson) ■ 1986: MR. AND MRS. RYAN (de Peter Hunt, para a TV) ■ 1987: ALLAN QUATERMAIN E A CIDADE DO OURO PERDIDO* (*Allan Quatermain and the Lost City of Gold*, de Gary Nelson); LOUCADEMIA DE POLÍCIA 4: O CIDADÃO SE DEFENDE* (*Police Academy 4: Citizens on Patrol*, de Jim Drake) ■ 1988: BADLANDS 2005 (de George Miller, para a TV); WAR AND REMEMBRANCE (de Dan Curtis, minissérie para a TV); TEARS IN THE RAIN (de Don Sharp, para a TV); O CONFRONTO FINAL* (*Cold Steel*, de Dorothy Ann Puzo); NICO – ACIMA DA LEI* (*Above the Law*, de Andrew Davis); ACTION JACKSON* (de Craig R. Baxley) ■ 1989: POR TRÁS DA LUA* (*Personal Choice/Beyond the Stars*, de David Saperstein); SANGUE E AREIA* (*Sangre y Arena*, de Javier Elorrieta) ■ 1990: O VINGADOR DO FUTURO* (*Total Recall*, de Paul Verhoeven) ■ 1991: ELE DISSE, ELA DISSE* (*He Said, She Said*, de Ken Kwapis e Marisa Silver); ENIGMAS DO PASSADO* (Scissors, de Frank DeFelitta); DOMINADA PELO MEDO* (*Diary of a Hitman*, de Roy London); O ANO DA FÚRIA* (*Year of the Gun*, de John Frankenheimer); DIÁRIO DE UM CRIME* (*Where Sleeping Dogs Lie*, de Charles Finch) ■ 1992: INSTINTO SELVAGEM* (*Basic Instinct*, de Paul Verhoeven) ■ 1993: INVASÃO DE PRIVACIDADE* (*Sliver*, de Phillip Noyce) ■ 1994: INTERSECTION – UMA ESCOLHA, UMA RENÚNCIA (*Intersection*, de Mark Rydell); THE QUICK AND THE DEAD (de Sam Raimi, também como produtora); THE SPECIALIST (de Luís Llosa, em produção)

**disponível em vídeo*

Marcus James colocou o Brasil
nas melhores cartas de vinho
de Nova Iorque, São Paulo, São Francisco,
Porto Alegre, Chicago, Rio, Montreal...
IMPORTED WHITE WINES
Chablis
Rameau - France
Marquês de Riscal
Rueda - Spain
Château D'yquem
Sauternes - France
Aurora Valley - Brazil
Pallini
Attica - Greece
MARCUS JAMES
1989
RIESLING
VALE AURORA
Conteúdo 750 ml
Coloque Marcus James
em sua taça.
Esteja você onde estiver.
MARCUS JAMES
RESERVA ESPECIAL

José Emilio Rondeau

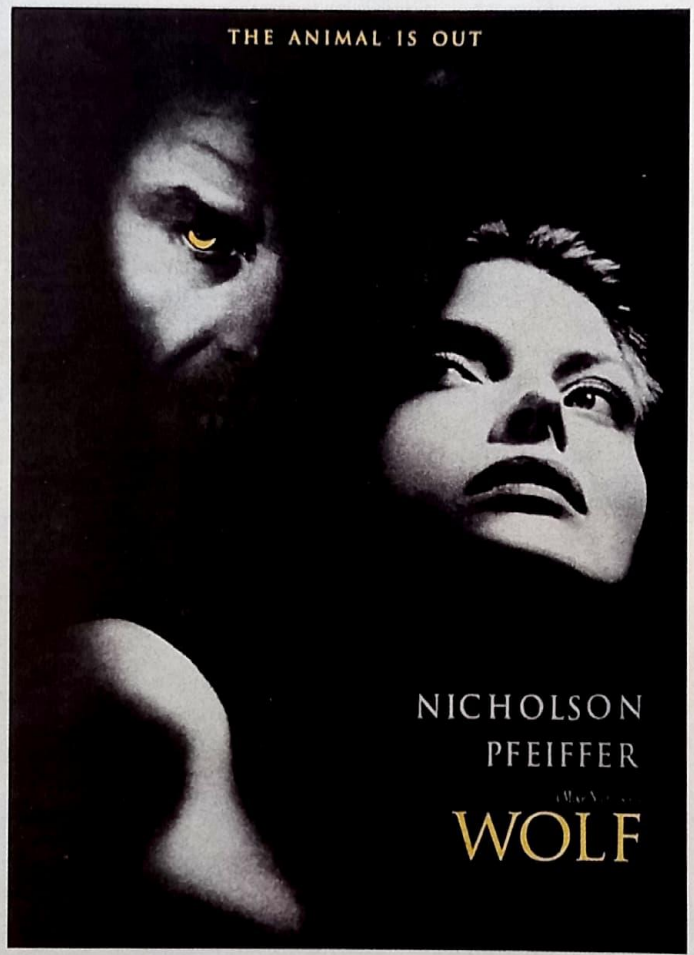
ESTÚDIOS ENTRAM NA GUERRA DO VERÃO

Foi dada a partida: no dia 27 de maio – Memorial Day, o feriado em que se homenageiam os soldados mortos em defesa dos Estados Unidos –, quando se vendeu o primeiro ingresso para *Um Tira da Pesada 3* e *The Flintstones*, começou a temporada cinematográfica mais competitiva e rentável do ano para os americanos: a temporada de verão, que só termina no primeiro fim-de-semana de setembro, Dia do Trabalho.

Os três meses da temporada de verão representam, a grosso modo, 30% a 40% da bilheteria anual. Durante 1993, um ano excepcionalmente próspero para o cinema, o verão gerou US$ 1,5 bilhão dos quase US$ 5 bilhões acumulados durante o ano – performance auxiliada sobremaneira por *Jurassic Park* (que arrecadou US$ 310 milhões só nos Estados Unidos) e pelo brilhante desempenho de *O Fugitivo* já no final da temporada (US$ 180 milhões).

Também para o mercado de vídeo o verão é crucial, pois é quando são agressivamente divulgados os lançamentos que, transformados em videocassetes, deverão rechear os sapatinhos no Natal.

A magia do verão não tem muito mistério: acabaram as aulas, o lazer é praticamente uma obrigação, o ar-condicionado é aconchegante, a pipoca está no ponto – e a safra cinematográfica atingiu seu estado mais pop, oferecendo diversão pura e simples. Mas disputar espaço no supermercado de verão nada tem de simples – e muito menos de puro. Depois de gastar o que tinham e o que não podiam para finalizar seu produto, os estúdios recorrem a maratonas de exibições-teste e à refilmagem de última hora para garantir que seus filmes tenham retorno ótimo. Isso além da arte do "posicionamento" – a escolha do fim-de-semana em que o filme abre. Há quem teorize que uma das razões do fiasco de *O Último Grande Herói* tenha sido seu lançamento justo uma semana depois de *Jurassic Park*, considerado um posicionamento suicida.



O verão 94 terá um bom punhado de thrillers – menos pela predominância do gênero, mais pelo que está em jogo em cada lançamento. *The Flintstones* pode ser a bênção ou a desgraça da Universal, dependendo de como recuperar, e em quanto tempo, os US$ 65 milhões que teriam sido enterrados no projeto. *Um Tira da Pesada 3* ou ressuscita na base do tranco a carreira de Eddie Murphy ou a enterra de vez (levando junto para o buraco a Paramount Pictures, necessitadíssima de um sucesso depois de um primeiro semestre de vacas esquálidas). A esta altura sem mais nada o que fazer a não ser esperar, Murphy já escreve (junto com dois irmãos) seu próximo papel, na comédia de terror *Vampire in Brooklin*, que Wes Craven, o pai de Freddie Kruger, dirigirá.

Os prognósticos para *Wolf* (depois de ter sido o diabo, agora Jack Nicholson é um lobisomem faminto por Michelle Pfeiffer) não são dos melhores: nos corredores da Columbia Pictures fala-se do filme com o mesmo desconforto e a mesma voz baixa com que se comenta uma doença grave na família.

Também está na berlinda (e como!) Arnold Schwarzenegger. Porque seu *True Lies* – remake do francês *La Totale*, que Arnie em pessoa propôs ao diretor James Cameron – é o primeiro filme que faz desde o fracasso de bilheteria (e o linchamento crítico) de *O Último Grande Herói*, Arnold está sendo observado com microscópio por Hollywood. Cada passo da produção foi dissecado na busca por "problemas" que antecipem mais um tombo de um dos cachês mais altos (US$ 15 milhões) do cinema. De concreto, por enquanto, sabe-se apenas que *True Lies* custou caro (mais de US$ 100 milhões, dos quais, comenta-se, 60 teriam saído do bolso do próprio Cameron) e que sua finalização atrasou tanto que a 20th-Century Fox resolveu adiar em um mês o lançamento, inicialmente previsto para o 4 de Julho – Dia da Independência americana –, o fim-de-semana mais nobre do verão, e o mesmo em que saiu *O Exterminador do Futuro 2*, em 1992. Para se ter uma idéia do atraso de *True Lies*, na terceira semana de abril Cameron ainda estava refilmando trechos do filme.

Mesmo sem *True Lies* na parada, o 4 de Julho tem tudo para ser uma briga de foice. Briga, não: carnificina – com a comédia romântica *I Love Trouble* (Julia Roberts e Nick Nolte) e o ação-aventura *Blown Away* (Jeff Bridges e Tommy Lee Jones levando às últimas conseqüências o termo "arrasa-quarteirão") disputando a bilheteria. E quando estes chegarem às telas já estarão em cartaz há uma semana outros pesos pesados potenciais: *The Lion King*, o 32º desenho animado em longa-metragem da Disney; *Wyatt Earp*, o western co-estrelado por Kevin Costner e Dennis Quaid; e *City Slickers 2: Curly's Gold*, o faroeste neurótico de Billy Crystal.

E ainda não acabou. O final do verão terá pelo menos dois grandes destaques, um pop e outro potencialmente cult: Harrison Ford reprisando seu papel de Jack Ryan em *Clear and Present Danger*, continuação de *Jogos Patrióticos*, e Woody Harrelson e Julliete Lewis em *Natural Born Killers*, um script ultraviolento (grande surpresa...) de Quentin Tarantino sobre o interminável romance entre criminosos e a mídia, dirigido por Oliver Stone.

VÍDEO SET

EDITORA AZUL
JUNHO

- ADEUS MINHA CONCUBINA
- O BANQUETE DE CASAMENTO

duas faces do novo CINEMA ORIENTAL

- TOURO INDOMÁVEL

ROBERT DE NIRO arrasa na obra-prima de MARTIN SCORSESE

- CIDADÃO KANE

a estréia insuperável de ORSON WELLES

- DOCUMENTÁRIO

OSKAR SCHINDLER em revista

- ALADDIN
- FREE WILLY
- WOODY ALLEN • BERGMAN
- SPIELBERG • ABEL FERRARA

Crianças comandam a anarquia em

A FAMÍLIA ADDAMS 2

JOGAR CARTAS COM UM GANGSTER ???
E PERDER A NOIVA POR ALGUMAS HORAS ???

UMA COMÉDIA ORIGINAL

James CAAN

Sarah Jessica PARKER

Nicolas CAGE

Lua de Mel a TRÊS

CASTLE ROCK ENTERTAINMENT

JÁ NAS LOCADORAS!

COMÉDIA

66 A FAMÍLIA ADDAMS 2
Continuação melhor que o original

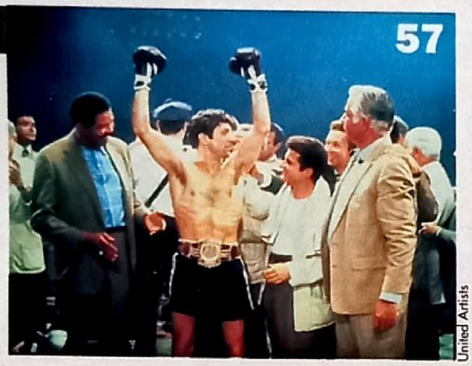
CIC

Reina

67 O BANQUETE DE CASAMENTO
Como salvar as aparências
68 NASCIDA ONTEM
"Lôrabúrras" têm salvação
70 LUA-DE-MEL A TRÊS
***Proposta Indecente* em ritmo cômico**

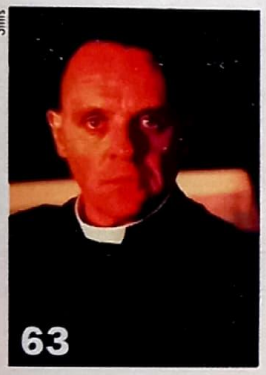
ATORES

57 O TOURO INDOMÁVEL
De Niro em colaboração estupenda com Scorsese



United Artists

Stills



63 O PROCESSO
Anthony Hopkins em "ponta" decisiva
64 VÍCIO FRENÉTICO A IDADE DA VIOLÊNCIA
Harvey Keitel dos dois lados da lei

AUTORES

56 ADEUS MINHA CONCUBINA
A obra premiada do chinês Chen Kaige
58 CIDADÃO KANE
Orson Welles em sua insuperável estréia
58 O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO
D.W. Griffith inventando o cinema

Look Filmes

60 GRITOS E SUSSURROS
Atrizes emprestam emoção a Bergman
60 NEBLINA E SOMBRAS

Columbia

Woody Allen brinca com o expressionismo
62 LOUCA ESCAPADA
Spielberg mostra que sempre foi gente grande

ITALIANOS

59 TRÊS IRMÃOS
Francesco Rosi realiza parábola política
59 FRANCESCO
Liliana Cavani santifica Mickey Rourke
70 OS NOVOS MONSTROS
Monicelli, Risi e Scola assinam comédia perturbadora

TV Vídeo

DOCUMENTÁRIO

63 SCHINDLER
O lado não-ficcional do controvertido "herói"

EXPERIMENTAL

62 VENENO
Sexo, doença e delírio

INFANTIL

72 FREE WILLY
Orcas mostram que podem ser amistosas
74 ALADDIN
Disney revoluciona mais uma vez o desenho
74 TOM & JERRY – O FILME
A dupla abre a boca pela primeira vez

Ploy Arte

Os companheiros Leslie Cheung (à direita) e Zhang Fengyi, já adultos, são submetidos por seu mestre a castigo humilhante por discutirem

DRAMA

ADEUS MINHA CONCUBINA ★★★★★

A história da intolerância

E pensar que Chen Kaige só pôde voltar a filmar na sua terra natal por causa do gordo orçamento de sua mais recente provocação fílmica. O longa anterior, *A Vida por um Fio*, ainda tinha sua exibição interditada na China quando a equipe de *Adeus Minha Concubina* iniciou os trabalhos de filmagens. É essa contradição perversa que faz de Kaige o cineasta mais importante da "quinta geração".

É público o fato de, quando soldado da Guarda Vermelha, Kaige ter denunciado o próprio pai como artista burguês, portanto inimigo da Revolução. Nada mais natural que o tema principal de seus filmes contestatórios seja justamente a "cegueira" e a intolerância coletiva manifesta nas suas formas mais torpes.

Adeus Minha Concubina tem na própria pretensão – contar meio século de intolerância na história chinesa – seu maior desafio. De todos os filmes, é neste que Kaige realiza sua expiação de culpa definitiva. Douzi, filho de uma prostituta, tem um de seus dedos decepados para que seja aceito na Ópera de Pequim. O frágil bastardo é duramente treinado para representar papéis femininos, tendo para isso que abdicar de sua própria personalidade à custa de muita dor física e humilhação moral.

Contracenando com o másculo Shitou, Dizou ganha neste um amigo e um protetor. Quando os japoneses invadem a China, em 1937, os dois amigos são a maior atração artística de Pequim. Julgado conspirador, Shitou é salvo pela arte e sensualidade de Douzi. Novas humilhações são impostas aos dois personagens. Da ópera que representam, *Adeus Minha Concubina*, a vida imita o entrecho, e um triângulo se forma com a presença da prostituta Juxian. As relações de amor/ódio, ciúmes, inveja, dominação, submissão, desprezo culminam durante a Revolução Cultural, numa absurda catarse de delação e traições mútuas.

Ao contrário de seus filmes anteriores, Kaige substitui a metáfora pela tragédia explícita da ação implacável da história e do efeito fulminante das mudanças políticas arbitrárias sobre personalidades suscetíveis e conformistas. Uma obra-prima poderosa de tempos rigorosos e realização implacável. Para épicos deste porte, cinco estrelas são irrisórias.

(Farewell My Concubine, Hong Kong, 1993) Direção: Chen Kaige. Com Leslie Cheung, Zhang Fengyi, Gong Li. 169 min. Look.

CARLOS REICHENBACH

entre si de forma infantil

Look

VAGAS PARA MOÇAS DE FINO TRATO ★★

(Brasil, 1993) Direção: Paulo Thiago. Com Norma Bengell, Lucélia Santos, Maria Zilda, Paulo Cesar Pereio, Marcos Frota. 98 min. Abril Vídeo.

Espaço para a magia de fina emoção é o que não há neste filme sonambúlico, igual à interpretação de Norma Bengell. O *New York Times* tem razão: o melhor é a presença de Maria Zilda, a única que mostra vida neste mais recente trabalho de Paulo Thiago (*Jorge, um Brasileiro*). Alcione Araújo adaptou sua própria peça sobre a solidão de três mulheres, mas perdeu o gancho emocional das relações. Lucélia está exagerada, a trilha de Túlio Mourão é um horror e cada cena dramática é pontuada por externas em Vitória (o filme foi parcialmente financiado pelo governo capixaba). Nem a homenagem ao cinema brasileiro (a pensão fica sobre uma sala de cinema que ostenta pôsteres de filmes nacionais) tem força.

Ch.P.

DAVID E BETSABÁ ★★

(David and Bathsheba, EUA, 1951) Direção: Henry King. Com Gregory Peck, Susan Hayward. 123 min. Abril Vídeo.

Já nos tempos bíblicos, o desejo amoroso do líder de uma nação podia ser objeto de escândalo e ter conseqüências públicas. É o que mostra esta evocação do romance entre o rei David e a mulher de um de seus mais leais soldados. Ele já era casado quando viu a bela Betsabá tomando banho. Foi paixão fulminante, transmitida com naturalidade por Peck e com pose por Hayward. Com muitos momentos intimistas e poucas cenas épicas, o filme flui bem na primeira metade, com um clima sensual sublinhado pela música de Alfred Newman. Mas, a partir do clamor popular e da fúria divina, o resultado torna-se anacrônico, resvalando no ridículo.

A.S.

SHANGHAI 1920 ★★

INÉDITO NO CINEMA

(China/EUA, 1991) Direção: Po-Chih Leong. com John Lone, Adrian Pasdar, Keone Young, Billy Cohen. 127 min. VTI

Bonitinha mas ordinária esta mal disfarçada versão chinesa de *Era uma Vez na América*. No lugar de Nova York, tome Xangai. O filme começa em 1937, com a invasão japonesa e a tentativa de fuga de um chinês bem-apessoado (Lone) que deixa para trás um ocidental (Pasdar). Flashbacks levam a ação até 1910 para mostrar a infância dos personagens e o pacto de sangue firmado entre eles, abalado a seguir por uma incursão no tráfico de ópio. De olho no mercado internacional, a produção tem empenhada reconstituição de época, fotografia caprichada e diálogos em inglês. Mas, como entre Leong e Leone (o Sergio) a diferença é maior que uma simples letrinha, fica difícil engolir a ingênua previsibilidade da trama.

S.R.

Concorde/Tocantins

A QUEDA DA BASTILHA ★★

(A Tale of Two Cities, França/Inglaterra, 1980) Direção: Jim Goddard. Com Chris Sarandon, Peter Cushing, Kenneth More. 153 min. Top Tape.

Chris Sarandon (*A Hora do Espanto*) é o mocinho desta produção para TV. Ele faz dois papéis – um deles é o de um nobre francês que vive na Inglaterra e é acusado de espionagem. O charme do filme corre por conta de ser a transposição para a tela de *O Conto de Duas Cidades*, de Charles Dickens – com uma certa leveza e uma trama simples, mas não simplista. As duas cidades, no caso, são Paris e Londres. Há uma pitada de espionagem, há Peter Cushing, ótimo. E a célebre personagem-símbolo da Revolução Francesa, imortalizada pelo pintor Delacroix, é uma alcoviteira de maus bofes.

Francisco Costa

Robert De Niro encarna o lendário lutador LaMotta

TOURO INDOMÁVEL ★★★★★

Obra-prima redentora

Um dos grandes mitos na história do boxe, Jake LaMotta encarava a vida como um longo e interminável round. No ringue, destroçava os adversários. Fora dele, suas explosões de violência lhe arruinaram o casamento, as amizades e, por fim, a própria carreira. Excoroinha, Scorsese vinha de uma séria depressão quando De Niro o convenceu a filmar a biografia romanceada de LaMotta. Atraído pelo caráter autodestrutivo do boxeador, o cineasta considerou o projeto ideal para expressar o que sentia depois de uma experiência semelhante. Via-o como seu "último" filme.

Ao final desse processo de purgação e redenção, surgiu a obra-prima – vencedora do Oscar de ator (De Niro) e montagem – que várias publicações elegeram como o melhor filme americano dos anos 80. É compreensível, portanto, que *Touro Indomável* termine com uma citação bíblica. A conselho de seu ídolo Michael Powell, Scorsese rodou o filme em p&b. Nas cenas de luta, deixa a câmera movimentar-se dentro do ringue, com um impacto impressionante amplificado pelo uso inovador do som. No front pessoal de LaMotta, tira a excelência técnica de campo e deixa a emoção por conta do elenco. Quem reina, obviamente, é De Niro, despertando pelo personagem o que parece quase impossível: compaixão.

(Raging Bull, EUA, 1980) Direção: Martin Scorsese. Com Robert De Niro, Joe Pesci, Cathy Moriarty. 128 min. Concorde/Tocantins.

Sérgio Rizzo

OS DEZ MANDAMENTOS★★★
(The Ten Commandments, EUA, 1923) Direção: Cecil B. DeMille. Com Theodore Roberts, Charles de Roche. 130 min. Continental.

DeMille encheu os cofres da Paramount com este seu primeiro grande sucesso, que custou US$ 1,6 milhão e arrecadou US$ 2,5 milhões (a refilmagem de 56, repetindo a dobradinha diretor-estúdio, gastaria US$ 13 milhões e levantaria quase o triplo). Tinha início a lenda do "rei Midas" de Hollywood, aqui realizando um dois-em-um: na primeira parte, com seqüências originalmente fotografadas em Technicolor, Moisés conduz o povo de Israel pelo deserto do Sinai (Roy Pomeroy, pioneiro em efeitos especiais, criou a travessia do Mar Vermelho) e recebe as tábuas sagradas; na segunda, uma família americana contemporânea ilustra a transgressão dos mandamentos. Adaptada de uma cópia italiana de 1992, a versão em vídeo tem letreiros ruins e não identifica os autores da infeliz seleção musical.

S.R.

CIDADÃO KANE ★★★★★

Um mito disseca outro

Em um nível, *Cidadão Kane* nada mais é que a história de um magnata da imprensa, rico, ambicioso e egoísta ao extremo. Nesse sentido, é quase um filme desinteressante. Mas há um segundo nível que se pode qualificar de "o verdadeiro". Nele, Orson Welles pergunta, através de seu personagem, o que é um homem? Aí, tudo muda: o esquadrinhamento dos mistérios que envolvem Charles Foster Kane força o filme a romper com a narrativa linear, criando uma espécie de prisma, a partir do qual conhecemos diversos aspectos da vida de Kane. Ou antes, somos confrontados com a pura e simples impossibilidade de conhecer um homem. Talvez o legado maior de *Kane* esteja aí.

É verdade, há ainda as invenções formais, como o célebre uso da profundidade de campo (toda a cena em foco), os arrojados planos-seqüência, a construção dramatúrgica e os aspectos teatrais e radiofônicos que Welles trouxe para o cinema. Mas *Kane* é mais forte que qualquer de suas peças. É um mito (Welles) compondo um ser mítico (Kane). O resultado é um monumento.

(Citizen Kane, EUA, 1941) Direção: Orson Welles. Com Orson Welles, Joseph Cotten, Everett Sloane, Agnes Moorehead, Dorothy Comingore. 119 min. Continental.

Inácio Araujo

Continental

Welles é Kane, baseado no magnata William Hearst

EL DIA QUE ME QUIERAS ★★
(Argentina, 1935) Direção: John Reinhardt. Com Carlos Gardel, Rosita Moreno. 85 min. Reserva Especial.

Filme em p& b cujo envelhecimento é perceptível na qualidade da cópia e nos aspectos melodramáticos. A isso soma-se a direção preguiçosa. Mesmo assim, é atraente graças à presença de Carlos Gardel (1887-1935), o maior mito da música argentina. Esse francês, registrado com o nome de Charles Gadés e reverenciado como o melhor cantor de tango de todos os tempos, parece ter sido péssimo ator, a julgar por esta produção estreada no ano de sua morte em misterioso desastre aéreo na Colômbia. Ele faz um cantor que, renegado pelo pai milionário, enfrenta sofrimento no amor. Canhestro veículo para mostrar Gardel cantando, o filme vale por esses momentos, principalmente quando interpreta "Volver" e a canção-título. Aí é possível esquecer a breguice. Ou embarcar nela.

A.S.

Continental

Lillian Gish (dir.) e Josephine Crowell consolam Henry B. Walthall

O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO ★★★★★

O inventor do cinema

D.W. Griffith é o inventor da linguagem do cinema: as dimensões dos planos, o campo/contracampo, a montagem paralela – tudo surge em seus filmes. *O Nascimento de uma Nação* é o momento em que ele lança mão desses recursos para contar uma história complexa: trata-se de demonstrar como os Estados sulistas, após a derrota na Guerra de Secessão e a morte de Lincoln, são submetidos à política dos liberais. Com isso, os brancos do Sul são dominados e humilhados pelos negros, até que surge a... Ku Klux Klan.

Sim, o filme defende a KKK como necessária ao reequilíbrio das forças políticas nos EUA! Esse primor de incorreção política hoje não ofende ninguém (com o tempo, o "assunto" de um filme torna-se desimportante). Fica a incontestável sensibilidade de certas cenas – como a morte de Mae Marsh, fugindo de um estuprador –, a grandeza de outras, o prodígio de um conjunto diante do qual o cinema terá sempre uma dívida. *Nascimento* até hoje se deixa ver com prazer, apesar da tradução marreta desta tiragem em vídeo.

(The Birth of a Nation, EUA, 1915) Direção: D.W. Griffith. Com Lillian Gish, Mae Marsh, Henry B. Walthall, Josephine Crowell. 159 min. Continental.

Inácio Araujo

TV Vídeo

Rourke e Helena Bonham Carter ilustram a vida de São Francisco de Assis

FRANCESCO ★★★

Religião sem catecismo

INÉDITO NO CINEMA

Você alugaria um filme sobre São Francisco de Assis? Para um mero cinéfilo, essa possibilidade só existe quando você descobre que Mickey Rourke encabeça o elenco e que a diretora é Liliana Cavani, a mesma de *A Pele* e *O Porteiro da Noite*. A polêmica italiana tem intimidade com o tema. Estreou na direção em 1966 com o filme *Francesco d'Assisi* para a TV italiana. Vinte e dois anos depois, voltou ao mais italiano de todos os santos com este *Francesco*.

Através de flashbacks, La Cavani repassa a vida do santo: de sua juventude dourada em Assis à sua morte, em 1226. A diretora acertou ao ressaltar o lado humano de São Francisco (como já fizera em 1966). Prefere observar a caridade que o ligava aos mais humildes e o amor sublimado entre ele e Santa Clara a se ater ao período mais metafísico de sua vida, a partir do "Deus mi dixtit" (Deus falou comigo) e a aparição dos estigmas (manifestação de Deus no corpo humano através de sinais semelhantes às chagas de Cristo).

A escolha de Rourke também não decepciona. O ator chega a transmitir fé e caridade em vários momentos, principalmente em sua conversão e orações. Ele pode até estar gordo e tatuado e não demonstrar fisicamente qualquer sinal de seus dezessete anos de privação total e exclusiva dedicação aos humildes. Mas cinema não é catecismo e La Cavani é tudo, menos carola.

(Itália, 1988) Direção: Liliana Cavani. Com Mickey Rourke, Helena Bonham Carter, Andrea Ferreol, Mario Adorf. 150 min. TV Vídeo.

CELSO FIORAVANTE

DIAS AMARGOS ★★★

(Jack the Bear, EUA, 1993) Direção: Marshall Herskowitz. Com Danny DeVito, Robert J. Steinmiller, Gary Sinise. 98 min. Abril Vídeo.

O título original refere-se à canção que a mãe adorava cantar para os filhos e acabou virando o apelido do mais velho, Jack (Steinmiller). Este conta sua passagem forçada para a adolescência com a morte da mãe e a necessidade de cuidar do irmão caçula e do pai (DeVito), apresentador de um programa de filmes de horror mais afeito ao álcool do que a responsabilidades. O conflito aumenta quando o pai ataca no programa as convicções políticas de um vizinho nazista, que rapta o filho menor para se vingar. Drama que escapa do exagero pela direção sensível, o carisma de DeVito e a boa performance do jovem Steinmiller. Apesar do didatismo – que reduz o processo de amadurecimento ao ato de reconhecer os "monstros" de cada um – pode dar um bom programa familiar, regado a lágrimas.

FATIMA GIGLIOTTI

O TOQUE DO SILÊNCIO ★★★

(The Silent Touch, Inglaterra/Polônia/Dinamarca, 1992) Direção: Krszystoff Zanussi. Com Max Von Sydow, Lothaire Bluteau, Sarah Miles. 92 min. VTI.

Zanussi já foi chamado de Godard polonês. Pode ser exagero, mas ele contribuiu, e muito, para as mudanças ocorridas na cinematografia de seu país nos anos 60. Filmes como *Estrutura de Cristal* e *Iluminação*, do início dos 70, são verdadeiros clássicos. O vídeo ajuda agora a resgatar o cineasta com *O Toque do Silêncio*. Não é um grande Zanussi, mas é intrigante e levanta questões importantes na história do jovem que segue a trilha de um músico famoso. Sydow parou de compor e isolou-se do mundo. O jovem (Bluteau, de *Jesus de Montreal*) consegue trazê-lo de volta. Estabelecem uma troca, e Zanussi aproveita as entrelinhas da história para discutir a criação artística. Já que a música é tão importante, o cineasta recorreu a Wojciech Kilar, que compôs a partitura do *Drácula* de Coppola.

LUIZ CARLOS MERTEN

TRÊS IRMÃOS ★★★★

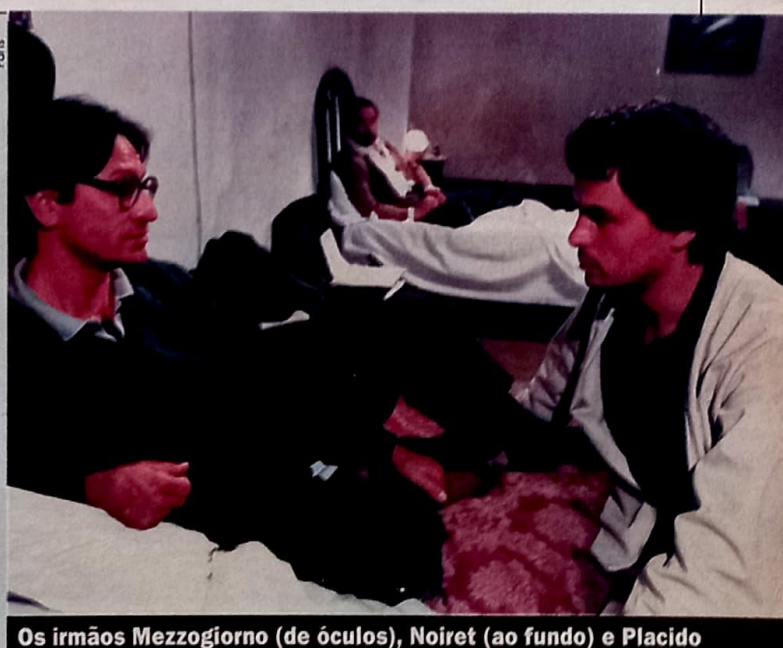
Política com emoção

Conhecido pelo alcance sócio-político de seus filmes, o diretor de *O Caso Mattei* e *Cadáveres Ilustres* parte aqui de um argumento à primeira vista esquemático e simplista. Três irmãos retornam à cidade natal para o funeral da mãe. O mais velho (Noiret) virou juiz em Roma, o segundo (Mezzogiorno) trabalha como assistente social num reformatório de Nápoles, e o caçula (Placido) é operário em Turim. Ao reencontrar o pai (Vanel), ainda ligado às raízes da família, os três percebem que já não pertencem à pequena comunidade rural de onde saíram – e pior, deixam transparecer um certo desconforto com a vida adulta que trilharam.

Delicadamente, o roteiro de Rosi e Tonino Guerra usa esses quatro personagens para tocar em aspectos fundamentais da história italiana contemporânea, como a presença ameaçadora do terrorismo e as enormes diferenças entre as regiões Norte e Sul do país. Repleto de silêncios reveladores e seqüências tocantes, é um belo exemplo de cinema social tomando sem nenhum pudor o atalho eficiente da emoção.

(Tre Fratelli, Itália/França, 1980) Direção: Francesco Rosi. Com Philippe Noiret, Vittorio Mezzogiorno, Michele Placido, Charles Vanel, Andrea Ferreol. 113 min. Paris.

SÉRGIO RIZZO



Paris

Os irmãos Mezzogiorno (de óculos), Noiret (ao fundo) e Placido

NEBLINA E SOMBRAS ★★★

Brincadeira expressionista

LK-Tel Vídeo

Neblina e Sombras estreou na França, Alemanha e Inglaterra antes do que nos EUA. A estratégia levou em conta cifras (*Simplesmente Alice* havia arrecadado mais na França que nos EUA), mas contemplou por tabela a homenagem prestada no filme a artistas europeus, da atmosfera inspirada no expressionismo alemão às alusões a Kafka, Weill & Brecht e Bergman, entre outros.

Ambientado numa cidade que remete à Europa Central dos anos 20, o filme – em p&b e todo rodado em estúdio – acompanha por uma noite o pesadelo de um burocrata (Allen, em variante cômica do Joseph K. de *O Processo*) acusado de vários estrangulamentos. Enquanto o verdadeiro assassino age nas ruas, um circo instala-se na cidade e o bordel fervilha. Allen distribui o elenco precioso em pontas irregulares, mas compensa qualquer escorregão com o final mágico e esperançoso celebrado no picadeiro, como convém a um ilusionista em paz com seu ofício.

(Shadows and Fog, EUA, 1992) Direção: Woody Allen. Com Allen, Mia Farrow, John Cusack, John Malkovich, Kathy Bates, Jodie Foster, Fred Gwynne, Madonna, Kate Nelligan, Donald Pleasence, Lily Tomlin. 86 min. LK-Tel /Vídeo.

SÉRGIO RIZZO

Woody Allen revive em tom tragicômico o pesadelo do Joseph K. de Franz Kafka

GRITOS E SUSSURROS ★★★★

Atrizes seguram Bergman

O 33º título da filmografia de Bergman oferece o tema mais freqüente em sua obra: a incomunicabilidade. Escravos de angústias existenciais, mais uma vez seus personagens se autodigladiam de forma analítica, segundo a tradição das peças de Ibsen e Strindberg. E fazem isso numa casa de campo, em fins do século passado, em que Agnes agoniza, vítima de um mal incurável. Ela é assistida pelas irmãs Karin e Maria e pela criada Anna.

Nesse roteiro de estrutura teatral, amor e felicidade se reduzem a estados efêmeros, sempre aniquilados pelo sofrimento e morte; são soluções temáticas já vistas em outras obras do cineasta. Mas o repeteco e o cerebralismo não diluem a força do filme. Amparado na estupenda fotografia de Sven Nykvist (premiada com o Oscar), nas músicas de Chopin e Bach e, principalmente, nas atrizes – que alternam sensualidade, desamparo, afeto e amargura com extraordinária naturalidade –, Bergman fez uma comovente criação do seu cinema intimista e reflexivo.

(Viskingar och Rop, Suécia, 1972) Direção: Ingmar Bergman. Com Harriet Andersson, Liv Ullmann, Ingrid Thulin. 106 min. Concorde.

ALFREDO STERNHEIM

Concorde

Ullmann é uma das mulheres que se enfrentam no cerebral drama de Bergman

ESCRITO NAS ESTRELAS ★★

(Younger & Younger, EUA/Alemanha, 1993) Direção: Percy Adlon. Com Donald Sutherland, Lolita Davidovich, Brendan Fraser, Julie Delpy. 99 min. Europa/Carat.

É o fundo do poço. Cinco anos após *Bagdad Café*, Adlon cria uma história deplorável sobre um amor desperdiçado. Sutherland é o antipático dono de um depósito que joga todo o trabalho nas costas de sua mulher carente e descuidada (Davidovich), até ela infartar e bater as botas. Enquanto faz seu filho deixar os estudos para assumir o trabalho, Sutherland passa a sonhar com a esposa, cada vez mais bela e jovem, e percebe o que jogou fora. Nem a presença da bela Delpy (*Filhos da Guerra*) ajuda. Davidovich é uma atriz fraca, e a obsessão de Adlon por cores berrantes só acentua o mau gosto deste filme sem magia ou encanto.

C.P.

VITÓRIA A QUALQUER PREÇO ★★★

(The Positively True Adventures of the Alleged Texas Cheerleader-Murdering Mom, EUA, 1993) Direção: Michael Ritchie. Com Holly Hunter, Beau Bridges, Swoosie Kurtz. 105 min. Condor.

Baseado numa inacreditável história verídica, este filme se destaca do quase sempre sonolento repertório da TV a cabo pela atuação inspirada de Holly Hunter e pela direção criativa de Michael Ritchie (de *Fletch Vive*). A trama ajuda: mãe obcecada em conseguir uma vaga de animadora de torcida para a filha resolve matar a menina rival. As fitas de suas conversas com o cunhado (que ela quer contratar como assassino) vão parar na polícia, e Holly é levada a julgamento. Bem, é um drama, mas o tom é de comédia. Primeiro porque a história é tão rocambolesca que só rindo mesmo; depois, porque o sarcasmo corre solto. Ao final, é difícil decidir quem é mais louco e oportunista – se a mãe, a filha, o ex-marido, a rival, a cunhada, o advogado... E por aí vai.

I.B.

JAMES BELUSHI

(Inferno Vermelho, K-9 Um Policial Bom Pra Cachorro, A Malandrinha)

Chelsea Field

(Condomínio do Medo, O Último Boy Scout, Harley Davidson e Marlboro Man)

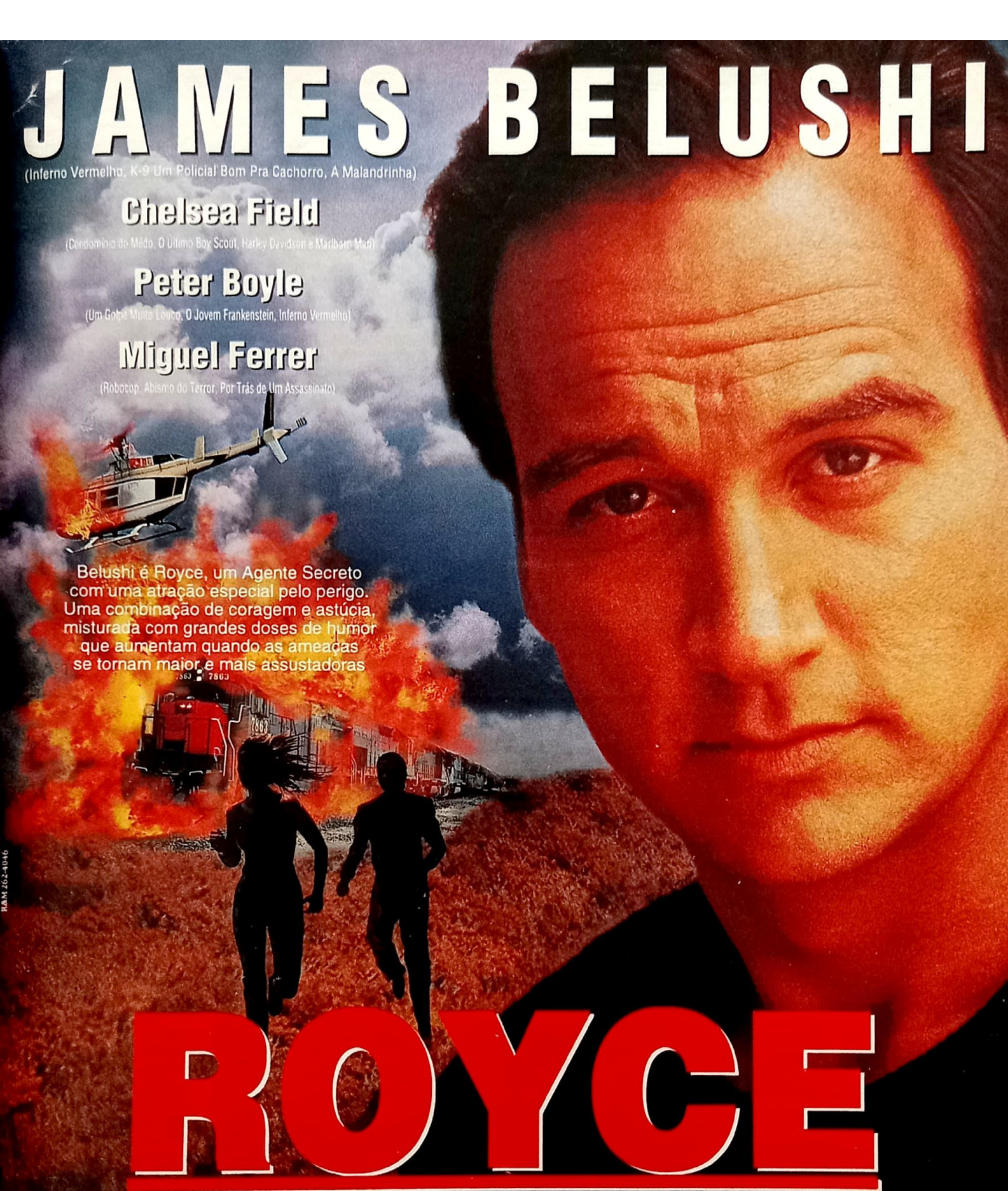
Peter Boyle

(Um Golpe Muito Louco, O Jovem Frankenstein, Inferno Vermelho)

Miguel Ferrer

(Robocop, Abismo do Terror, Por Trás de Um Assassinato)

Belushi é Royce, um Agente Secreto com uma atração especial pelo perigo. Uma combinação de coragem e astúcia, misturada com grandes doses de humor que aumentam quando as ameaças se tornam maior e mais assustadoras



ROYCE

UM AGENTE MUITO ESPECIAL

GERBER/ITC PRODUCTIONS Em Associação Com ITC ENTERTAINMENT GROUP Apresentam JAMES BELUSHI em "ROYCE" Estrelando CHELSEA FIELD MIGUEL FERRER e PETER BOYLE como "Huggins" Música de STANLEY CLARKE
Produtor Executivo DAVID GERBER e PAUL BERNBAUM Produzido por J. BOYCE HARMAN, JR.

AVENTURA - PRODUÇÃO 1994

Rua Mauá, 836 - casa 18
Sta. Efigênia - CEP 01028-000 - São Paulo SP
Telefone: (011) 230-0200 - TRONCO CHAVE
Fax: (011) 227-1957

ALPHA FILMES

RAM 262-4046

William Atherton e Hawn formam o inconseqüente casal que desafia a polícia

Concorde/Tocantins

LOUCA ESCAPADA ★★★★

Filme de gente grande

Já estava quase tudo aqui: Spielberg fez de seu primeiro longa para cinema um impecável filme-de-estrada que não deve nada a seus trabalhos posteriores. Mas, ao contrário de quase todos eles, *Louca Escapada* foi um fracasso de bilheteria. Como consolação, levou o prêmio de roteiro em Cannes.

Spielberg bebeu em fontes ilustres como *Rastros de Ódio* e *Bonnie & Clyde* para contar a saga – inspirada em fatos reais – de uma abilolada (Hawn) que tira o marido (Atherton) da cadeia e atravessa o Texas em busca do filho entregue a pais adotivos. No caminho, seqüestram um policial (Sacks), são perseguidos ferozmente e, na melhor tradição norte-americana, transformam-se em heróis para a população.

Aos poucos, no entanto, o que parece uma comédia leve adquire cores trágicas. Spielberg conduz a sutil mudança de tons com uma habilidade narrativa invejável. Coisa de gente grande.

(The Sugarland Express, EUA, 1974) Direção: Steven Spielberg. Com Goldie Hawn, Ben Johnson, Michael Sacks, William Atherton. 109 min. Concorde/Tocantins.

SÉRGIO RIZZO

VENENO ★★★★

A estética dos outsiders

A estréia na direção do também roteirista Haynes parte de textos de Jean Genet, desenvolvendo um estudo único dos marginais, alienados e dos desvios humanos. É um filme de experimentacão estética. São três histórias que avançam intercaladas, cada uma com sua própria concepção estrutural.

A primeira, "Herói", assemelha-se a um documentário televisivo e narra, com certa ironia para com o ambiente suburbano, o caso de um garoto que mata seu pai e desaparece misteriosamente. Já "Horror" reverencia o clima neurótico dos filmes de terror dos anos 50 e acompanha um cientista que, sem querer, bebe um fluido genético capaz de provocar mutações e ímpetos homicidas. A terceira, "Homo", trabalha com a estética gay, narrando a amizade íntima entre dois presidiários.

O filme não deixa ninguém indiferente. Provoca espanto, náusea ou sedução e polemiza ao partir para cenas quase gráficas de sexo anal. Com isso, Haynes presta sua homenagem ou apenas revela frente às luzes do projetor o universo das pessoas que fogem do *mainstream* socio-cultural da sociedade de consumo. É o bastante para atestar a importância política e artística desta obra.

(Poison, EUA, 1991) Direção: Todd Haynes. Com Edith Meeks, Larry Maxwell, Susan Norman. 85 min. Top Tape.

CHRISTIAN PETERMANN

Top Tape

Cena do episódio "Horror", o mais escatológico do filme *Veneno*

VARSÓVIA ANO 5703 ★★★

(Warsawa Anné 5703, França/Alemanha/Polônia, 1992) Direção: Janusz Kijowski. Com Lambert Wilson, Hanna Schygulla, Julie Delpy. 107 min. United.

Filme acadêmico e de fôlego limitado sobre o pesadelo judaico na Segunda Guerra, desenvolvido na forma de um triângulo amoroso com tensão digna de romance policial, como observou a própria Schygulla. Pincelado em tons sombrios, o filme merece uma espiada pelo seu trio central, que se enfrenta de forma claustrofóbica entre quatro paredes. Mulher encontra jovem e o acolhe em casa. Este chama sua "irmã" e os três vivenciam uma relação de amor e ódio, possessividade e egoísmo. A bela Delpy (*O Viajante*) dá de dez em seus parceiros, e o rancor de sua personagem domina a tela de forma impiedosa. Divina Delpy!

CH.P.

TERRA ENSANGÜENTADA ★★★

(The Purple Plain, Inglaterra, 1954) Direção: Robert Parrish. Com Gregory Peck, Bernard Lee, Win Min Than. 100 min. Opção.

O diretor Parrish faz parte da história do cinema americano e mundial. Colaborou em vários filmes de John Ford. Filmou – e montou – as imagens de judeus nos campos de concentração usadas durante o julgamento dos líderes nazistas em Nurembergue. Aqui, Gregory Peck é o piloto que sofre uma pane durante a guerra no Oriente. É salvo pelo amor de uma mulher. O filme, dos anos 50, parece hoje convencional em sua estrutura dramática, mas a tristeza e a solidão do herói são convincentes. Como todo herói de Parrish, Peck é um aventureiro que se sente meio mal no papel. A aventura é muito mais sofrimento do que euforia para o autor. Não é uma idéia freqüente nestes tempos de Schwarzenegger e Stallone.

L.C.M.

SUSPENSE

O PROCESSO ★★

Falta de carisma

É um ato de coragem adaptar a mesma obra de Franz Kafka que chegou às telas, em 1963, pelas mãos de Orson Welles. *O Processo* ano 92 é assinado pelo diretor inglês do cult *Nunca te Vi... Sempre te Amei*. Desse filme, Jones "herdou" Anthony Hopkins, como um padre que aparece ao final da fita, personagem inexistente na leitura de Welles. O ator é um dos únicos trunfos desta nova versão. Os outros ficam por conta do roteirista – Harold Pinter, um dos mais respeitados nomes do teatro inglês. Ele oferece elementos simples e diretos para Jones conduzir o filme com o pé no chão. Os detratores da obra de Welles o acusam de maneirismos excessivos. Já Jones não interfere na trama.

De resto, o filme padece de total falta de carisma. Apesar das belas locações em Praga, é frio e desalmado. O apático Kyle MacLachlan (*Twin Peaks*) não é Anthony Perkins. E como não ter saudades, mil saudades, de Romy Schneider, se temos agora Polly Walker (*Um Sonho de Primavera*)?

(The Trial, Inglaterra, 1992) Direção: David Jones. Com Kyle MacLachlan, Jason Robards, Polly Walker, Juliet Stevenson, Alfred Molina, David Thewlis, Anthony Hopkins. 120 min. HVC.

CHRISTIAN PETERMANN

HVC

Kyle olha para os céus em busca de uma resposta

TÃO CULPADO COMO O PECADO★★
(Guilty as Sin, EUA, 1993) Direção: Sidney Lumet. Com Rebecca De Mornay, Don Johnson, Jack Warden. 107 min. Abril Vídeo.

Embora sua direção fria às vezes ofereça ângulos em total desacordo com a situação, a culpa pelo mau resultado desta pálida imitação de *O Fio da Suspeita* não deve ser atribuída totalmente a Lumet (*Um Dia de Cão*). Ele não conseguiu se sobrepor à inverossimilhança da trama: bela e famosa advogada se deixa manipular e seduzir por cliente acusado de assassinato. Johnson nesse papel e o veterano Warden como o auxiliar de Mornay têm ótimas presenças, mas não impedem que o suspense se dilua gradativamente até o ridículo epílogo.

A.S.

UM ESTRANHO À MINHA PORTA ★★
(When a Stranger Calls Back, EUA, 1993) Direção: Fred Walton. Com Carol Kane, Charles Durning. 92 min. CIC.

O diretor e roteirista Walton praticamente refilmou seu *Quando um Estranho Chama* (1979), criticado por elevar o suspense a níveis estratosféricos nos vinte minutos iniciais – em que um psicótico atormentava Kane com trotes – para então se arrastar por quase uma hora sem ação. Aqui Walton mantém a tensão em alta por todo o filme, mas a presença de Kane e Durning como os mesmos personagens do original já denuncia o oportunismo. Sem surpresas ou suspense.

NIKI NIXON

MARCAS DE BATOM ★★
(Traces of Red, EUA, 1992) Direção: Andy Wolk. Com James Belushi, Lorraine Bracco. 96 min. LK-Tel/Vídeo.

Policial que se preocupa mais com o erotismo que o mistério. O filme é narrado em flashback por Belushi, um detetive recém-assassinado, e mostra sua caça a um *serial killer* que adora matar as mulheres com as quais se envolve – enviando-lhes depois poemas selados com um beijo de batom Yves Saint Laurent. Inexplicavelmente, o nada carismático Belushi transa com mulheres belíssimas. Mas o maior problema é o roteiro pretensioso, que faz um emaranhado de suspeitos e acaba sendo óbvio.

DEBORAH PELEIAS

TV Vídeo

O verdadeiro industrial alemão Oskar Schindler

DOCUMENTÁRIO

SCHINDLER ★★★★

Pergunta sem resposta

INÉDITO NO CINEMA

Os próprios sobreviventes, cujos depoimentos são entremeados com filmes da época, não sabem responder à pergunta: qual era a verdadeira motivação de Oskar Schindler, o industrial alemão que salvou mais de mil judeus do Holocausto? Ele tinha intuitos humanitários reais, era um oportunista que defendia sua mão-de-obra barata ou, como sugere o filme de Spielberg, foi um trambiqueiro que tomou consciência da possibilidade de salvar vidas? Nem eles nem Jon Blair, o autor deste documentário produzido para a TV britânica, tentam solucionar o enigma desse homem: o que importa, concluem, é o dom da vida que ele ofereceu a esse pequeno grupo, o único, dentre os que emergiram do pesadelo dos campos de concentração, a escapar com suas famílias.

O filme de Blair – ágil, absorvente e narrado com emoção contida pelo ator Dirk Bogarde – limita-se a expor objetivamente os fatos, deixando-nos a tarefa de julgar. E oferece, ao espectador de *A Lista de Schindler*, o ângulo do confronto com a realidade, através dos rostos e vozes de quem viveu pessoalmente essa história.

(Inglaterra, 1980) Direção e texto: Jon Blair. Narração: Dirk Bogarde. 81 min. TV Vídeo.

LAURO MACHADO COELHO

POLICIAL

Harvey Keitel procura entender a própria queda em conversa com uma freira

Top Tape

VÍCIO FRENÉTICO ★★★

Culpa cristã

O americano Abel Ferrara, cujo *Olhos de Serpente* passou há pouco nos cinemas brasileiros, é um diretor católico por excelência – mas preocupado com o lado negro do dogma cristão. Assim, a história da vertiginosa queda de um policial nova-iorquino no mundo da corrupção, crime, drogas e perversão sexual é na verdade uma fábula sobre a perdição. E, diga-se, uma fábula farta e explicitamente ilustrada, que inclui freiras estupradas sobre o altar.

O que poderia parecer dessacralização, no entanto, acaba virando confirmação moral, tal a insistência e a intensidade com que o policial vivido por Harvey Keitel incorre em seus pecados. Nem este grande ator consegue evitar que o público se mostre insensível lá pela metade do filme: a porrada é tão grande que o nocaute é quase inevitável. Curiosamente, é em seus (raros) momentos de maior simplicidade que Ferrara choca mais – como nas cenas em que Keitel compartilha drogas variadas com uma amiga de uma fragilidade espantosa, ou no olhar de desânimo que sua sogra lança sobre sua figura desacordada no sofá da sala.

(Bad Lieutenant, EUA, 1992) Direção: Abel Ferrara. Com Harvey Keitel, Frankie Thom, Paul Hipp. 98 min. Top Tape.

ISABELA BOSCOV

FORÇA BRUTA ★★
(Excessive Force, EUA, 1993) Direção: Jon Hess. Com Thomas Ian Griffith, James Earl Jones, Charlotte Lewis. 75 min. Video Arte.

Filme de ação que deve se dar bem nas locadoras, pelas cenas estetizadas de artes marciais. Griffith interpreta um policial de mal com a vida mas de bem com o teclado: para animar suas noites solitárias, ele toca jazz num bar gerenciado por James Earl Jones. Enquanto isso, tenta capturar um gângster que teima em fugir. O problema maior deste filme é que, lá pela metade, um bom ator como Earl Jones já está completamente fora de sintonia, pedindo aos céus por um roteirista. E o resto não vai melhor.

F.C.

A MORTE INEVITÁVEL ★
(The Big Sleep, Inglaterra, 1978) Direção: Michael Winner. Com Robert Mitchum, Sarah Miles, Richard Boone, Candy Clark, Joan Collins, James Stewart, Oliver Reed. 99 min. Top Tape.

Mitchum vive outra vez o personagem Philip Marlowe (criado por Raymond Chandler) neste remake de *À Beira do Abismo* (46), filme de Howard Hawks com Humphrey Bogart e Lauren Bacall. Só que Michael Winner não é Hawks, e destruiu uma das obras mais intrincadas do escritor Chandler, cuja história tensa é conduzida por chantagens, mercado negro de pornografia, drogas e, óbvio, assassinatos. Todos esses ingredientes se perdem num filme parado, sem emoção. Além disso, à exceção de James Stewart e do próprio Mitchum, os atores não têm um mínimo de carisma para fazer justiça ao elenco e à direção de um dos maiores clássicos do cinema noir. Exibido nos cinemas como *A Arte de Matar*.

D.P.

Keitel interpreta o ianque entre policiais ingleses ineptos

Europa/Carat

A IDADE DA VIOLÊNCIA ★★★

O fim de uma era

Independente de que lado da lei seu personagem está, Harvey Keitel é a encarnação da virilidade íntegra com um código moral todo próprio – e quase sempre nova-iorquino. Sua presença enche as telas. Não é, porém, a única razão para alugar esta fita.

Danny, filho da atriz Dyan Cannon, estréia como diretor e revela apurado domínio narrativo. É uma história policial convencional, sobre o combate ao tráfico de drogas, mas flagra com perícia o fim de uma era, a decadência de uma geração de criminosos.

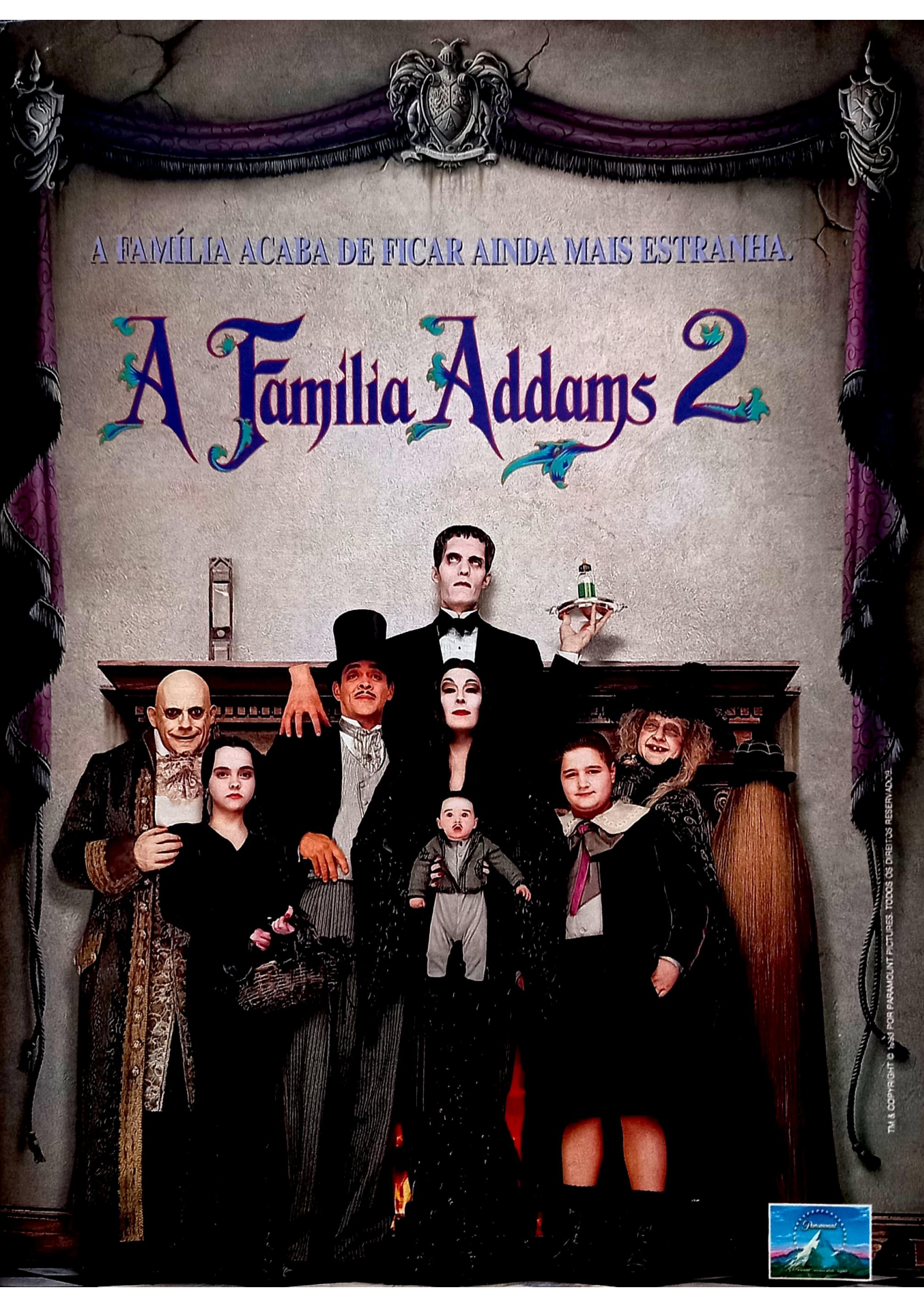
Keitel é um policial de Nova York que, seguindo os passos de um perigoso traficante que usa mão-de-obra adolescente, viaja até Londres. Encontra uma força policial despreparada e um grupo de gângsteres que condena a falta de respeito dos novos marginais para com a vida humana. A Londres registrada aqui é assustadora: uma cidade acuada, que se equilibra entre a miséria sem perspectivas e a vida "fácil" do dinheiro, do brilho (no duplo sentido) e da rotina *clubber* (a trilha está recheada de house e trance music). Épico pouco ambicioso, mas honesto em sua triste e violenta realidade.

(The Young Americans, Inglaterra, 1993) Direção: Danny Cannon. Com Harvey Keitel, Viggo Mortensen, Keith Allen, Billy Cohen. 103 min. Europa/Carat.

CHRISTIAN PETERMANN

A FAMÍLIA ACABA DE FICAR AINDA MAIS ESTRANHA.

A Família Addams 2



TM & COPYRIGHT © 1993 POR PARAMOUNT PICTURES. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Mortícia e Gomez, os chefes do clã Addams, em momento romântico e de celebração à chegada de um novo rebento na família

COMÉDIA

A FAMÍLIA ADDAMS 2 ★★★

O terror da felicidade

Enciumados com o nascimento de um novo irmão, os rebentos Addams, Vandinha e Feioso, aprontam tais e tantas que acabam sendo remetidos com todas as honras a uma colônia de férias.

Graças em grande parte a esse "gancho", a Família Addams reabilitou-se de sua estréia cinematográfica um tanto sinistra – chocha em todo caso – de 1991. Na colônia, os dois estranhos jovens Addams vêem-se às voltas com a "normalidade" em sua versão mais tola, com a felicidade obrigatória, com as atitudes construtivas com as quais se jogam para baixo do tapete, ao mesmo tempo, os preconceitos e a história. Nesse sentido, o filme foge ao lugar-comum careta que constitui quase toda a produção infanto-juvenil da indústria cultural.

É verdade que nem só de "insights" felizes se faz esta *Família Addams 2*. A convenção rola solta sempre que Mortícia e seu marido Gomez estão em cena. E mesmo a história da caça-dotes (Joan Cusack) disposta a botar as mãos na fortuna do tio Funéreo não chega a convencer totalmente, apesar da excelente atriz: fica sempre a sensação de situações criadas artificialmente, para levar as coisas em determinada direção.

O filme existe, e para valer, quando escapa desse dilema e mostra Vandinha e Feioso em confronto com o mundo instituído. Nesses momentos, *Addams 2* consegue falar aos pré-adolescentes e adolescentes que se sentem infelizes, num mundo que não os compreende e rejeita suas particularidades. Isto é, quase todos.

(Addams Family Values, EUA, 1993) Direção: Barry Sonnenfeld. Com Raul Julia, Anjelica Huston, Christopher Lloyd, Joan Cusack, Christina Ricci. 100 min. CIC.

INÁCIO ARAUJO

A contragosto, Wai Tung Gao dá um beijinho em sua noiva arranjada Wei Wei

O BANQUETE DE CASAMENTO ★★★★

Libelo bem-humorado

Vencedor do Urso de Ouro em Berlim 93, *O Banquete* é, no mínimo, inusitado. Rodado por Ang Lee, cineasta de Taiwan, sem grandes requintes de produção, o filme trata de homossexualismo sem se dirigir exclusivamente à comunidade gay, usando de emoção e senso de humor.

Em tempos de Aids, mas em que o homossexualismo não é mais considerado "doença", a história brinca com as expectativas em torno de um casal gay formado pelo americano Simon e por Wai Tung Gao, um cidadão de Taiwan. A família de Wai está sempre sonhando com uma nora e um netinho, e o "filhão" – por sugestão do próprio namorado – acaba forjando um falso casamento com Wei Wei, uma artista plástica sem recursos.

O problema é que os velhinhos, com todas as suas fantasias, se instalam na casa dos rapazes, e as confusões se precipitam. Por caminhos tortuosos e sem que tudo seja explicitado, a farsa vem à tona. Com muita inspiração, o cineasta – co-autor do roteiro – acaba realizando um libelo poderoso contra o preconceito, com argumentos de muito maior alcance do que uma passeata de militância gay.

(Hsi Yen/The Wedding Banquet, Taiwan/EUA, 1993) Direção: Ang Lee. Com Ah-leh Gua, Sihung Lung, May Chin, Winston Chao. 102 min. Top Tape.

CESAR GARCIA LIMA

NAMORADO GELADO, CORAÇÃO QUENTE! ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(My Boyfriend's Back, EUA, 1993) Direção: Bob Balaban. Com Andrew Lowery, Traci Lind, Bob Dishy. 86 min. Abril Vídeo.

Filmes teen costumam ser uma apologia à estupidez humana, mas às vezes surgem coisas surpreendentes como este *Namorado Gelado, Coração Quente!*. Johnny (Lowery), virgem e frustrado, morre e volta do túmulo, como um zumbi, para conquistar a garota dos seus sonhos. Agora, além de acnes e espinhas, ele tem o corpo em decomposição. Numa das melhores cenas, ele passeia com a namorada pela cidade e deixa a população horrorizada. Johnny: "Não ligue, querida, a sociedade ainda tem muito preconceito contra os mortos-vivos". As gagues são quase todas escatológicas, mas ótimas. Bem bacaninha.

EDSON ARANTES

A PRIMEIRA VEZ DE UM ADOLESCENTE ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Oh, What a Night, EUA, 1992) Direção: Eric Till. Com Corey Haim, Andrew Miller, Robbie Coltrane, Barbara Williams, Genevieve Bujold. 104 min. Europa/Carat.

O eterno imberbe Corey Haim está perfeito nesta comédia romântica sobre as experiências sexuais dos adolescentes nos anos 60. Haim é Eric, um garoto boa-praça que se apaixona por uma mulher casada e mais velha (Barbara Williams, que fez sua mãe em *O Limite do Terror*) e com ela perde sua virgindade. O diretor Till se mostra extremamente sensível ao realizar um filme delicado e suave, como deve ser a primeira vez de um adolescente.

D.P.

DOIS ESPIÕES E UM BEBÊ ★★

(Undercover Blues, EUA, 1993) Direção: Herbert Ross. Com Kathleen Turner, Dennis Quaid. 90 min. Warner.

O título busca uma óbvia aproximação com *Três Solteirões e um Bebê*. Os dois são Dennis Quaid e Kathleen Turner – que já foram mais espertos na escolha de seus papéis. Kathleen, a deusa de *Corpos Ardentes*, despencou na carreira. Pode voltar agora ao primeiro plano com *Serial Mom*, o filme do cult John Waters. Em *Dois Espiões e um Bebê*, ela e Quaid são os espiões do título – e com um bebê para cuidar. O diretor Ross já fez coisas melhores. Mas, mesmo sendo uma comédia tola e previsível, possui momentos divertidos. O bêbado que se impressiona com a habilidade de Kathleen como lutadora faz rir. Aliado à beleza da atriz, já é alguma coisa.

L.C.M.

LK-Tel Vídeo

William Holden faz pausa para descobrir os encantos da tolinha Judy Holliday

NASCIDA ONTEM ★★★

Aula de moral e cívica

A peça de Garson Kanin que serviu de base para este filme e também para *O Renascer de uma Mulher*, feito no ano passado, é um retrato bem-humorado da corrupção nos EUA; nesse aspecto, traz semelhança com o Brasil atual. Crawford é um empresário habituado a comprar políticos para apresentar emendas no Congresso que beneficiem suas falcatruas. Mas um jornalista (Holden) altera esse quadro através de Billie (Holliday), a amante burrinha do negociante.

Puro teatro filmado – não obstante algumas cenas externas em Washington –, o filme de Cukor ressurge como uma irônica aula de educação moral e cívica em preto & branco, perdendo em humor para a recente versão com Melanie Griffith. Mas causa espanto constatar como é fraca a atuação de Holliday, premiada com o Oscar de melhor atriz em competição que tinha os impressionantes desempenhos de Gloria Swanson em *Crepúsculo dos Deuses* e Bette Davis em *A Malvada*. Coisas da Academia.

(Born Yesterday, EUA, 1950) Direção: George Cukor. Com Judy Holliday, Broderick Crawford, William Holden, Howard St. John. 103 min. LK-Tel/Vídeo.

ALFREDO STERNHEIM

ESTA É A MINHA VIDA ★★

INÉDITO NO CINEMA

(This is My Life, EUA, 1992) Direção: Nora Ephron. Com Julie Kavner, Samantha Mathis, Gaby Hoffmann, Carrie Fisher, Dan Aykroyd, Kathy Najimy. 105 min. Abril Vídeo.

Nora Ephron estreou na direção com esta comédia familiar em que uma mãe mais original que moderninha decide transformar-se em atriz cômica após receber uma pequena herança. Ela esquece um pouco das filhas – que botam a boca no trombone – na escalada de sucesso, alavancada por Dan Aykroyd e Carrie Fisher, seus agentes. A certa altura a diretora cita *A Felicidade Não se Compra*, de Frank Capra, como exemplo supremo de bem-viver, inaugurando o que parece ser sua marca registrada – em *Sintonia de Amor* ela faria o mesmo com *Tarde Demais para Esquecer*, exemplo do romance ideal. Mas, para quem está começando, a direção de Nora ainda está na fase "bonitinha mas ordinária".

F.G.

AMORES DE UM COLEGIAL ★★★★

(College, EUA, 1927) Direção: James W. Horne. Com Buster Keaton, Anne Cornwall, Flora Bramley. 65 min. Reserva Especial.

O esporte foi matéria para alguns dos mais divertidos momentos na carreira de Buster Keaton (1895-1966). Em *Amores de um Colegial*, ele comete atletismo, remo e beisebol. São as melhores seqüências deste filme mudo com delicioso acompanhamento musical, ao piano, de William Perry. Keaton faz um estudante CDF que, recém-chegado à faculdade, arruma confusão ao procurar emprego (sua caracterização como garçom negro é antológica) e ao tentar um lugar entre os atletas para impressionar a garota que não lhe dá bola. Como sempre, o rosto permanece impassível; o corpo é que comanda as gagues. Infelizmente, o estado da cópia lançada em vídeo é sofrível. Os letreiros não ficam atrás, com pérolas como "a maravilhoso equipe treinaram". Mas Buster Keaton vale com sobras qualquer sacrifício.

S.R.

CASAMENTO OU LUXO ★★★

(A Woman of Paris, EUA, 1923) Direção: Charlie Chaplin. Com Edna Purviance, Adolphe Menjou, Carl Miller. 94 min. Continental.

Casamento ou Luxo é um filme de Chaplin, mas não há do que rir: é um melodrama em que Edna Purviance, impedida de casar com seu amor, entrega-se à vida libertina de Paris, tornando-se amante do ricaço Menjou. As catástrofes se multiplicam e, se este filme de 1923 for julgado por sua intriga, não sobra pedra sobre pedra em 1994. O que vale é a maneira como se fazem as composições (em particular a de Menjou), a rapidez com que se definem os caráteres, classes sociais, estados de espírito, e ainda o "respiro" que Chaplin dá às cenas, tão mais interessante por ele não atuar no filme. Como complemento, vem o curta *Carlitos Repórter*, de 1914 (com direção de Henry Lehrman), primórdios do comediante na Keystone. Em suma, esta é uma bela fita para amantes de Chaplin, não para os diletantes.

I.A.

PREPARE-SE PARA VER SEU DESEJO SE REALIZAR.

Walt Disney Clássicos

Aladdin

EM VÍDEO

O MAIOR SUCESSO DISNEY DE TODOS OS TEMPOS VEM AÍ.

A partir do dia 21 de Junho você poderá comprar ALADDIN em vídeo. Um filme com ação, aventura, humor e incríveis efeitos especiais, numa linguagem atual que agrada jovens de todas as idades. ALADDIN ganhou 2 Oscars: melhor música e trilha sonora. Você encontra ALADDIN em vídeo nas versões dublada e legendada. Não deixe de comprar este grande lançamento Disney!

Walt Disney Home Video

Disney

abril vídeo

RESERVE JÁ SUA FITA E GANHE UM BRINDE NA HORA DA COMPRA.

(PROMOÇÃO VÁLIDA PARA AS LOJAS PARTICIPANTES)

© The Walt Disney Company

Sato

Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi em enfrentamento tipicamente italiano

OS NOVOS MONSTROS ★★★★

Para rir e perturbar

Humor irreverente e a fusão, dentro da mesma história, de elementos cômicos e patéticos estão presentes nos episódios de *Os Novos Monstros*, da trinca Monicelli-Risi-Scola (dos quatorze originais, a cópia brasileira retém nove). Os três diretores chamaram essas minicomédias de um "trabalho coletivo": não indicam a autoria e, de fato, é difícil dizer o que é de quem, tal a unidade estilística do filme – em que brilham grandes atores como Vittorio Gassman, Ugo Tognazzi e Alberto Sordi.

Este não é exatamente um filme para fazer rir. Na verdade, algumas das histórias – a do cardeal que usa sua florida retórica para incitar seu rebanho à acomodação; a do bêbado que desiste de socorrer um atropelado, porque nenhum hospital aceita recebê-lo; a do filho que leva a mãe velhinha para passear como pretexto para largá-la num asilo –, por mexerem em doloridas chagas sociais, incomodam, irritam, perturbam, mais do que divertem; e, é claro, fazem pensar. Em todo caso, o episódio final, em que há um entusiasmado tributo à vida, faz *Os Novos Monstros* terminar de forma muito positiva.

(I Nuovi Mostri, Itália, 1977) Direção: Mario Monicelli, Dino Risi, Ettore Scola. Com Vittorio Gassman, Ugo Tognazzi, Alberto Sordi, Ornella Mutti. 93 min. Sato.

LAURO MACHADO COELHO

UMA NOIVA E TANTO ★★

(So I Married an Axe Murderer, EUA, 1993) Direção: Thomas Schlamme. Com Mike Myers, Nancy Travis, Anthony LaPaglia, Amanda Plummer, Brenda Fricker. 92 min. LK-Tel/Vídeo.

Mike Myers não é engraçado sem Dana Carvey, a dupla de *Quanto Mais Idiota Melhor*, apesar de fazer caretas, socar carne, interpretar o próprio pai com maquiagem pesada e sotaque irlandês (e como tal cantar uma versão de "Do Ya Think I'm Sexy?", de Rod Stewart), dançar etc. Não consegue, porém, entreter no papel de rapaz que se casa com açougueira (Travis) suspeita de assassinato. Tenta-se agradar aos jovens com uma trilha que mistura Suede, Soul Asylum e Spin Doctors. Já o cinéfilo é brindado com pontas de Charles Grodin e Alan Arkin e um hotel que parece o hospital de *Alta Ansiedade*. A conclusão, por sua vez, é previsível. Salvam-se só as performances beatnik de Myers.

C.P.

OS TRÊS SUPER-TIRAS ★★

(Hot Stuff, EUA, 1979) Direção: Dom DeLuise. Com Dom DeLuise, Suzanne Pleshette, Jerry Reed, Ossie Davis. 90 min. LK-Tel/Vídeo.

Comédia *outsider* típica dos anos 70, que lembra um pouco, pelo ritmo e pelo infalível figurino, as pornochanchadas brasileiras. Dom DeLuise dirige e atua neste filme que tem trilha sonora típica dos musicais da década anterior e é uma imensa gozação à instituição policial. DeLuise, Pleshette e Reed são policiais que, cansados da inércia do Judiciário, montam uma loja de receptação, onde filmam os infratores da lei "diminuindo" a burocracia. Davis faz o chefe de polícia – por que todo chefe de polícia tem que ser negro? – que dá cobertura à operação.

F.C.

LUA-DE-MEL A TRÊS ★★★

Proposta indecente mas simpática

Perdidamente apaixonado, mas morto de medo de se casar, o detetive particular Nicolas Cage leva sua namorada a Las Vegas para uma solução indolor em um cartório local. Na hora H, porém, decide adiar por algumas horas o casamento para entrar numa rodada de pôquer com um mafioso – e acaba tendo que oferecer a noiva como pagamento da dívida de jogo. Não por acaso, a história lembra a de *Proposta Indecente* – só que esta "versão" cômica é bem melhor.

Entre locações para lá de brega no Havaí e Vegas e montes de sósias de Elvis Presley, Nicolas terá que enfrentar inúmeras dificuldades para recuperar sua amada, que está prestes a ceder aos encantos do gângster – interpretado com primor pelo canastra simpático Caan. O filme não compromete, diverte e, de quebra, embala o público com uma hora e meia de deliciosa trilha sonora.

(Honeymoon in Vegas, EUA, 1992) Direção: Andrew Bergman. Com Nicolas Cage, Sarah Jessica Parker, James Caan, Anne Bancroft. 95 min. Paris.

ISABELA BOSCOV

Paris

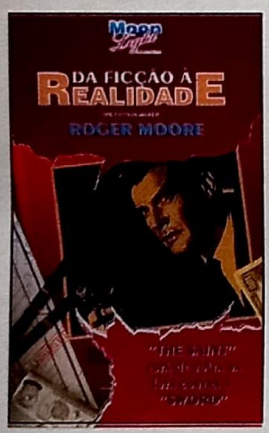
Sarah Jessica Parker e Nicolas Cage tentam entender os rumos de seu tumultuado romance

AVENTURA

FUGA PARA A VITÓRIA ★★
(Victory, EUA, 1981) Direção: John Huston. Com Sylvester Stallone, Michael Caine, Max Von Sydow, Pelé. 110 min. Warner.

Um dos raros filmes em que o futebol é o personagem central. A trama é absurda, mas simpática. Segunda Guerra: na França ocupada, prisioneiros aliados são convencidos a jogar uma partida de futebol contra seus captores. Na verdade, os nazistas pretendem demonstrar a superioridade ariana nos esportes – como tentaram de verdade nas Olimpíadas de 36, com resultados desastrosos. Desta vez quem humilha os nazis é o xará deste crítico, Pelé, que marca um gol de bicicleta belíssimo quase no final do jogo. Stallone faz o goleiro e Caine é uma espécie de Parreira com cérebro. Enquanto Aliados x Reich se ralam no campo, a Resistência Francesa planeja a fuga dos jogadores-prisioneiros. Não é um John Huston de boa safra, mas é bem razoável.

E.A.



DA FICÇÃO À REALIDADE ★★
(The Saint, Inglaterra) Direção: Roy Baker. Com Roger Moore, Sylvia Syms, Justine Lore. 104 min. Top Tape.

Quem se lembra do seriado de TV *O Santo* certamente vai conferir esta produção inglesa com o galã canastrão Roger Moore – que, não por acaso, seria mais tarde o agente 007. E vai conferir por uma razão muito simples: todos os estereótipos do gênero de espionagem dizem "presente". É um *must* em nostalgia. A ponto de, com quarenta minutos de fita, o mais tarado dos aficionados estar bocejando e pensando no que tinha na cabeça na época. A trama é inverossímil, lógico, e envolve o Santo tentando proteger uma escritora de livros de espionagem – perseguida, claro, por uma gangue de malucos tecnologizados.

F.C.

A JUVENTUDE DE BUTCH CASSIDY ★★★
(Butch and Sundance: The Early Days, EUA, 1979) Direção: Richard Lester. Com William Katt, Tom Berenger, Jeff Corey, Brian Dennehy. 110 min. Abril Vídeo.

Realizado dez anos depois de *Butch Cassidy*, *A Juventude de Butch Cassidy* é uma continuação às avessas, tipo "veja como tudo começou". Tem lá seu charme: belas paisagens, atores regulares (Berenger no papel de "Paul Newman" e Katt como "Redford"), mas não funciona tão bem quanto o primeiro. Em 1969, ano do original, estava-se em plena contra-cultura. Satirizar a mitologia americana – leia-se western – era bacana. Dez anos depois, o clima era outro. Os antiheróis estavam em baixa e *A Juventude de Butch Cassidy* acabou ficando meio ingênuo, perdido no tempo. A história é simples: Butch conhece Sundance Kid e juntos começam a assaltar saloons, bancos e trens. Mas o diretor Lester, coitado, não tinha dois trunfos do primeiro Butch: o roteiro de William Goldman e a música de Burt Bacharach. Mas, mesmo com falhas, o filme é infinitamente superior a porcarias modernosas como *Posse* e *Young Guns*.

E.A.

PRISIONEIRO DO RIO ★ INÉDITO NO CINEMA
(Prisoner of Rio, Inglaterra/ Brasil/ EUA, 1988) Direção: Lech Majewski. Com Steven Berkoff, Paul Freeman, Peter Firth, Florinda Bolkan, José Wilker. 101 min. LK-Tel/Vídeo.

A saga de Ronald Biggs – o ladrão que participou de um dos maiores roubos do século, ao trem pagador da Royal Mail, em 63 – é uma aventura de componentes evidentemente cinematográficos. Mas, com uma introdução de documentário, a ficção que se cria aqui é inconsistente e rocambolesca. O roteiro – co-assinado por Biggs, que também aparece rapidamente – mostra uma suposta tentativa de um agente da Scotland Yard de levar o famoso ladrão de volta à Inglaterra. Afinal, ele só ficou no Rio por ter um filho brasileiro. O espertalhão, no entanto, leva a melhor, apesar de enfrentar um seqüestrador fajuto (José Wilker, em participação discreta). A moral da história, revelada pelo próprio Biggs no início, é que "o crime compensa" ... Só para ele, não para o espectador.

C.G.L.

O IMPERADOR DO NORTE ★★★

Tom & Jerry sobre trilhos

Robert Aldrich é um nome que devia aparecer sempre no plural. Há o Aldrich dos anos 50, das obras-primas inventivas como *Vera Cruz*. Há o Aldrich que, com pouco dinheiro, realizaria pequenas preciosidades, como *Garotas Duras na Queda* ou criaria a beleza de *O Último Brilho do Crepúsculo*.

O Imperador do Norte é um Aldrich intermediário. O mesmo de *Baby Jane*, *Os Doze Condenados* etc. Aqui o que importa é o espetáculo, salpicado de algumas tintas sociais, já que a ação se passa durante a Depressão dos anos 30. Ernest Borgnine é o chefe de trem vilanesco cujo ponto de honra é não permitir que nenhum desocupado viaje num de seus vagões. Lee Marvin é o homem que ousa desafiá-lo.

Segue-se um longo desafio, uma batalha tipo Tom & Jerry que atravessa todo o trajeto do trem. Há aventura, violência, ação, e ninguém dirá que Aldrich se dá mal nesses registros espetaculares. Mas falta a *O Imperador do Norte* o empenho de uma personalidade. E disso o filme se ressente.

(Emperor of the North, EUA, 1973) Direção: Robert Aldrich. Com Lee Marvin, Ernest Borgnine, Keith Carradine, Charles Tyner. 118 min. Abril Vídeo.

Inácio Araujo

Abril Vídeo

Lee Marvin e Ernest Borgnine numa das incontáveis etapas de sua batalha

FANTASIA

MUNDO PROIBIDO ★★

Overdose de imagens

Ralph Bakshi, o veterano diretor de *Fritz, the Cat*, *Heavy Traffic* e *O Senhor dos Anéis* quis salvar a graça no desenho animado dos anos 80, mas deu seu tradicional passo atrás com este *Mundo Proibido*. Sua heroína, Holli Would, é uma gostosona virtual que quer desfrutar as delícias de ser humana. Para isso, precisa seduzir algum macho do mundo real. Ela tenta primeiro um tira (Brad Pitt) – na verdade um ex-soldado perdido no mundo dos desenhos desde 1945 – e depois caça um desenhista de quadrinhos (Gabriel Byrne), que pensa ser o criador da bela. Quando consegue seu intento, ela se transforma em Kim Basinger, mas o equilíbrio entre os dois universos fica comprometido.

Talvez nem tanto quanto o equilíbrio do filme. Bakshi quis descrever um mundo maluco e, para isso, lotou as cenas com ações paralelas, às vezes melhores que a principal. O resultado é desconexo e tecnicamente distante da sofisticação de *Uma Cilada para Roger Rabbit*, de Robert Zemeckis, o padrão atual na combinação de personagens reais com desenhos animados.

(Cool World, EUA, 1992). Direção: Ralph Bakshi. Com Kim Basinger, Brad Pitt, Gabriel Byrne. 102 min. CIC.

MARCOS SMIRKOFF

Gabriel Byrne inspeciona seu objeto de desejo, a voluptuosa Holli Would

INFANTIL

TARTARUGAS NINJA 3 ★★

(Teenage Mutant Ninja Turtles III, EUA, 1993) Direção: Stuart Gillard. Com Elias Koteas, Paige Turco, Stuart Wilson. 96 min. Abril Vídeo.

Cowabunga para as crianças! Esta terceira parte é a que mais se distancia da loucura imaginativa dos desenhos originais, mesmo incluindo uma viagem no tempo – graças a um cetro mágico, os heróis vão parar no Japão feudal. A série, que começou como a produção independente mais lucrativa da história, chega aqui a uma conclusão melancólica: mesmo com um orçamento mais vultoso, a obra não dribla sua total falta de fôlego – história frágil, humor requentado (como as pizzas que eles "criam" no Japão) e um constante discurso antiviolência que interfere nas cenas de ação à HQ. Ainda bem que está sendo lançado em cópias dubladas e legendadas, pois só os fãs menores se divertirão com esta sopa aguada de tartarugas.

C.H.P.

FREE WILLY ★★★

Amizade à prova d'água

A boa e velha fórmula dos contos de fada (problema, desafio, solução e final feliz) é o recurso usado pelo diretor australiano Simon Winger para contar a história de amizade entre uma baleia e um menino.

Free Willy começa com belas imagens de uma "família" de orcas brincando nas águas tranqüilas de um oceano. O sossego acaba com a chegada do homem, que lança redes ao mar e captura uma baleia – mais tarde batizada de Willy. O gigantesco cetáceo acaba no pequeno tanque de um parque e se torna genioso, triste, solitário, recusando-se a aprender os truques que tentam lhe ensinar. Não gosta de ninguém, e ninguém gosta dele.

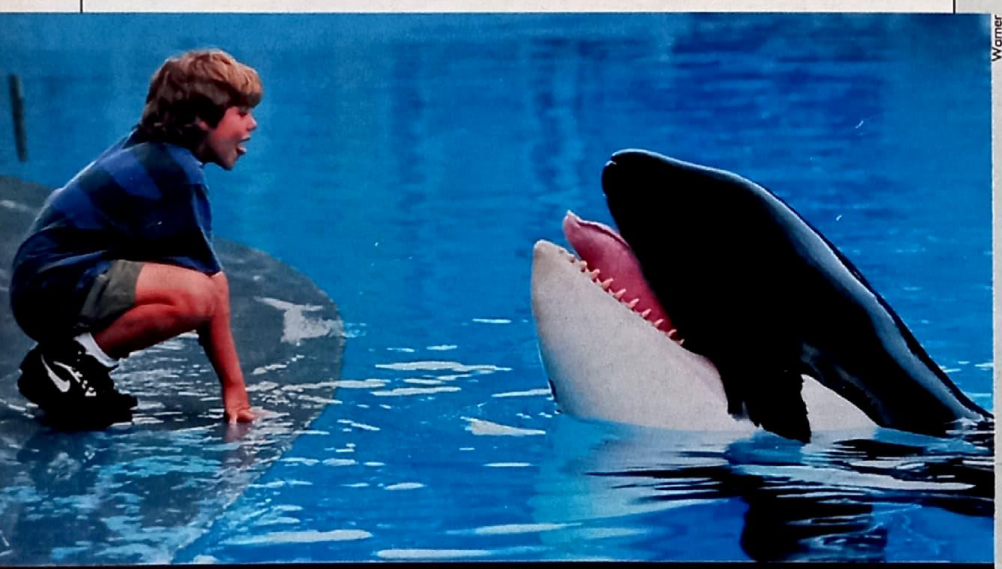
É no parque que Willy conhece o garoto Jesse, um aprendiz de marginal que passa seus dias aprontando pelas ruas – até ser capturado por policiais quando "ilustrava" com spray os vidros do tanque da baleia. Para não acabar em um reformatório, Jesse aceita ser adotado por um casal e, como castigo pela pichação, precisa eliminar os vestígios de sua arte.

Os dois "deslocados", em fase de adaptação em suas novas casas, acabam se entendendo. Jesse é o único ser humano em quem Willy confia, e é através de Willy que Jesse aprende a gostar das pessoas. Resolve assim dar à amiga o mesmo que o serviço social deu a ele: um lar. O objetivo de Jesse é mandar a baleia de volta para casa.

Todo mundo sabe como a história termina, mas *Free Willy* consegue encantar as crianças sem chatear os adultos. A fita chega em versões dubladas e legendadas.

(EUA, 1993) Direção: Simon Winger. Com Jason James Richter, Lori Petty, Jane Atkinson, Michael Madsen. 111 min. Warner.

PAULA MEDEIROS



Jesse leva um papo com sua nova amiga, a baleia rebelde Willy

JOVEM PAN 2 - A RADIO

Roupas gentilmente cedidas por Gibson-São Roque

NÃO DÁ PRÁ DESLIGAR

Videolançamentos

ALADDIN ★★★★★

Renovação do gênero

Abril Vídeo

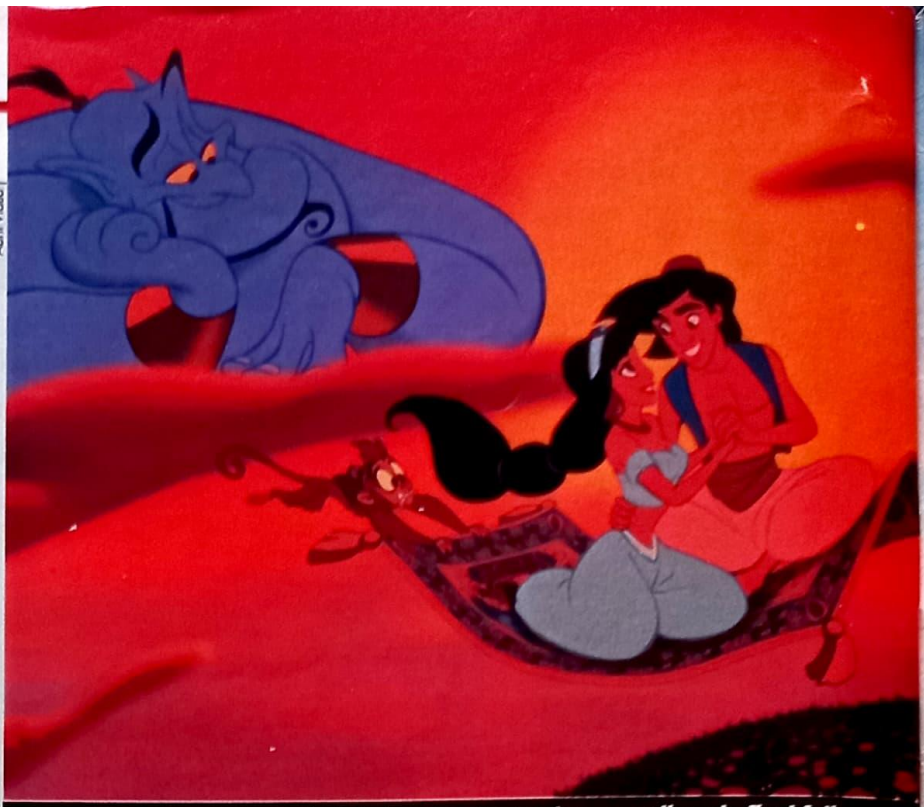
Se há um desenho merecedor de uma indicação ao Oscar de melhor filme, este é *Aladdin*. Ele reúne o ritmo ágil e o humor de *A Pequena Sereia* às magníficas inovações gráficas de *A Bela e a Fera*, sem derrapar na melosidade e na narrativa quadradinha deste último. Vai além na exploração tecnológica de suas cenas – como na estonteante fuga num tapete mágico de dentro de uma caverna – e se supera no saudável uso do humor, a ponto de transformar este 31º desenho da Disney (e apenas o sexto a adaptar um conto de fadas clássico) no espetáculo animado mais juvenil já realizado pelo estúdio.

A versão dublada mantém a qualidade habitual nos desenhos recentemente importados da Disney, mas neste caso a disponibilidade da cópia original, com legendas, é uma dádiva. Grande responsável pelo encanto do filme, a voz que Robin Williams empresta ao Gênio levou um Globo de Ouro especial e sintetiza o que de melhor em termos de comicidade a equipe de roteiristas do estúdio já obteve. As constantes referências ao showbiz derrubam qualquer um da cadeira e sustentam uma obra cheia de personagens empáticos (com certeza, *Aladdin* conta com o tapete mágico mais carismático da história), cenas de perigo em ritmo geração game, exotismos culturais e pitadas de romance.

Levou ainda os Oscar de canção e trilha sonora. *Aladdin*, porém, merecia bem mais do que isso. Bem mais do que ser o desenho que mais lucrou em terras americanas. *Aladdin* é um marco para a renovação do gênero.

(EUA, 1992) Direção e produção: Ron Clements & John Musker. 90 min. Abril Vídeo.

CHRISTIAN PETERMANN



Os personagens do bem – incluindo o tapete voador – em clima de final feliz

MR. BOGUS EM AÇÃO ★★★

(Mr. Bogus, EUA, 1991) Direção e produção: Tom Burton e Claudia Z. Burton. CIC.

Chega ao homevideo um novo personagem – feito em animação de massinha – para divertir as crianças. O pequeno Mr. Bogus e seus companheiros, concebidos para TV, brincam, dançam e aprontam muitas confusões. Parecido com um gremlin e com um traço dos Simpsons, Mr. Bogus parece ter encontrado a síntese para garantir a simpatia do público. A trilha sonora também contribui muito, pela versatilidade e diversidade de sons e ruídos que acompanham e dão um tom fundamental à dinâmica dos desenhos. Embora esteja longe da magia de Disney, Mr. Bogus chega em três fitas de vídeo assumindo o papel de um alegre e despojado herói da modernidade.

CAROLINA MARINHO

A dupla mais briguenta da história antes de se unir por uma causa comum

TOM & JERRY – O FILME ★★

Dupla agora fala – e decepciona

Vídeo Arte

Para um fã da dupla mais desunida da história do desenho animado, este longa de Tom e Jerry chega a ser deprimente: eles são amigos, falam pelos cotovelos e tentam salvar a jovem herdeira da ambição de seus falsos protetores. Pior: é um musical!

Na verdade, trata-se da solução mais óbvia para conseguir contar alguma história com os dois que dure mais de sete minutos. O roteiro copia o que pode de congêneres da Disney (na linha *Aristogatas* etc.), e a animação está bem abaixo do que nos bons tempos dos curtas da MGM. Pontos a favor são a trilha instrumental, assinada pelo veterano Henry Mancini (que garante um swing de primeira em algumas canções), a quantidade de perseguições na segunda metade do filme e alguns personagens bem bolados, como Frank, o cachorro gordo que se arrasta em um skate, e o Capitão Kiddie, com seu papagaio-muppet. A cena em que Tom e Jerry "descobrem" que falam é muito esperta, assim como uma breve aparição de Droopy, o cãozinho patético de Tex Avery. Importante: a dublagem do desenho não inclui as canções.

(Tom & Jerry – The Movie, EUA, 1993) Direção: Phil Roman. 84 min. Vídeo Arte.

MARCOS SMIRKOFF

FITA NOVA JOINTVIDEO

FÁCIL DE COMPRAR

FÁCIL DE LOCAR

FÁCIL DE TROCAR

Difícil é sair da Jointvideo sem a fita que você precisa ou procura, todas com garantia de locação. E, se levar, experimentar e não servir, pode trocar por outra ainda melhor. O que não dá é pra trocar de revenda.

É Jointvideo!

A TROCA:

- **Válida só para fitas novas, em perfeito estado e com sêlo "Fita Legal";**
- **Apresentar Nota Fiscal;**
- **Calcular a depreciação de 2% (dois por cento) ao dia, sobre o valor da compra até a data da troca, no prazo máximo de 30 dias;**
- **Sedex ou transporte da fita por conta do cliente.**

JOINTVIDEO

COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.

Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana
Próximo à Estação Carandiru do Metrô
CEP 02033-000 - São Paulo - SP
Fone: (011)290.0811 - Fax: (011)267.6120

OS DESENHISTAS Q

Joseph Barbera, da dupla Hanna-Barbera, conta como o longa-metragem de Tom e Jerry nasceu numa noite de insônia

Nem dá para imaginar como seriam tediosas as tardes em frente à TV se não existissem os desenhos de Hanna-Barbera. Personagens como Tom e Jerry, Flintstones, Jetsons, Scooby Doo, Banana Splits, Maguila o Gorila, Jonny Quest e Manda-Chuva são parte tão importante da cultura pop quanto a Coca-Cola e Mickey Mouse.

Quando William Hanna e Joseph Barbera – então desenhistas da MGM – se conheceram, em 1937, não tinham a menor idéia de que um dia iriam comandar um império de entretenimento e que suas criações se tornariam parte integrante da vida de várias gerações de crianças e adolescentes.

Hanna e Barbera continuam na ativa, coordenando a produção de novos desenhos para a TV e agora trabalhando para Ted Turner, o magnata das telecomunicações – e marido de Jane Fonda – que comprou a Hanna-Barbera Productions em 1991.

O mais recente projeto de HB é o desenho animado de Tom e Jerry, que está sendo lançado em vídeo este mês no Brasil. É o primeiro filme de longa-metragem para o cinema feito com os personagens. "Não sei por que levei tanto tempo para fazer um longa com Tom e Jerry", diz Joseph Barbera, de 83 anos. Segundo ele, a idéia de fazer o filme surgiu durante uma noite de insônia. "Estava deitado em minha cama, sem conseguir dormir, e não sei por que comecei a pensar em Tom e Jerry", diz Barbera. "De repente, botei na cabeça que tinha que fazer um longa com eles."

Barbera submeteu a idéia a Ted Turner, e o empresário topou na hora. A única exigência do patrão: Tom e Jerry teriam que quebrar mais de meio século de silêncio e, pela primeira vez, falar. "Turner achava que um filme de uma hora e meia com os personagens mudos seria muito tedioso", diz Barbera. "Acho que ele tinha razão."

O filme fracassou na bilheteria dos EUA, em parte por causa de uma estratégia de lançamento pouco inteligente – a fita chegou aos cinemas no mesmo dia em que *Jurassic Park*, de Steven Spielberg. Segundo Barbera, o filme foi muito bem de bilheteria na Europa.

O império de Hanna-Barbera começou a ser construído em 1957, depois que os dois deixaram a MGM – onde produziam desenhos animados para o cinema – e montaram sua própria empresa. "Decidimos que o meio que deveríamos explorar era a televisão, que estava crescendo muito na época", diz Barbera. Para superar o problema dos altos custos dos filmes e produzir desenhos animados em série, os dois criaram a técnica de "animação limitada", que barateava os custos e facilitava o trabalho.

Em 1957, venderam para a TV a série *Ruff and Ready*. No ano seguinte, *Huckleberry Hound*. O grande trunfo, no

Vídeo Arte

A Invenção da "Animação Limitada"

Além de um time criativo como poucos, capaz de bolar personagens que se tornariam peças fundamentais da cultura pop, Hanna e Barbera inovaram a técnica de produção dos desenhos animados.

Em 1957, quando abandonaram a linha de produção de desenhos para cinema e decidiram criar séries animadas para a TV, a dupla esbarrou em dois problemas aparentemente insolúveis: o alto custo dos desenhos e a lentidão do processo de produção.

Os dois resolveram os problemas criando a técnica de "animação limitada", que consistia em diminuir o movimento labial dos personagens, pulando de vogal para vogal e ignorando as consoantes. Isso facilitou o trabalho dos desenhistas e cortou a menos de um terço os custos de cada filme. Além disso, Hanna e Barbera começaram a simplificar seus desenhos, ignorando detalhes que se mostravam supérfluos na pequena tela da TV, mantendo os cenários fixos e diminuindo o movimento de corpo dos personagens.

A.B.

UE DISNEY PERDEU

entanto, veio em 1960, quando os dois lançaram *Os Flintstones*, "versão pré-histórica" da popular série de TV *The Honeymooners*, com Jackie Gleason.

O sucesso de HB continuaria em 1962, quando entrou no ar o desenho *Os Jetsons*, espécie de versão futurista de *Os Flintstones*. A exemplo de Tom e Jerry, *Os Jetsons* também acabou virando longa-metragem para o cinema, produzido em 1990.

Entre 1964 e 1969 os estúdios Hanna-Barbera passaram por sua fase mais criativa, com os lançamentos de *Jonny Quest*, *Tom e Jerry*, *Scooby Doo* e dos incríveis *Banana Splits*, programa inovador e anárquico que misturava quadrinhos e bonecos reais.

Nos últimos anos houve uma revitalização da obra da dupla. A emissora de TV Fox encomendou uma nova série *Tom e Jerry*, que Barbera está coordenando. *Os Flintstones* acaba de ganhar uma versão para o cinema com produção de Spielberg e trilha sonora do grupo de rock B-52's.

"Fui assistir às filmagens e adorei a adaptação dos personagens", diz Barbera. Ele e Hanna também fazem aparições especiais no filme – o primeiro numa cena em uma boate e o segundo como um homem de negócios. "Minha cena é muito engraçada", conta Barbera, sem modéstia. "Entro na boate acompanhado por uma linda garota. Estou descalço e vestido com uma pele de animal." "Foi uma forma que arranjamos para homenagear os dois", diz o diretor do filme, Brian Levant.

O que poucos sabem é que a dupla, antes de fundar sua própria empresa, por muito pouco não foi trabalhar para Walt Disney. "No início dos anos 40 mandamos nossos desenhos para o Disney. Ele adorou e disse que dali a um mês iria a Nova York, onde morávamos, para acertar nossa contratação", diz Barbera. Disney nunca apareceu. Os dois acabaram montando sua própria empresa e criaram personagens que viriam a rivalizar em popularidade com os da Disney.

Barbera só foi se encontrar com Disney quase vinte anos depois, numa festa em Hollywood. "Sentei ao lado dele e começamos a beber exageradamente", confessa Barbera. Gargalhando, ele conta: "Disney sabia beber. Talvez tenha sido por isso que ele esqueceu de ir a Nova York para nos encontrar!"

André Barcinski, de Los Angeles

JULHO CONVIVE COM A COPA

Mesmo o videófilo mais inveterado vai estar ao menos antenado com os fatos da Copa do Mundo, que domina o mês de julho. Por outro lado, as distribuidoras prevêem alguns lançamentos fortes para garantir opções aos desafetos do esporte. Aproveitando as férias, alguns títulos censura livre: a versão dublada de *Beethoven 2*, (abaixo, à dir.) com vários são-bernardos filhotes; *O Último Grande Herói* (abaixo, à esq.), comédia de ação com Arnold Schwarzenegger; a aventura dos estúdios Disney *Os Três Mosqueteiros* (acima); e a seqüência sul-africana *Os Deuses Devem Estar Loucos 2*. Para o público adulto, as melhores pedidas ficam com o drama *Olivier, Olivier*, de Agnieszka Holland; o cruel e saboroso *Perversa e Perigosa – Tia Danielle*; a descida aos infernos de Madonna em *Olhos de Serpente*; e a fita de suspense *O Silêncio do Lago*, com Jeff Bridges e Kiefer Sutherland. Entre as fitas inéditas no cinema, destaque absoluto para o irreverente *Jovens, Loucos e Rebeldes* (*Dazed and Confused*), sobre os anos 60. Bola dentro!

Fotos Columbia

Universal

BOLSA DE VÍDEO

Orson Welles e seu filme de estréia continuam imbatíveis

	Celso Floravante Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Wanderley Sanches Veja São Paulo	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires Zero Hora	Marcelo Mala Jornal do Brasil	Roberto Rios TVA	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
Cidadão Kane (Continental)	10	10	9	9	10	10	10	10	10	10	9.8
Gritos e Sussurros (Concorde)	8	10	10	—	9	8	—	10	10	—	9.2
Touro Indomável (Concorde/Tocantins)	10	10	8	9	9	10	10	6	10	9	9.1
Adeus Minha Concubina (Look)	8	9	10	7	9	9	8	9	9	8	8.6
O Nascimento de uma Nação (Continental)	7	6	8	—	9	9	—	10	9	9	8.3
Aladdin (Abril)	7	8	8	7	9	8	9	10	—	9	8.3
Nascida Ontem (LK-Tel/Vídeo)	—	8	—	8	9	—	—	8	7	—	8.0
Três Irmãos (Paris)	—	8	—	—	8	—	—	7	7	8	7.6
O Banquete de Casamento (Top Tape)	7	7	9	6	8	7	8	8	8	7	7.5
A Família Addams 2 (CIC)	7	7	9	7	8	5	8	8	7	8	7.4

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	Reserva Especial	(011) 288-5588
CIC	(011) 816-0852	Sato	(011) 864-7055
Concorde	(011) 266-6999	Tocantins	(027) 336-7112
Condor	(021) 210-2404	Top Tape	(021) 205-5552
Continental/Opção	(021) 262-0751	TV Vídeo	(011) 255-9911
Europa/Carat	(011) 579-6522	United	(011) 195-4020
HVC	(011) 813-1860	Vídeo Arte	(011) 575-6996
LK-Tel/Vídeo	(011) 825-5061	VTI	(021) 580-3130
Look	(011) 536-9366	Warner	(011) 820-6777
Paris/América	(011) 533-8300		

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição; o acervo da F.J. Lucas está sendo comercializado pela Concorde.

PARADA ABRIL

BRASIL

1. *Risco Total (Cliffhanger)* (LK-Tel/Vídeo)
2. *O Fugitivo (The Fugitive)* (Warner)
3. *Invasão de Privacidade (Sliver)* (CIC)
4. *A Firma (The Firm)* (CIC)
5. *Como Água para Chocolate (Como Agua para Chocolate)* (Top Tape)
6. *Feita por Encomenda (Made in America)* (Warner)
7. *Lua de Fel (Bitter Moon)* (Paris)
8. *Vencer ou Morrer (Nowhere to Run)* (LK-Tel/Vídeo)
9. *Feitiço do Tempo (Groundhog Day)* (LK-Tel/Vídeo)
10. *Dennis – O Pimentinha (Dennis the Menace)* (Warner)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal do Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG), Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. *The Fugitive (O Fugitivo)* (Warner)
2. *The Beverly Hillbillies (A Família Buscapé)* (Fox Video)
3. *Carlito's Way (O Pagamento Final)* (MCA/Universal)
4. *Cool Runnings (Jamaica Abaixo de Zero)* (Walt Disney)
5. *The Good Son (O Anjo Malvado)* (Fox Video)
6. *What's Love Got to do With It (Tina)* (Touchstone)
7. *Demolition Man (O Demolidor)* (Warner)
8. *In the Line of Fire (Na Linha de fogo)* (Columbia TriStar)
9. *Malice (Malícia)* (New Line)
10. *Son-in-Law (O Genro dos Meus Sonhos)* (Hollywood)

Fonte: *Entertainment Weekly* 23/04/94

A CARIBE vai levar você para O CARIBE

Participe desta Promoção!

Apoio: Acessórios METAL CAR

Abra uma revenda CARIBE na sua região.

São mais de 10.000 títulos para você escolher sem se preocupar com os "famosos pacotes", e tudo com PRONTA ENTREGA.

** Aceitamos todos Cartões de Crédito, inclusive para compras feitas por telefone.*

** Remetemos para todo o Brasil.*

** Aceitamos 5 cheques semanais*

** Assessoria para você que está montando sua vídeo locadora.*

*** FITAS NOVAS E USADAS.**

*** ACESSÓRIOS PARA GAME E VÍDEO LOCADORAS.**

MATRIZ - SÃO PAULO - SP
R. Voluntários da Pátria, 1223
Santana - CEP 02011-100
(a 30 metros da estação Carandirú do Metrô)
Fones: (011) 267-9200 / 290-9419
Fone/Fax:(011) 290-9572

FILIAL- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP
Praça Cônego Lima, 08 - 1- andar
Sala 11 - Centro - CEP 12210-080
Fone:(0123) 23-4096

FILIAL- FLORIANÓPOLIS
R. Arcipreste Paiva, 85 - Sl.303
Ed. Cidade de Florianópolis
ao lado da Catedral
Fone:(0482) 24-2517

ESCUTE MINHA CANÇÃO

Quem disse que ator não sabe cantar? Confira o resultado de algumas iniciações musicais nas telas

Commitments – Loucos pela Fama

LK-Tel/Vídeo

BOAS SURPRESAS

AMY IRVING em
UMA CILADA PARA ROGER RABBIT *(Who Framed Roger Rabbit?, EUA, 1988) Direção: Robert Zemeckis. 103 min.* Abril Vídeo.

A atual sra. Bruno Barreto não aparece em carne e osso, mas faz a voz cantante da sensual Jessica Rabbit e surpreende com uma aveludada e insinuante interpretação de "Why Don't You Do Right?".

DAN AYKROYD e **JOHN BELUSHI** em
OS IRMÃOS CARA-DE-PAU *(The Blues Brothers, EUA, 1980) Direção: John Landis. 133 min.* CIC Vídeo.

Os Blues Brothers, oriundos do programa de TV *Saturday Night Live*, consagraram Aykroyd e Belushi (falecido em 1982). Eles lideram um grupo de blues e estouram a boca do balão quando cantam, com deboche afinado, o clássico tema da telessérie *Rawhide*.

GABRIELLE ANWAR em
POR AMOR OU POR DINHEIRO *(The Concierge/For Love or Money, EUA, 1993) Direção: Barry Sonnenfeld. 94 min.* CIC.

A gracinha mignon que é Gabrielle Anwar já inspirara Al Pacino em *Perfume de Mulher*, mas sua presença nas telas nunca passou do convencional. Arrebatou os incautos, porém, ao cantar numa bela seqüência desta comédia romântica. Está luminosa.

MATTHEW BRODERICK em
CURTINDO A VIDA ADOIDADO *(Ferris Bueller's Day Off, EUA, 1986) Direção: John Hughes. 104 min.* CIC.

O clímax desta comédia juvenil e alto astral é quando Matthew Broderick solta a garganta e entoa "Twist and Shout" em cima de um carro alegórico, em plena parada nas ruas de Chicago. Integra a antologia de cenas da década de 80.

MERYL STREEP em
IRONWEED *(EUA, 1987) Direção: Hector Babenco. 137 min.* Transvídeo.

Meryl Streep sintetiza o universo amargo e decadente do romancista William Kennedy no papel de uma sem-teto alcoólatra e doente que relembra seus dias como cantora de sucesso e entoa um emocionante canto do cisne. Um dos grandes momentos de sua carreira. Ela arrisca também uns countries bem mais despojados em *Lembranças de Hollywood* (90).

MICHELLE PFEIFFER em
SUSIE E OS BAKER BOYS *(The Fabulous Baker Boys, EUA, 1989) Direção: Steve Kloves. 112 min.* Look.

Michelle Pfeiffer já teve aulas de canto para a sua estréia como protagonista no infame *Grease 2*. Explorou melhor seus dotes (associados àqueles outros, maravilhosamente físicos) ao cantar aqui, em pé ou deitada sobre o piano, com intimismo e sensualidade. Não à toa, ela está fazendo lobby com Oliver Stone para protagonizar *Evita* nos cinemas.

SISSY SPACEK e
BEVERLY D'ANGELO em
O DESTINO MUDOU SUA VIDA *(Coal Miner's Daughter, EUA, 1980) Direção: Michael Apted. 125 min.* CIC.

Sissy Spacek ganhou um merecido Oscar ao personificar a cantora country Loretta Lynn sem dublagens. Também surpreendente é a atuação musical de Beverly D'Angelo como a falecida cantora Patsy Cline, que foi amiga de Loretta.

ELENCO de
COMMITMENTS – LOUCOS PELA FAMA *(The Commitments, Inglaterra/Irlanda, 1991) Direção: Alan Parker. 115 min.* LK-Tel/Vídeo.

Assim como o diretor Parker já experimentara em *Fama* (80), ele reuniu aqui um elenco de novatos tanto na área interpretativa quanto na da música. Todos transbordam energia e entusiasmo. Destaque para Andrew Strong, o principal vocalista da banda improvisada e que teve ataques de estrelismo durante as filmagens.

Ironweed

Abril Vídeo

Uma Loira em Minha Vida

NÃO FAZEM FEIO

BARBARA SUKOWA em
LOLA *(Alemanha, 1981) Direção: Rainer Werner Fassbinder. 101 min.* Poletel.

Fassbinder gostava de fazer suas atrizes cantarem (Rosel Zech em *O Desespero de Veronika Voss*; Hanna Schygulla em *Lili Marlene*; e Jeanne Moreau em *Querelle*), mas quem melhor explora sua chance é a excelente Barbara Sukowa nesta versão modernizada de *O Anjo Azul*, no qual faz uma prostituta de timbre grave e sensual.

DENISE DUMONT e
DIANE KEATON em
A ERA DO RÁDIO *(Radio Days, EUA, 1987) Direção: Woody Allen. 85 min.* LK-Tel/Vídeo.

A brasileira Denise Dumont parodia Carmen Miranda, enquanto Diane Keaton dá uma cancha ao seu ex Woody Allen e interpreta, com muita classe, a *crooner* de uma big band típica dos anos 40.

GARY OLDMAN em
SID E NANCY – O AMOR MATA *(Sid and Nancy, EUA, 1986) Direção: Alex Cox. 111 min.* Mundial.

Do jeito que Gary Oldman é camaleônico, com certeza não foi difícil rasgar a garganta para gritar a versão que o falecido Sid Vicious cometeu do *standard* "My Way". Sid teria gostado.

KIM BASINGER em
UMA LOIRA EM MINHA VIDA *(The Marrying Man/Too Hot to Handle, EUA, 1991) Direção: Jerry Rees. 115 min.* Abril Vídeo.

A loira na vida de Alec Baldwin entra na pele de uma cantora de cabaré na Las Vegas dos anos 50 e se sai bastante bem. Quem sabe aí não está uma carreira mais consistente para Kim?

MICHAEL J. FOX em
LUZ DA FAMA *(Light of Day, EUA, 1987) Direção: Paul Schrader. 107 min.* Transvídeo.

Sem grandes talentos, Fox canta e toca guitarra, e aqui ao lado da "real" Joan Jett, que interpreta sua irmã. A música-tema do filme, com vocal de Fox, é de Bruce Springsteen. O ator já havia demonstrado seus dotes no primeiro *De Volta para o Futuro* (85).

MIRANDA RICHARDSON em
DANÇANDO COM UM ESTRANHO *(Dance with a Stranger, Inglaterra, 1985) Direção: Mike Newell. 102 min.* Pegasus/Jota Home.

Miranda Richardson é a última mulher condenada à morte na Grã-Bretanha. Dona de um clube noturno, ela canta "Would You Dance With a Stranger?". Voz pequena, mas com emoção prestes a explodir. Adequado.

STEVE MARTIN em
A PEQUENA LOJA DOS HORRORES *(Little Shop of Horrors, EUA, 1986) Direção: Frank Oz. 83 min.* Warner.

Ellen Greene não conta, pois ela já soltou a voz em peças da Broadway. Já Steve Martin está delicioso no papel de um dentista sádico e canta de forma debochada e irresistível.

ELENCO de
HISTÓRIAS REAIS *(True Stories, EUA, 1986) Direção: David Byrne. 111 min.* Warner.

David Byrne estréia aqui como ator e diretor. Já o seu elenco, para melhor traduzir o espontâneo retrato que Byrne faz da sociedade média americana, é posto para cantar. Quem arrasa, no cômputo geral, é o simpaticão John Goodman, que ataca de *People Like Us*, "apresentada" como uma composição sua!

CANTORES DE CHUVEIRO

ANTONIO BANDERAS em
OS REIS DO MAMBO *(The Mambo Kings, EUA, 1992) Direção: Arne Glimcher. 102 min.* Warner.

Banderas interpreta um trompetista cubano que, nos anos 50, arrisca a sorte nos EUA. Tenta cantar o bolero "Beautiful Maria of My Soul", com letra do diretor estreante Glimcher, e faz feio: voz insegura, tímida e sem fôlego.

DUSTIN HOFFMAN e
WARREN BEATTY em
ISHTAR *(EUA, 1987) Direção: Elaine May. 107 min.* LK-Tel/Vídeo.

A diretora e a dupla de astros compuseram algumas das engraçadíssimas canções, interpretadas de forma medonha tanto por Hoffman quanto por Beatty. É, ao menos, coerente: ambos personificam cantores sem o menor talento. A arte imita a vida...

ISABELLA ROSSELLINI em
VELUDO AZUL *(Blue Velvet, EUA, 1986) Direção: David Lynch. 120 min.* Jovem Pan.

Rossellini, então namorada do diretor Lynch, tem uma personagem torturada e passa essa sofreguidão na interpretação grave e apática do *oldie* "Blue Velvet". Combina com o filme, mas é uma ducha fria.

NICOLAS CAGE em
PEGGY SUE – SEU PASSADO A ESPERA *(Peggy Sue Got Married, EUA, 1986) Direção: Francis Ford Coppola. 104 min.* Abril Vídeo.

Cage idolatra Elvis Presley em *Coração Selvagem* (no qual interpreta "Love Me Tender" com caretas bem lynchianas) e é rodeado por sósias do rei em *Lua-de-Mel a Três*. Já neste filme de seu padrinho Coppola, ele canta "He Doesn't Love You" com todos os maneirismos de Presley e exagera na dose. Pose pura.

Seleção e textos de *Christian Petermann*

Videoteca

Personalidades falam sobre as cenas finais que gostariam de "congelar"

Lino Rodrigues

CHICO ANYSIO, humorista:

"Odeio ir ao cinema, prefiro ter paciência e esperar que os filmes saiam em vídeo. Posso vê-los perfeitamente no telão instalado em casa. Os meus diretores preferidos são Frank Capra, Scorsese, Coppola e Spielberg mas, de modo geral, os filmes que freqüentam meu vídeo são escolhidos pelos meus filhos. Dentre os que assisti, as melhores cenas finais são as de *Casablanca*, *O Suplício de uma Saudade* e, a do filme mais lindo que já vi, *Muito Além do Jardim*. Não sou um colecionador de fitas, eu as alugo e devolvo, mas as cenas finais desses filmes valeriam ser congeladas ."

Armando Gonçalves

ESTHER GÓES, atriz:

"Gostaria de poder assistir a muitos filmes em vídeo, mas duas coisas me impedem. A primeira é a falta de tempo, a segunda é que considero o mercado de vídeo paupérrimo. De qualquer forma, sou uma caçadora de produtos excepcionais ou ainda de informação profissional. No mais, o vídeo não traduz a mesma intensidade que o cinema. A *Viagem do Capitão Tornado*, uma homenagem ao teatro, e *Blade Runner*, uma equação perfeita da postura do homem no século 20, são o tipo de filme em que você gostaria de entrar. Adoraria ter os finais deles congelados na minha tela."

João Raposo

DINHO OURO PRETO, vocalista da banda Vertigo:

"Sou um grande freqüentador de cinemas, assisto desde a filmes E até aos clássicos, e sempre procuro me informar sobre locadoras que tenham bons acervos. Com tanta informação, fica difícil eleger algumas cenas finais. Algo que me vem à cabeça de imediato é a cena final de *Blade Runner*, a figura daquele pombo com o discurso pela vida é apoteótica. Mas não dá para esquecer *Casablanca*, que foge ao lugar-comum do 'felizes para sempre'. No cinema nacional, as adaptações de Nelson Rodrigues sempre me atraíram; nas cenas finais a tensão é sempre elevada à enésima potência."

SET Recomenda

Por Christian Petermann

Prateleiras de Sua Videolocadora Escondem Atores Obscuros em Carreiras Sólidas

Criaturas 3

Don Opper em
CRIATURAS 3 e 4 (América Vídeo)

A trama: Monstrinhos atazanam prédio em Los Angeles na parte 3 e são mandados para o espaço na parte 4.

Receita: Produções B com efeitos especiais pobres, realizadas simultaneamente para vídeo; humor negro; referências a *Gremlins*, *Duro de Matar*, *Aliens* e *Guerra nas Estrelas*; cultura pop; atuações de Leonardo DiCaprio (parte 3) e Angela Bassett (parte 4) – com direito a nu de costas –, ambos candidatos ao Oscar deste ano.

Grau de seriedade: Bobagem.

Público-alvo: Amantes de um trash rápido.

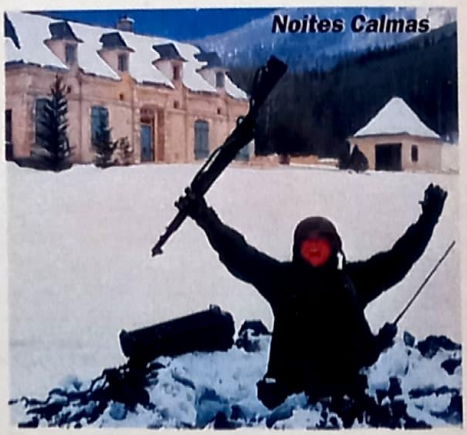
Como começou: Don Opper despontou para os aficionados do gênero com o filme *Andróide – Mais que Humano* (82, pela F.J. Lucas, fita difícil de ser encontrada), em que contracena com Klaus Kinski e com o qual *Criaturas 4* guarda semelhanças.

Como se firmou: Opper tornou-se um rosto conhecido para os espectadores desse tipo de filme por ser o único elo – além das próprias criaturas, é claro – entre todos os quatro filmes da série, com o personagem do apalermado interiorano Charlie.

Parentes: Seu irmão, Barry Opper, envolveu-se desde a primeira parte na produção e roteiro dos filmes.

Futuro: Tão desconhecido quanto o rumo da nave no final da quarta parte; Don Opper tem um tipo físico incomum.

Destaque: Legal a frase final dos créditos de *Criaturas 4*, "Nenhum critter foi machucado na realização deste filme", tirada tipicamente "opperiana".


Noites Calmas

Keith Gordon dirige
NOITES CALMAS (LK-Tel/Vídeo)

A trama: Durante a Segunda Guerra, pelotão americano depara-se com nazistas que querem se entregar sem passar por desertores.

Receita: Mensagem pacifista; produção totalmente apoiada nos atores; elaborada fotografia para captar a angústia física dos soldados em contato com o inverno europeu; roteiro intimista que desenvolve um paralelo entre a guerra e o impasse existencial dos jovens protagonistas.

Grau de seriedade: Absoluto e irrestrito.

Público-alvo: Afeito a temáticas humanas e realistas.

Como começou: Keith Gordon é um ator bissexto (praticamente aposentado nessa função) que é lembrado como o filho de Angie Dickinson em *Vestida para Matar* (80), como o objeto do desejo do carro maldito em *Christine* (83) e como o estudante com vergonha do pai em *De Volta às Aulas* (86).

Como se firmou: Gordon encontrou uma segunda carreira na direção – e o que é melhor, como um diretor talentoso, sensível aos argumentos complexos com que trabalha e excelente condutor de atores; sua estréia na direção se deu com *A Guerra do Chocolate* (88, pela Mundial).

Parentes: Nenhum que tenha influenciado diretamente em sua carreira.

Futuro: Tem carreira promissora como diretor, por ora em produção independente; merece ser acompanhado de perto.

Destaque: Seu trabalho com os atores tirou o melhor proveito de um ótimo elenco jovem, com destaque para Ethan Hawke (o narrador da trama, a mesma função que exerce em *Vivos*), Peter Berg, Frank Whaley e o também diretor Gary Sinise.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA
TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS
PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com preços abaixo das produtoras!

• Alladin • Free Willy
• Tope Gang II • E Outros

• Cheques pré-datados e cartão de crédito
• Inclusive por telefone

• Remetemos para todo o Brasil
• Aceitamos Permuta
• *OFERTAS:*
• Catálogos usados 15% de desconto a vista
• A cada 10 fitas ganhe uma grátis
• A cada 3 fitas ganhe um brinde

FITAS A PARTIR DE 4 URV's

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

FITAS DE VÍDEO

Novas • Seminovas • Usadas
Grande quantidade de títulos

Atendemos colecionadores,
particulares e
montamos vídeo locadoras
Aceitamos todos os Cartões
de Crédito, inclusive
por telefone)

PLANETA NORTE

Fone:
(011) 578-5727
(011) 584-5723
R. Dos Buritis, 257
Metrô Jabaquara

7ª ARTE
VÍDEO SHOP
FITAS NOVAS E USADAS
VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM
ÓTIMOS PREÇOS.
• Alladin
• Free Willy
• Top Gang II
• E Outros

Catálogos a partir de 4 URV's
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30
às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
15% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - Tel.: (011) 267-5567

HAWAI
HOME VÍDEO
FITAS NOVAS E USADAS

• Free Willy
• Benny e Joon
• Família Adams II
• Top Gang II
• E Outros

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)

Tel.: (011) 290-4330

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
• Voltamos a financiar a partir de 30 dias com juros bancários!
• Toda linha de acessórios
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento.

10% DE DESCONTO P/ PAGAMENTO A VISTA

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

• Família Adams II
• Free Willy
• Top Gang II
• E Outros

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Por Sedex ou Transpotadora Gratuitamente

Cartas

Ficha Repetida

"A partir de agora, faremos marcação cerrada – por computador – sobre todas as seções da revista para evitar reprises involuntárias." Está lá, na edição de junho de 1992, um texto de resposta a leitores que reclamaram da repetição de uma *Ficha de Cine & Vídeo*. Acontece que o mesmo erro foi cometido agora com a ficha *Rastros de Ódio*, publicada na edição de abril de 1994 (nº 4, ano 8), a qual já havia sido publicada, inclusive com mais informações e com o pôster original americano. Nós leitores esperamos que não haja mais repetições como essa – afinal, o número de fichas foi reduzido pela metade.

Fábio Said
(Salvador – BA)

Edição de Abril

Parabenizo SET pelo ótimo *Caderno de Vídeo* da edição nº 4, ano 8, e também pela *Nostalgia*, dedicada a John Wayne e Marlene Dietrich no filme *A Pecadora*.

Augusto M. Barreto
(Natal –RN)

SET a cada mês me surpreende com matérias e entrevistas superinteressantes e na medida certa. Excelente a cobertura sobre a volta do western e também a idéia de publicar os resultados do Festival de Berlim e do César (nº 4, ano 8).

Fábio Jun Yamaji
(São Paulo – SP)

Sou recente assinante de SET porque, depois de analisar várias outras edições no gênero, cheguei à conclusão de que era mais completa que as outras, satisfazendo minhas expectativas. A primeira edição que recebi foi a de abril/94 (nº 4, ano 8), e está simplesmente divina, com uma boa reportagem sobre os novos westerns. Melhor ainda é a seção *Mito* dedicada a John Wayne. Nessa vocês se superaram.

Glênio Gonçalves de Paiva
(Alfenas – MG)

Sem dúvida a edição nº 4, ano 8, de SET seria medíocre se não contasse com a colaboração de Inácio Araujo. Esse magnífico crítico (na minha opinião, o melhor atualmente) fez três incríveis textos que, por si só, transformaram a edição na melhor de SET de todos os tempos! Ele disseca o maior mito que já houve – John Wayne –, fazendo uma reportagem belíssima sobre o homem que foi Ethan Edwards nas telas; transpôs para o papel em forma de crítica o gênio assombroso e demolidor de Orson Welles, criador de obras únicas como *Cidadão Kane* (*Videolançamentos*) e *A Marca da Maldade* (*Novos Filmes*); transmitiu toda a sinceridade, a luminosidade, da última obra de Carlão Reichenbach, que é com certeza um dos cinco maiores cineastas brasileiros. De sobra, Inácio Araujo ainda fez a excepcional matéria com os melhores faroestes de todos os tempos – só não concordo com o número doze, porque na verdade são catorze os melhores filmes do gênero: faltaram *Três Homens em Conflito*, de Sergio Leone, e *No Tempo das Diligências*, de John Ford.

Gustavo Ayres Scheffer
(Castro –PR)

Adorei a edição de abril/94 de SET. As reportagens sobre os novos filmes americanos do gênero western são esclarecedoras. Achei muito interessante a coluna *Conexão L.A.*, mostrando como Hollywood controla a imprensa. Além disso, na seção *Filmografias*, encontrei detalhes da carreira de Walter Hill que desconhecia.

Paulo E. Miranda
(Campinas – SP)

Parabenizo a equipe de SET pelo alto nível que vem alcançando. A edição de abril (nº 4, ano 8) está simplesmente fantástica: desde a seção *Takes*, a matéria com os novos westerns – inclusive a lista com os doze melhores filmes do gênero já realizados – até a pequena foto de meu ídolo Sam Elliott, no filme *Tombstone*.

Ilze E. Fernandes
(São Paulo – SP)

A edição de SET nº 4, ano 8, foi um verdadeiro marasmo em comparação com as excelentes edições de fevereiro e março. Decepcionante, com exceção da "Matéria de Capa" – que, para quem gosta do gênero western (eu odeio) estava ótima – e a seção *Novos Filmes*, com críticos afiadíssimos. O restante foi água com açúcar: o resultado do Oscar espremido numa única página e a seção *Takes* vazia e repleta de fotos enormes para compensar a ausência de textos. E ainda ousaram eleger *Perdas e Danos* como uma das "Jacas do Ano".

José Marcos Souza
(União dos Palmares – AL)

Reclamações

Protesto contra o aumento do preço da revista, a diminuição das oito *Fichas de Cine & Vídeo* para apenas quatro e também contra a micromatéria com o resultado do Oscar/94 (nº4, ano 8), com a publicação de uma mísera foto de Steven Spielberg.

Renato Ferreira de Souza
(Santa Luzia – MG)

Além de me decepcionarem com a redução do número das *Fichas de Cine & Vídeo* e a modificação de seu formato, fui obrigado a ler à página 33 da edição nº 4, ano 8, na matéria "Os Melhores de 1993", o box com as "Jacas do Ano". Achei de extremo mau gosto e o vocabulário e a ironia são excessivos, tendendo àqueles usados por revistas dirigidas a um público-alvo que não é o de SET. No mais, a revista contém boas informações e parece estar sempre..."caminhando".

Tales Santeiro
(Franca – S.P.)

O novo design de SET (a partir da edição nº 3, ano 8), apesar de mais moderno, tirou um pouco do "charme" desta revista, principalmente na seção *Videolançamentos* (agora com o nome de *Caderno de Vídeo*), que ficou confuso e sem graça, pois não há mais as cores separando os gêneros e, no lugar, deixaram os fundos em branco.

Adriano Serra
(São Paulo – SP)

Fanzine

A Redação registra o recebimento de um ótimo fanzine enviado por Télio Leal Navega Júnior. Com textos e diagramações bem-cuidados, o nº 2 do Fanzine Rosebud *tem matérias sobre a festa do Oscar/94, Steven Spielberg e uma homenagem a Charles Bukowski, além dos recentes lançamentos em cinema e vídeo. Sua sede fica em Niterói e pode ser adquirido pelo telefone (021) 611-2812. Endereço para correspondência: Rua Lopes Trovão, 118, apto 201, Bl. A, CEP 24220-071. Vale a pena conferir.*

Correio Entre os Leitores

Troco correspondência com fãs da série *Jornada nas Estrelas* que tenham scripts originais para vender.

Moacy dos Santos
Rua do Mamoeiro, 3-E, Santa Cruz, CEP 41925-530
(Salvador – BA)

Vendo pôsteres, fotos e entrevistas de Tom Cruise, Madonna, Olivia Newton-John, Michael J. Fox e Barbra Streisand.

Elenice Arantes
Caixa Postal 1401, CEP 14001-970
(Ribeirão Preto – SP)

Troco correspondência com fanáticos por cinema e vídeo para adquirir pôsteres de cinema.

Marcelo R. Garcia
Rua Londres, 960, Canudos, CEP 93542-160
(Novo Hamburgo – RS)

Procuro pessoas interessadas em animação japonesa e na extinta série *Ultra Man*. Também gostaria de adquirir alguns episódios dessa telessérie.

Oscar Palma Lima
Rua Piemonte, 411, Bandeirantes, CEP 31310-000
(Belo Horizonte – MG)

Compro a edição nº 2, ano 7, de SET e quero entrar em contato com pessoas que possuam as trilhas sonoras de *Ligações Perigosas*, *Romeu e Julieta*, *A Época da Inocência* e *O Último dos Moicanos*.

Fernanda Oliveira Zambelli
Rua Bom Jesus, 670, apto 122, CEP 13417-000
(Piracicaba – SP)

Troco correspondência com fãs de Robert De Niro e compro a trilha de *New York, New York*.

Daniel O. Vilas Boas
Rua São José, 448, Esplanada, CEP 48370-000
(Salvador – BA)

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editores-Assistentes: Deborah Peleias, Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editores-Assistentes de Arte: Maria Amélia de Azevedo, Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição: Texto: Alexandre Agabiti Fernandez, Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Barcinski (Nova York), Carlos Reichenbach, Carolina Marinho, Celso Fioravante, Cesar Garcia Lima, Claudia Visoni, Edson Arantes, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Helena Salem, Inácio Araujo, José Júlio do Espírito Santo, Lauro Machado Coelho, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Niki Nixon, Paula Medeiros, Sergio Rizzo, Walter de Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fábio Gomes Dias, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592,** edição 84, de junho/1994. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Post Script Artes Gráficas, Fotoline Ltda, Birô de Processamento de Texto e Imagem Ltda.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo caderno de vídeo com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/ FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em *O Pagamento Final*; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, *Muito Barulho por Nada* e *A Doce Vida*.

Nº 79/ JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

Nº 78/DEZEMBRO 93
Radiografia do mercado de vídeo; homenagens a Fellini, Vincent Price e River Phoenix; em vídeo, *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Nº 77/NOVEMBRO 93
Van Damme protagoniza *O Alvo*, do chinês John Woo; Martin Scorsese em entrevista exclusiva; em vídeo, *Metrópolis* e *Gigi*.

Nº 76/OUTUBRO 93
Visita ao set de *O Fugitivo*; Clint Eastwood e John Malkovich em *Na Linha de Fogo*; em vídeo, o *Blade Runner* integral e *Alien* ³.

Nº 75/SETEMBRO 93
Tom Cruise em *A Firma*; entrevista com Meg Ryan; em vídeo, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Çidade*.

Nº 74/AGOSTO 93
Sharon Stone em *Invasão de Privacidade*;os efeitos de *Jurassic Park*; em vídeo, *Perfume de Mulher*, *Perdas e Danos* e *Drácula*.

Nº 73/JULHO 93
Festival de Cannes; Stallone fala sobre *Risco Total*; Johnny Depp; em vídeo, *Soldado Universal* e *Duplo Impacto*, com Van Damme.

Nº 72/JUNHO 93
Dossiê completo sobre *Jurassic Park* e os dinossauros no cinema; *making of* de *Aladdin*; em vídeo, *Nosferatu* e *King Kong*.

ATENÇÃO: A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

SET

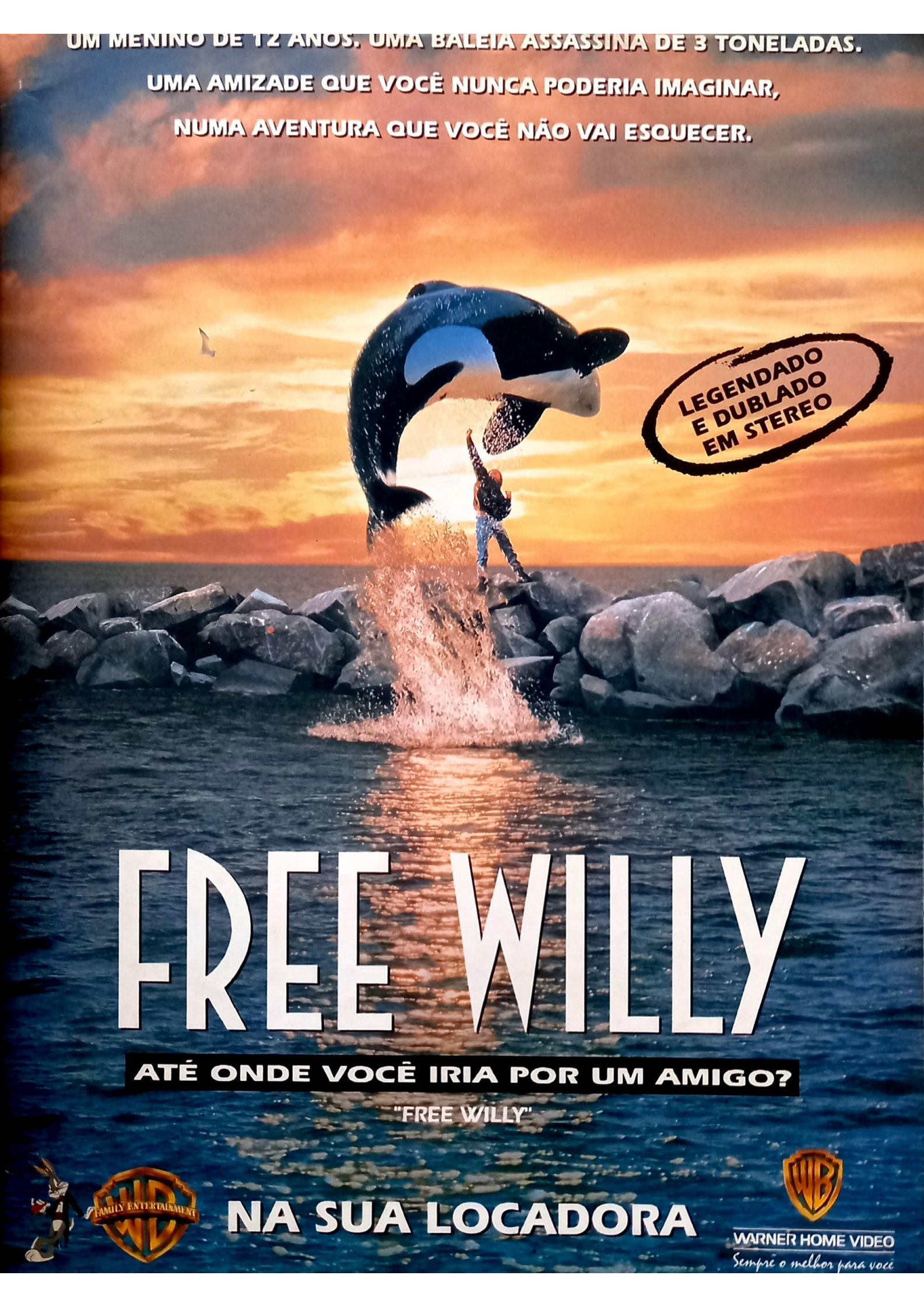
45 ANOS ATRÁS!

Marlon Brando, no frescor dos 25 anos, em foto publicitária para seu primeiro filme: *Espíritos Indômitos* (*The Men*, 1950), de Fred Zinnemann

UM MENINO DE 12 ANOS. UMA BALEIA ASSASSINA DE 3 TONELADAS.

UMA AMIZADE QUE VOCÊ NUNCA PODERIA IMAGINAR,

NUMA AVENTURA QUE VOCÊ NÃO VAI ESQUECER.



FREE WILLY

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA POR UM AMIGO?

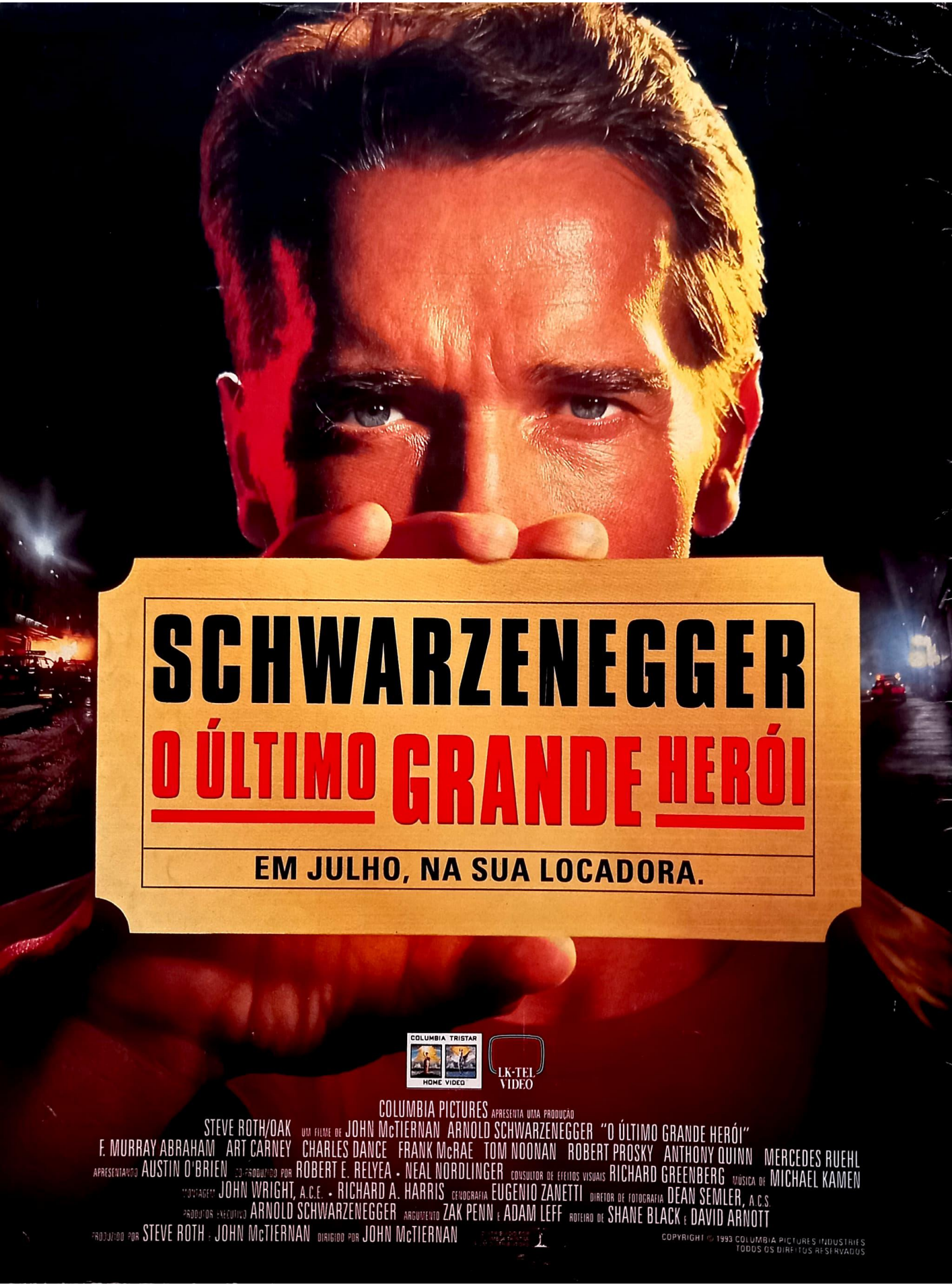
"FREE WILLY"

FAMILY ENTERTAINMENT

NA SUA LOCADORA

WARNER HOME VIDEO

Sempre o melhor para você


SCHWARZENEGGER
O ÚLTIMO GRANDE HERÓI
EM JULHO, NA SUA LOCADORA.
COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO
LK-TEL VIDEO
COLUMBIA PICTURES APRESENTA UMA PRODUÇÃO
STEVE ROTH/OAK UM FILME DE JOHN McTIERNAN ARNOLD SCHWARZENEGGER "O ÚLTIMO GRANDE HERÓI"
F. MURRAY ABRAHAM ART CARNEY CHARLES DANCE FRANK McRAE TOM NOONAN ROBERT PROSKY ANTHONY QUINN MERCEDES RUEHL
APRESENTANDO AUSTIN O'BRIEN CO-PRODUZIDO POR ROBERT E. RELYEA . NEAL NORDLINGER CONSULTOR DE EFEITOS VISUAIS RICHARD GREENBERG MÚSICA DE MICHAEL KAMEN
MONTAGEM JOHN WRIGHT, A.C.E. . RICHARD A. HARRIS CENOGRAFIA EUGENIO ZANETTI DIRETOR DE FOTOGRAFIA DEAN SEMLER, A.C.S.
PRODUTOR EXECUTIVO ARNOLD SCHWARZENEGGER ARGUMENTO ZAK PENN E ADAM LEFF ROTEIRO DE SHANE BLACK E DAVID ARNOTT
PRODUZIDO POR STEVE ROTH . JOHN McTIERNAN DIRIGIDO POR JOHN McTIERNAN
COPYRIGHT © 1993 COLUMBIA PICTURES INDUSTRIES
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS